

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

***“O caba chega aqui modifica um troço, vai pra lá modifica  
outro”***: Subjetividade Migrante e Mudança Política.

JOSÉ PEREIRA DA SILVA

Campina Grande – PB

Fevereiro – 2000

JOSÉ PEREIRA DA SILVA

*“O caba chega aqui modifica um troço, vai pra lá modifica outro”*:  
Subjetividade Migrante e Mudança Política.

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba como exigência para a obtenção do título de mestre em Sociologia.

Área de concentração: Sociologia Rural

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Campina Grande – PB

Fevereiro – 2000



S586c Silva, José Pereira da.  
"O caba chega aqui modifica um troço, vai pra lá  
modifica outro" : subjetividade migrante e mudança política  
/ José Pereira da Silva. - Campina Grande, 2000.  
205 f.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade  
Federal da Paraíba, Centro de Humanidades, 2000.

"Orientação : Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque  
Júnior".

Referências.

1. Migrantes - Trabalhadores Rurais. 2. Migração -  
Nordeste - Brasil. 3. Migrantes - Paraíba. 4. Migrantes -  
Mudanças Sociais. 5. Dissertação - Sociologia. I.  
Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. II. Universidade  
Federal da Paraíba - Campina Grande (PB). III. Título

CDU 323.3:63-051(043)

JOSÉ PEREIRA DA SILVA

***“O caba chega aqui modifica um troço, vai pra lá modifica***

***outro”***: Subjetividade Migrante e Mudança Política.

Dissertação apresentada em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

Comissão examinadora:

---

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior

---

Prof. Dr. Valdinei Veloso Gouveia

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilda Aparecida de Menezes

**DEDICATÓRIA:**

*A todos os migrantes que  
acreditaram em seus sonhos e  
transformaram a sua história em um  
acontecimento singular.*

## *As Pombas\**

*Vai-se a primeira pomba despertada...  
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas  
De pombas vão-se dos pombais, apenas  
Raia sangüínea e fresca a madrugada...*

*E à tarde, quando a rígida nortada  
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,  
Ruflando as asas, sacudindo as penas,  
Voltam todas em bando e em revoada...*

*Também dos corações onde abotoam,  
Os sonhos, um por um, célebres voam,  
Como voam as pombas dos pombais;*

*No azul da adolescência as asas soltam,  
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,  
E eles aos corações não voltam mais...*

*\*Soneto de Raimundo Correia retirado da **Antologia de Poesia Brasileira; realismo e parnasianismo**. São Paulo: Ática, 1988.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho. Fazendo comentários e emitindo opiniões sobre nossa pesquisa, possibilitaram outras reflexões importantes. Porém, é impossível citar todas essas pessoas neste momento. Por isso, citaremos aquelas que, diretamente, colaboraram para o resultado final de nossa dissertação de mestrado.

- Agradeço à minha família pelo apoio constante, em especial aos meus pais que foram e me fizeram migrante; tornando minha experiência de vida diversificada e singular.

- A Durval Muniz (orientador), que com sua forma *diferente* de conduzir a orientação, permitiu vãos, sonhos e delírios, com uma paixão e rigor científico que me permitiu enxergar novas possibilidades dentro do meu trabalho; como também me apaixonar pelo tema.

- À Tereziana Ilma pela colaboração em São Sebastião de Lagoa de Roça, me ajudando nos contatos com as pessoas da cidade. Com paciência e sorriso soube possibilitar encontros com pessoas que tinham muito a dizer sobre sua história e a da sua cidade.

- Ao padre Lourildo Soares por me receber e falar dos projetos da Igreja na região do agreste/brejo paraibanos.

- Ao ex-prefeito de Lagoa de Roça, Alípio Bezerra de Melo, que também colaborou ao me receber e falar da sua história política em São Sebastião de Lagoa de Roça.

- Ao atual prefeito, Antônio Pedro dos Santos, que permitiu o nosso acesso as diversas repartições da prefeitura para colhermos dados para a nossa pesquisa.

- À Elisabete Agra por me acompanhar na escrita, me orientando na arte de *como escrever*, lendo os meus escritos e dando sugestões.

- Aos colegas de turma: Chico, Cleídes, Mardem, Emmanuel, Socorro, Teresa e Vanderlam que dividiram comigo as angústias e as alegrias da vida acadêmica. Agradecimento especial à Socorro pelos contatos que possibilitou com alguns parentes seus em Lagoa de Roça.

- Aos colegas da turma de 96: Célia, Clodoaldo, Iolanda, João, Jomar, Jussara, Nerize, Rilma, Rosário e Vandilo, por termos compartilhado de vivências comuns.

- Aos funcionários do mestrado: Verinha, Rinaldo e em especial a Joãozinho, que é mais que um secretário. Com sua amizade e carinho possibilitou um entendimento prático das políticas da pós-graduação, ajudando a vida dos mestrandos.

- À Cássia Lobão, pelo empenho e atenção quando da correção gramatical da dissertação.

- À CAPES, pelo financiamento de nossa permanência no mestrado.



## RESUMO

Ao longo deste trabalho a migração e o migrante são abordados de forma multifacetada, numa tentativa de quebrar estereótipos presentes em outros estudos sobre esse tema. Ao final dessa análise, percebemos que os migrantes, ao retornarem, trazem novas visões, novas maneiras de lidar com velhos problemas. Estando fora e não precisando dos favores das lideranças locais, os migrantes estão mais à vontade para questionar essas administrações. Nesse contexto de transformação, os moradores da zona rural do município se revelaram como personagens centrais na mudança; isso pela fato da relação de proximidade que mantêm com os migrantes que *vão e vêm* com frequência à cidade.

Assim, apresentamos neste trabalho uma análise sobre as influências da migração na mudança da liderança política em São Sebastião de Lagoa de Roça-PB. Para essa análise colhemos informações de várias fontes: história de vida dos migrantes e dos moradores da cidade, documentos públicos, músicas do cancioneiro popular, etc. Em todas essas fontes buscamos estudar como a migração é um fenômeno social que transforma o migrante, que por sua vez transforma as coisas à sua volta. Para isso, abordamos a subjetividade na perspectiva da *Análise do Discurso*, privilegiando os motivos subjetivos da migração.

## RESUME

Au long de ce travail, nous abordons la migration et le migrant sous de multiples facettes, dans la tentative de briser les stéréotypes présents dans d'autres études sur ce thème. À la fin de cette analyse, nous percevons que les migrants, quand ils reviennent, apportent de nouvelles visions, de nouvelles formes de traiter de vieux problèmes. Quand ils sont à l'extérieur et n'ont pas besoin des faveurs des élites locales, les migrants sont plus à l'aise pour questionner ces administrations. Dans ce contexte, les habitants de la zone rurale se sont révélés comme des personnages centraux de ce changement, par le fait de la relation de proximité qu'ils maintiennent avec les migrants qui vont et viennent fréquemment à la ville.

Nous présentons ainsi dans ce travail une analyse des influences que la migration exerce sur les changements de leadership politique à São Sebastião de Lagoa de Roça, municípe de la Paraíba. Pour cette analyse, nous avons recueilli des informations de diverses sources : histoires de vie des migrants et des habitants de la ville, documents publics, musiques du chansonnier populaire, etc. Dans toutes ces sources, nous avons essayé d'étudier la migration comme phénomène social qui transforme le migrant, qui à son tour transforme son entourage. Pour ce faire, nous avons abordé la subjectivité dans la perspective de l'*Analyse du Discours*, privilégiant les motifs subjectifs de la migration.

## SUMÁRIO

Introdução .....	11
<b>Capítulo I: As Causas e os Motivos do Processo Migratório</b>	
1.1 - As Causas da Migração .....	27
1.2 - A busca por ' <i>um lugar</i> ' é um motivo subjetivo? .....	45
1.3 - Os Motivos Subjetivos da Migração .....	53
<b>Capítulo II: As Vivências Marcantes e Marcadas do Migrante</b>	
2.1 - Produções subjetivas sobre um Rio distante .....	69
2.2 - As Marcas de um Primeiro Encontro .....	89
2.3 - Criando espaços de circulação em <i>Rio</i> e em <i>Lagoa</i> .....	107
<b>Capítulo III: Transformação Política <i>versus</i> migração: análise dos elementos determinantes da mudança.</b>	
3.1 - A Mudança e os Migrantes: velhas afinidades em um "novo tempo"...	120
3.2 - A Festa de São Sebastião: estar na festa é ser mediador da "mudança" .....	132
3.3 - A " <i>prática social</i> " do padre e a " <i>prática religiosa</i> " do prefeito .....	146
3.4 - Visibilidade das Mutações na Subjetividade Migrante .....	167
Considerações Finais .....	178
Bibliografia .....	182
Discografia.....	192
Anexos .....	193

## INTRODUÇÃO

Fazer a introdução de praxe num trabalho acadêmico, no nosso caso em particular, tornou inevitável o reviver de toda uma trajetória enfrentada: por conseguinte, o desbravamento dos caminhos pioneiros, mediante principalmente a desconstrução de algumas possibilidades e a reinvenção de outras, norteiam essas linhas preliminares. Principalmente no que diz respeito às dificuldades referentes às definições teórico-metodológicas iniciais e a busca de uma orientação que correspondesse aos nossos objetivos de pesquisa. Diante da influência desses obstáculos iniciais no resultado final da presente dissertação, a nossa tarefa nesse momento será de certa forma tão instigante quanto a própria escrita do corpo do trabalho.

Porém, é válido salientar desde já que, ao reconhecermos as várias dificuldades que enfrentamos, reconhecemos também o quanto elas foram frutíferas à medida que nos possibilitou um aprofundamento maior no nosso objeto e campo de pesquisa. Somente em função desses desafios é que foi possível o surgimento de um trabalho coerente com os objetivos que nos propomos alcançar.

Em nosso trabalho nos propomos apontar a migração como uma das causas da mudança política em São Sebastião de Lagoa de Roça-PB. Nossa análise partiu dos elementos internos e externos da comunidade, mas especificamente buscando explicar como o processo migratório mudou a

liderança política que vinha exercendo o poder há mais de 40 anos na cidade. Essa posição implica ver o migrante de forma diferente dos estudos que já foram feitos. Na verdade, sempre nos incomodou, como migrantes que somos, essa visão “tradicional” do migrante enquanto um sujeito marcado pelas imposições de uma sociedade capitalista; que é obrigado a se integrar nos padrões da cidade grande e que não consegue se desvencilhar das determinações macrossociais que inevitavelmente o marginalizam.

Buscamos recortar o migrante enquanto um sujeito dotado de desejos, sonhos e com um “poder” capaz de transformar algumas estruturas sociais. Sujeito esse com uma intencionalidade no mundo e que busca incessantemente dar sentido as coisas a sua volta. Em função dessa necessidade, o migrante produz novos sentidos para si e para os outros. Geralmente esses novos sentidos são dirigidos para uma vida melhor.

Antes de ingressarmos no mestrado já tínhamos uma preocupação relacionada com esse tema: nas visitas que fazíamos a vários municípios do interior paraibano em função de um trabalho que realizávamos<sup>1</sup>, encontramos cidades marcadas pela dominação de grupos políticos que fazem da função administrativa um emprego, uma profissão em benefício próprio. Verificamos em **São Sebastião de Lagoa de Roça**, cidade do agreste

---

<sup>1</sup> No período de 1990 a 1996, produzíamos um programa chamado “**Pelos Caminhos da Paraíba**”, na TV PARAIBA em Campina Grande. Visitávamos várias cidades do interior paraibano. Para edição desse programa, buscávamos características, histórias etc. Nosso interesse pela situação dos municípios paraibanos começou daí. Percebíamos frequentemente como a situação era difícil e, ao mesmo tempo, percebíamos que os prefeitos tinham condições de resolver os problemas e não resolviam. Em Lagoa de Roça, no ano de 1994, nos deparamos com uma questão que se transformou numa polêmica e terminou nos chamando atenção para analisar os possíveis efeitos da migração na política da cidade (a polêmica do Cristo Redentor, que estaremos discutindo em nossa dissertação).

paraibano, uma “mudança” da liderança política que nos chamou atenção pelo fato de estar relacionada, ao nosso olhar, com os efeitos da migração. Daí nos ocorreu a percepção de que estudando essa cidade teríamos condição de mostrar a migração e o migrante em uma nova perspectiva, com novos sentidos, com outros olhares, através da análise de *outros* discursos.

Trazemos a marca de migrante e isso nos aproxima do nosso tema. Eu e meus irmãos nascemos na cidade do Rio de Janeiro, porém viemos para Campina Grande-PB ainda pequenos e foi nessa cidade que crescemos. Essa marca é um referencial importante pois também nos ajuda a compreender um pouco mais afetivamente o nosso objeto de pesquisa.

Foi justamente nos anos cinquenta que Seu João e Dona Maria (meus pais), jovens recém-casados, seguiram para o Rio de Janeiro com vários sonhos nas malas: constituir família, ganhar dinheiro, ter uma vida mais digna. Desbravaram todas as dificuldades e realizaram a viagem: no bairro da Tijuca, na Chácara do Céu (morro), a cidade do Rio de Janeiro se torna realidade na vida do casal.

Pouco tempo depois, o casal já percebia as dificuldades e todos os problemas que ameaçavam as suas vidas e dos seus filhos ainda pequenos. Constantemente reavaliavam as condições para saber se ainda era possível continuar ali. A cada dia essas dificuldades iam se agigantando e parecia cada vez mais óbvio, para João e Maria que tinham a família como algo muito importante, que voltar seria a única solução.

No final da década de 70, resolvem regressar certos de que ficariam em sua cidade natal e que o Rio de Janeiro seria apenas uma

grata lembrança. Nesse momento tinham quatro filhos, três homens e uma mulher: Martins, Zeneida, José e Antônio Carlos. Dos quatro, o José (eu) consegue incorporar, de forma visível em seu nome, as marcas da nordestinidade, representando mais um Zé da Paraíba, ainda que nascendo no Rio de Janeiro. Dona Maria teve um parto difícil dele e fez então uma promessa de colocar o nome do santo (São José) para que tudo fosse normal. Hoje esse Zé busca singularizar-se diante de outros nomes que no senso comum não representam a categoria de migrante, mas também estão marcados pelos traçados dos processos migratórios. Zé, pleiteando o título de mestre nesse momento, quer simbolizar todos os Zés esquecidos *no e à beira* do caminho que trilharam em busca de dias melhores pelas estradas deste país.

De volta, em Campina Grande, João e Maria passam a enfrentar outros problemas. Se no Rio de Janeiro havia uma facilidade em encontrar trabalho, agora em Campina Grande essa facilidade não existe. Até a nova adaptação, o casal passa por algumas privações.

Porém conseguiram educar todos os filhos, alimentá-los e trabalhar para continuar mantendo a família. E hoje sempre comentam sobre aquela decisão que tomaram anos atrás; acreditam que se naquele momento aquela decisão não tivesse sido tomada hoje as coisas seriam muito diferentes. As notícias que recebem de seus conterrâneos que ainda moram lá não são muito boas: filhos que morreram em tiroteios, viraram bandidos etc. Essas notícias angustiam, mas garantem a Seu João e Dona Maria que a decisão foi acertada.

O "sucesso" de todos os filhos também é um outro elemento que reforça a decisão do casal: acreditar numa vida melhor na cidade de origem, nos laços familiares e não temer as adversidades são posturas importantes para os migrantes, são garantias de sua sobrevivência material e psicológica.

Dessa forma, nos colocamos também como elemento de análise dentro do tema que estamos nos propondo a estudar. O migrante tem condição de transformar a sua vida em algo *vivível* aqui mesmo em sua terra; pode transformar estruturas locais através de sua força e de sua vontade de mudança porque quem migra tem essa vontade, esse desejo mais aguçado.

Ao reconhecermos a necessidade dessa visão do migrante para a nossa pesquisa, fomos obrigados a rever o conjunto teórico-metodológico que havíamos definido.

No início do mestrado, estávamos certos, em função de nossa orientação, de que uma análise marxista do problema seria perfeitamente possível. Uma articulação entre os aspectos macros da sociedade e as relações de poder estabelecidas na cidade do migrante, seria uma perspectiva interessante. A idéia de *ideologia* e a noção de *representações sociais* eram caminhos importantes a serem seguidos.

Ao trilhar tais caminhos sentíamos que estávamos, assim como tantos outros trabalhos, enquadrando o migrante em categorias que limitavam o entendimento de sua ação nas artimanhas do tecido social. Mais uma vez, ainda que tivéssemos uma intenção de ver o migrante de outra



forma, a demarcação teórica que tínhamos escolhido nos empurrava na direção de estereótipos sobre o migrante.

Esse momento foi crucial porque nos inquietava muito à medida que não encontrávamos respostas para as perguntas que tínhamos feito, e essa inquietude nos aguçava. Ficavam sem respostas algumas indagações, como por exemplo, ***em que medida a comunidade local do migrante é transformada em palco de lutas e de mudança?***

Essa inquietação nos colocou em contato com outras possibilidades para compreensão do nosso problema. Em disciplina por nós freqüentada, ***Identidade, migração e cultura***<sup>2</sup>, tivemos acesso a uma bibliografia básica que nos orientou para um novo caminho, possibilitando captar em sua plenitude o objeto que nos propomos estudar.

Uma primeira constatação foi perceber que buscando as ***subjetividades***, ao invés de nos preocuparmos com as ideologias ou representações migrantes, poderíamos captar outra dimensão na experiência migrante que ainda não foi satisfatoriamente estudada. Mas, mesmo assim, foi necessário buscar uma abordagem que privilegiasse a subjetividade numa perspectiva social e histórica. Uma subjetividade como sendo construção, interação, relação etc.

A leitura de alguns autores que usam a categoria ***subjetividade*** como elemento de análise dos fenômenos sócio-culturais tornou possível o redimensionamento do tema, a partir do discurso do próprio migrante. Faz-se

---

<sup>2</sup> Disciplina lecionada pelo Professor Durval Muniz de Albuquerque Jr., Mestrado em Sociologia Rural UFPB-CG(1997).

necessário um aporte teórico que “devolvesse” a fala e a ação ao migrante, tornando-o sujeito nas questões da sua comunidade. Se assim não fizéssemos, não conseguiríamos captar a singularidade do grupo de migrantes que nos propomos estudar.

A Escola Histórico-Estruturalista, que privilegia os aspectos macros nos estudos da migração, busca na metodologia das Representações Sociais o seu recurso de análise. Ao entendermos que as Representações Sociais são um conhecimento elaborado socialmente que tem intenção prática, concorrendo para a construção de uma realidade comum para um grupo (JODELET, 1998:106), percebemos que elas buscam identificar o que homogeneizou-se, tornou comum; e assim elas perdem de vista o que se desviou, o que tornou-se diferente. Essa idéia nos faz lembrar do que Roberto Machado fala com relação ao pensamento de Foucault: *um pensamento seduzido pela diferença*.

Precisávamos questionar essa visão estruturalista para avançarmos em nossa análise. Até porque o próprio conceito de migrante foi refeito por nós, lhe atribuímos variações que a atualidade da análise reivindica. Sabemos que mesmo se recortássemos somente a categoria *migrante* para análise, ainda assim iríamos ter heterogeneidades gritantes. É claro que há diferenças culturais, sociais, psicológicas etc. que nos impossibilitam a adoção de uma abordagem Estruturalista. Isso pelo fato de acreditarmos que ao estudar uma temática desta magnitude vamos encontrar o migrante atravessado por *diferenças*. Por isso não teria sentido agrupar essas diferenças, em seguida fazer um mapeamento delas. Essas diferenças são resultado das várias

vivências dos migrantes na cidade do Rio de Janeiro e também em Lagoa de Roça. Cada migrante percebe e vive determinadas situações de forma diferenciada. E essas diferenças vão se sedimentando ao longo do tempo. Por esse motivo se faz necessário uma cartografia ao invés de um mapeamento do **desejo migrante** a partir dessas diferenças culturais, regionais, sociais e psicológicas. Na cartografia identifica-se as construções, produções subjetivas dos migrantes, buscando através da análise a compreensão/explicação desse fenômeno social (migração) em São Sebastião de Lagoa de Roça.

Nesse percurso de discussão teórico-metodológica fomos percebendo que a partir de uma cartografia da subjetividade migrante íamos ter condições de compreender as transformações/mutações subjetivas decorrentes das diversas práticas dos migrantes e moradores de Lagoa de Roça. Dentro dessa visão, foi necessário também revermos o conceito de **inconsciente** na Psicanálise para em seguida apresentar a crítica feita por DELEUZE e GUATTARI. Para esses autores o funcionamento do inconsciente é semelhante a de uma usina e não de um teatro como quer a Psicanálise. Isso significa dizer que é uma questão de produção (**produção de subjetividades**) e não de representação.

Nessa perspectiva, a chave para o entendimento do inconsciente e as implicações sociais dele reside na produção de subjetividades. O inconsciente seria uma espécie de local onde os registros sociais passariam por um processo "industrial"; no final, transformar-se-ia em um produto eminentemente social: **as subjetividades**. Dessa forma, a idéia de inconsciente aqui empregada refere-se aos autores citados. Ou seja, um inconsciente

maquínico em oposição ao inconsciente freudiano. Um inconsciente que **produz** subjetividades em detrimento a um outro que só **representa** essas subjetividades.

Por esse fato e para nossa análise, achamos limitada a abordagem metodológica que privilegia as *representações sociais*<sup>3</sup> como recurso para entender a **subjetividade migrante**. Porque na experiência migrante há diversos processos de subjetivações onde o *sujeito* vai cotidianamente revendo, mudando, alterando os seus valores e costumes. Vai, dessa forma, subjetivando essas vivências nos diversos espaços por onde circula. Essas subjetivações correspondem a transformações nas subjetividades que em alguns casos são *sui generis*. Ou seja, não é uma acumulação é produção, reprodução, transformação, mutação nos processos de subjetivação e, conseqüentemente, nas subjetividades.

Ao fazer essas constatações importantes optamos pela metodologia da **Análise do Discurso**. A partir daí foi necessário revermos essa abordagem como forma de aprofundamento, para que nossa pesquisa pudesse ter o êxito esperado. Digo rever porque fizemos nossa graduação em Psicologia (UEPB-CG) e nos especializamos em Psicologia Social. E foi

---

<sup>3</sup> Apesar de nossa posição teórica e metodológica temos consciência da importância das *Representações Sociais*. Sabemos que a partir de Serge Moscovici, psicólogo francês, houve uma redefinição dos problemas e conceitos da Psicologia Social norte americana; disciplina que mesmo se pretendendo *social*, limitava-se ao estudo dos processo psicológicos individuais. Moscovici inaugura uma nova Psicologia Social com uma dimensão psicossociológica a partir das representações sociais. Essa abordagem designa não só um conjunto de fenômenos e os conceitos referentes a eles, mas também uma teoria construída para explicá-los. Outros estudos podem necessitar de uma abordagem como essa.

justamente a partir de uma nova abordagem dentro da Psicologia Social que a Análise do Discurso teve um referencial importante. A articulação entre os fenômenos sociais e a subjetividade é mediada pela linguagem. O entendimento desse nível lingüístico foi acessível através da Psicologia Social. (aspectos importantes da Psicologia para entender a linguagem e o discurso são: cognição, pensamento, aprendizagem etc.)<sup>4</sup>.

Acontece que o estudo realizado durante a graduação não foi satisfatório para nós porque não atingiu os objetivos de compreensão da Análise do Discurso. Em função disso sentimos a necessidade de revisão e aprofundamento dessa abordagem durante o mestrado, para que a nossa pesquisa pudesse ter o sucesso esperado.

Nessa revisão percebemos a profundidade e pertinência da proposta foucaultiana de produção do conhecimento. Ao sugerir o desaparecimento das categorias de Ciência e de Epistemologia, Foucault apresenta um correlato: um novo objeto (o saber) e um novo método (a arqueologia). Ou seja, demonstra a necessidade de entendermos a produção de conhecimento a partir de sucessivos deslocamentos que instalam uma provisoriedade e garantem uma reflexão assumida pela análise (MACHADO, 1982).

Essas reflexões nos fez perceber que a língua é um fato

---

<sup>4</sup> Representantes importantes desta tendência na Psicologia são Piaget e Vigotski. Esse último tem vários trabalhos sobre a linguagem e o pensamento; *A Formação Social da Mente* é um trabalho importante porque critica a idéia piagetiana de fases determinadas para o desenvolvimento intelectual da criança. Vigotski mostra, neste trabalho, como a nossa mente tem como base de formação as nossas experiências sociais.

social que tem como base a necessidade de comunicação entre os homens. A partir daí o discurso<sup>5</sup> surge como uma articulação entre os processos ideológicos (idéias) subjetivos e os fenômenos lingüísticos. Dessa forma, o discurso adquire condição de objeto e materialidade; e o sujeito é visto como detentor de um discurso com condições históricas concretas. Esse discurso passa a ser o espaço de articulação entre um saber e um poder já que quem fala, fala de algum lugar, para alguém, a partir de um lugar reconhecido socialmente.

Essa tendência da análise do discurso traz uma reflexão sobre a significação e as considerações sócio-históricas de produção do discurso. Nessa reflexão o lingüístico é o lugar, o espaço da materialidade, o referencial do homem em se fazer sujeito. Um sujeito concreto, histórico, porta-voz de um amplo discurso social (BRANDÃO, 1998).

Segundo Foucault, a *análise do discurso* tem a função de analisar os elementos do discurso que se encontram dispersos e reivindicar a sua passagem para a regularidade. Essa regularidade será atingida pela análise dos enunciados que constituem qualquer formação discursiva. Uma idéia que nos obriga a diferenciar o enunciado da enunciação: para Foucault o enunciado pode se repetir e ele funciona como a unidade lingüística básica. Já a enunciação jamais se repete e é marcada pela singularidade, ou seja, a

---

<sup>5</sup> "Foucault (1969) concebe os discursos como uma dispersão, isto é, como sendo formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade. Cabe à análise do discurso descrever essa dispersão, buscando o estabelecimento de regras capazes de reger a formação dos discursos" (BRANDÃO, 1998:28).

enunciação caracteriza-se por diferentes formas de *jogos enunciativos* que singularizam o discurso.

Todas essas reflexões anteriores a nossa pesquisa foram importantes para nos nortear de forma mais clara nos nossos objetivos de pesquisa. Esse trabalho bibliográfico foi tão importante que nos rendeu um trabalho científico intitulado "***Subjetividade e Migração: uma opção teórico-metodológica***"<sup>6</sup> que apresentamos no X Encontro Nacional de Psicologia Social realizado na cidade de São Paulo (USP) em outubro de 1999. Esse encontro nos ajudou muito na consolidação das nossas idéias; pois as discussões de que participamos serviram para garantir que estávamos no caminho "certo".

Vencida essa etapa de definições teóricas e metodológicas passamos a analisar o nosso campo de pesquisa. Em função das definições que fizemos e da proposta de entender o migrante de forma diferenciada em relação aos estudos anteriores sobre os migrantes e a migração, partimos para eleger os nossos informantes.

Nossa perspectiva nos fez recortar o universo de pesquisados buscando a sua heterogeneidade. Por isso entendemos que aquelas pessoas que nunca migraram também têm participação nesse processo. Assim, optamos em entrevistar não somente os migrantes mas também os moradores da cidade de São Sebastião de Lagoa de Roça que nunca saíram

---

<sup>6</sup> ***Subjetividade e Migração: uma opção teórico-metodológica***. Programa Científico e Resumos do X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social. P.176-177. (Anais).

de lá, bem como pessoas que, morando definitivamente na cidade, no passado já viveram na cidade do Rio de Janeiro.

Nosso universo de entrevistados, fora aquelas pessoas com as quais conversamos informalmente em nossas visitas à cidade, foi de 21 pessoas. Sete (7) são moradores que nunca saíram da cidade; sete (7) são moradores residentes na cidade e que no passado já moraram no Rio de Janeiro, ou seja, já viveram a experiências da migração; quatro (4) são *migrantes em trânsito*, ou seja, visitam freqüentemente a cidade todo ano.<sup>7</sup> E, encerrando esse universo de pesquisados, também buscamos informações com três personagens centrais na história da mudança política em Lagoa de Roça: o ex-prefeito Alípio Bezerra de Melo, o Padre Lourildo Soares e o atual prefeito Antônio Pedro dos Santos.

Primeiro percebemos que os migrantes de Lagoa de Roça residentes no Rio de Janeiro só poderiam ser encontrados na cidade em duas épocas: São João e Festa do Padroeiro<sup>8</sup>. Nossa primeira tentativa foi encontrá-los nos festejos juninos do ano de 1997, porém, em função de problemas de falta de água e de colheita, muitos não vieram. Nossa tentativa nesse momento foi frustrada, pois só encontramos uma pessoa aqui, outra ali e não conseguimos reunir um número significativo de migrantes. O período de seca que já se apresentava nesse momento foi a justificativa para a

---

<sup>7</sup> Esse aspecto foi um critério importante na seleção desses migrantes porque não nos interessaria aquelas pessoas que não mantivessem contato permanente com a comunidade. Ainda que em condição de migrante algumas pessoas não têm essa relação de proximidade com a cidade.

<sup>8</sup> O dia de São João é comemorado em 24 de junho; já o dia de São Sebastião é 20 de janeiro.



ausência dessas pessoas; já que esse momento deveria ter fartura na colheita para que fossem usufruídas pelos visitantes.

Os moradores com os quais mantivemos contato sugeriram que esperássemos a Festa do Padroeiro em Janeiro, porque todos que estão fora voltam para as homenagens a São Sebastião.

Conforme informação dos moradores, comprovamos a grandiosidade da festa de São Sebastião; acompanhamos a procissão ao santo, em Janeiro de 1998. Uma grande multidão lota as ruas da cidade que vive um momento ímpar durante os festejos. Os conterrâneos que moram no Rio são maioria na cidade durante o mês janeiro. Muitos deles optam por vir só em janeiro ao invés de dezembro, apesar da tradição do Natal, segundo a maioria justamente pela importância que a festa adquiriu para essas pessoas.

Em função da amizade que tínhamos com algumas pessoas; e dos novos contatos entabulado, não foi difícil encontrar migrantes que visitam freqüentemente a comunidade. Assim, consideramos como migrantes em trânsito os seguintes informantes: Genival Batista Mendes, 55 anos; Inácio Fernandes de Sousa, 48 anos; Roberto Heleno Sampaio, 36 anos e Antônio Manoel Xavier, 48 anos. Todos eles moram na cidade do Rio de Janeiro. A dificuldade foi reunir a todos, já que pretendíamos uma entrevista em grupo. Quando estão aqui visitam freqüentemente todos os parentes e amigos nos sítios do município. Isso impedia o nosso encontro com eles. Foram marcados vários encontros e, quando chegávamos lá, eles tinham ido para os sítios ou para outras localidades próximas. Porém, um dia tivemos a sorte de encontrá-los

juntos em um bar da cidade. Para aproveitar a ocasião, a entrevista em grupo foi realizada ali mesmo no Bar de Daniel e regada a algumas cervejas. A cerveja foi um elemento que facilitou a conversa, deixou todos à vontade e só ajudou no afloramento de várias emoções significativas para as questões que estávamos buscando identificar.

Tendo essa entrevista como referência dos migrantes (em trânsito) de Lagoa de Roça, sentimos a necessidade de termos um grupo de contraponto. Um grupo que não fosse de migrantes e que tivesse a característica básica que leva uma pessoa a querer migrar pela primeira vez: ser jovem. Assim, escolhemos quatro jovens da cidade e realizamos uma outra entrevista em grupo.

As outras entrevistas foram realizadas individualmente e também foram muito reveladoras. De início não estávamos conseguindo tornar o momento da entrevista produtivo em termos de informações e idéias. Foi necessário revermos o roteiro da entrevista e discutirmos com a orientação novas táticas para o comando das entrevistas. A partir daí as coisas começaram a andar de forma produtiva.

Podemos dizer que nossa pesquisa foi realizada no período de 97 a 99, pois até recentemente estávamos voltando a campo. Porém, podemos localizar como momento concentrado de nossa pesquisa de campo o ano de 1998.

Nossa dissertação de mestrado está dividida em três capítulos, cada qual subdivididos em itens. No primeiro capítulo, ***As Causas e os Motivos do Processo Migratório***, discutimos como a migração foi e é

estudada tanto pela Sociologia quanto pela Antropologia. Em seguida fazemos um recorte significativo para nossa pesquisa: diferenciamos **as causas** dos **motivos** da migração. Entendemos as causas da migração como sendo aqueles aspectos macros da sociedade como desemprego, seca etc. Por motivos estamos entendendo os aspectos subjetivos implicados na decisão de migrar. Seriam elementos psicológicos do migrante.

No segundo capítulo, **As Vivências Marcantes e Marcadas do Migrante**, apresentamos como as experiências, tanto no caminho quanto já estando no Rio de Janeiro, são impressas na memória migrante e se tornam decisivas para as tomadas de decisões e conseqüente mudanças de rumo. A experiência migrante deixa marcas, impressões, significações importantes para o decorrer de sua vida.

No capítulo III, **Transformação Política versus Migração: análise dos elementos determinantes da mudança**, tratamos de apresentar os fatores que consideramos determinantes da mudança política em Lagoa de Roça. Ao discutir esses elementos, relacionamos ao processo migratório, entendendo que todos são influenciados pela migração.

# CAPÍTULO I

## As Causas e os Motivos do Processo Migratório

### 1.1 - As Causas da Migração

Sabemos que os deslocamentos populacionais e a migração para as cidades não são fenômenos recentes. Esses acontecimentos sempre fizeram parte da história do homem justificados ora por acontecimentos naturais como a seca, inundações ou movimentos sísmicos, ora por razões de sobrevivência no sentido da busca pela caça, pastagens para os rebanhos; ou ainda simplesmente pela vontade inerente à condição humana de conhecer e saber.

Nos dias atuais a migração é um fato que pode ser observado em aspectos diferenciados da visão tradicional, que busca explicar as causas da migração através da análise dos grandes contingentes populacionais. Por exemplo, não há um grande número de nordestinos indo em direção a região sudeste no momento. Pelo contrário, há sim um número superior de nordestinos retornando a região.

Se verificarmos os dados censitários de 1970 e 1976, vamos perceber a amplitude desse fenômeno no Brasil. Essa década apresenta uma especificidade significativa em termos quantitativos, se comparada com as décadas de oitenta e noventa. Em 1970 o PNAD revelou que 29,5 milhões de brasileiros estavam em situação de migrantes, fora do seu município de origem<sup>9</sup>. Em 1976 o PNAD mostrou que esse número elevou-se para 37,5 milhões de migrantes internos no país. Esses números são, a princípio, suficientes para justificar a importância desse fenômeno social na história do Brasil.

Todavia, antes de nos aventurarmos nessa trajetória que é a vida dos migrantes, é urgente entendermos o momento anterior à migração, as **causas** e os **motivos** determinantes do ato de migrar. Há que fazermos uma diferenciação entre o que estamos chamando de *causas* e o que estamos chamando de *motivos* da migração. Quando usamos a palavra *causas* estamos nos referindo aos aspectos macrossociais que determinam a migração, aqueles que a literatura tradicional sobre a temática defende. E quando falarmos em *motivos*, estaremos nos referindo aqueles aspectos pessoais que envolve a decisão de partir do migrante(a família, a saudade, sonhos, desejos, etc.).

Então, nosso objetivo nesse capítulo é analisar as causas objetivas do fenômeno, e também os motivos subjetivos presentes no ato de

---

<sup>9</sup> Até 1960 a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios do IBGE considerava como migrante aquela pessoa que se encontra fora do seu Estado, a partir de 1970 é considerado migrante aquele que estava fora do seu município de origem.

migrar, detendo-se mais aos aspectos subjetivos porque o nosso trabalho se dedica a entender as **alterações**<sup>10</sup> na vida dos moradores de São Sebastião de Lagoa de Roça a partir das transformações subjetivas decorrentes da experiência migratória.

Essa cidade tem uma população total de 9.578 habitantes, está localizada na região do brejo e agreste paraibanos, estando 162 Km da capital do Estado (ANEXO A). Suas coordenadas geográficas são 7 06' 54 " graus de latitude e 35 51' 56" (w.g.r) de longitude, e está a 641 m ao nível do mar.<sup>11</sup>

No tocante a migração, Lagoa de Roça apresenta as mesmas características de outras cidades. Em décadas anteriores o movimento migratório do agreste/brejo paraibanos apresentou uma certa intensidade. O recenseamento de 1980 revelou, segundo o IBGE, que neste ano a população cedida do agreste/brejo para o Rio de Janeiro e São Paulo foi de 6.687 paraibanos. Já em 1996 a contagem da população revelou que o número de pessoas que saíram do agreste/brejo para a cidade do Rio de Janeiro foi de 10.449.<sup>12</sup>

Ainda que considerando que em 96 o número de população cedida tenha sido maior do que em 80; podemos afirmar que esses números

---

<sup>10</sup> Esses alterações podem ser de toda ordem, mas em Lagoa de Roça estamos preocupados com a alteração política ocorrida nas últimas eleições municipais. Nessa análise não iremos questionar a qualidade dessa mudança em termos de consciência política. Na realidade vamos analisar essa mudança política em termos das práticas de vida da população e não na vida política do município.

<sup>11</sup> *População residente, por sexo e população cedida, segundo o código e o nome dos municípios*. IBGE, Contagem da População – 1996.

<sup>12</sup> IX Recenseamento Geral do Brasil, vol. 1, tomo I, nº 11, 1980. (IBGE).

não revelam um acréscimo da migração nessa microrregião. Isto porque até 1980 a Paraíba tinha 4 (quatro) mesorregiões e 12 (doze) microrregiões. E até esse ano São Sebastião de Lagoa de Roça pertencia a microrregião do brejo paraibano. Porém, a partir de 1991 há alterações nestas divisões: a Paraíba passa a ter 23 microrregiões (ANEXO B) e permanece as 4 mesorregiões (Sertão paraibano, Borborema, Agreste paraibano e Zona da Mata paraibana). Com isso Lagoa de Roça passa a fazer parte da microrregião de Esperança<sup>13</sup>. Essa mudança alterou o volume total dos números da migração.

Hoje esse fenômeno pode ser melhor visualizado através dos constantes retornos. Em períodos determinados os migrantes retornam: São João, Natal e Festa do Padroeiro. No caso de São Sebastião de Lagoa de Roça a data preferida é 20 de janeiro, a Festa do Padroeiro. Assim, buscamos as justificativas dadas pelos moradores para entender o fenômeno especificamente nessa cidade.

A maioria dos nossos entrevistados tem como primeiro argumento para a migração a falta de emprego. Segundo eles nem a cidade e nem a região oferecem oportunidades de trabalho; por outro lado a seca é também apresentada como uma das causas da migração:

*“A seca foi muito longa e teve todo mundo que sair, quase todo mundo. Tá chovendo agora e o pessoal tá fazendo um pouco...” (ILDA MARTINS, 67 anos).*

---

<sup>13</sup> Lagoa de Roça deixou de pertencer a microrregião do brejo e agreste, para pertencer a microrregião de Esperança, juntamente com Areal, Esperança e Montadas.

*"Porque não tinha emprego, não tinha nada; nós vivia da agricultura aí trabalhava de meia prós outros, aí eu fui pra lá e passei esse tempo todinho lá" (GENARO DE SOUSA, 59 anos).*

Seu Genaro morou no Rio de Janeiro durante mais de trinta anos e hoje reside definitivamente na cidade de São Sebastião de Lagoa de Roça; é dono de um terreno onde havia sítio e que, devido ao crescimento urbano, se tornou área valorizada dentro da cidade. Ou seja, no retorno ele conquistou uma qualidade de vida que a necessidade lhe fez buscar no Rio de Janeiro.

Apesar dos exemplos cotidianamente vivenciados pelos moradores, e inclusive narrados pelos visitantes do Rio com relação às dificuldades que existem na cidade grande, a migração não cessa. E sempre, como que por um condicionamento, a idéia de procura por emprego é dada como motivadora.

Essa justificativa é recorrente em quase todos os depoimentos que colhemos. Apesar disso, na nossa análise, é possível observarmos que há motivos que estão além da sobrevivência material.

Por enquanto vamos nos ater às questões estruturais que estão por trás da migração e, não poderíamos negá-las, elas têm sua importância para o entendimento desse fenômeno social.

Primeiramente é importante destacar que o estudo da migração se encontra dentro de um campo maior que é o da **Demografia**. Ela estuda



o tamanho, a distribuição territorial e a composição da população. A demografia busca também analisar as mudanças na população e os componentes dessa mudança<sup>14</sup>.

Ao pesquisarmos a vasta bibliografia sobre o tema percebemos que ela nos remete a um único conjunto de fatores que determinam o movimento migratório. Nela verificamos a presença de categorias que não estão mais sendo usadas para explicar essa situação. Categorias como origem x destino, expulsão x atração, campo x cidade e, desenvolvimento x subdesenvolvimento não conseguem apreender a multiplicidade que implica a análise da migração e do migrante. Elas apresentam uma visão dicotômica que nega a característica mutante daquele que migra. Selecionamos alguns autores dentro do tema para ilustrar o que estamos questionando.

*“As áreas de origem e destino apresentam ao indivíduo uma série de fatores de fixação (positivos), de expulsão (negativos) e neutros; o balanço final entre esses fatores e os obstáculos intervenientes teriam como resultado as decisões de ficar ou sair que, a nível social, configurariam as correntes e contracorrentes criadas pelos deslocamentos sucessivos” (LEE Apud RENNER e PATARRA, 1991: 255).*

Além de apresentar a visão tradicional de origem e destino, LEE também aponta a idéia de positividade e negatividade dos fatores que fixam ou expulsam o agricultor de sua terra. Faz isso como se fosse possível

---

<sup>14</sup> Essas mudanças e alterações se referem a natalidade, mortalidade, movimentos territoriais

detectar esses dois pólos. Uma abordagem que se pretenda atual enxerga a migração enquanto um fluxo, atravessado por diversos momentos que marcam a trajetória migrante, sendo praticamente impossível a identificação dessas polaridades.

Nos anos 70, numa monografia do IPEA sobre o assunto<sup>15</sup>, os elementos apontados como determinantes desse processo estão resumidos em quatro grupos: fatores associados com a área de origem, fatores associados com a área de destino, obstáculos intervenientes e fatores pessoais.

*“Tanto na área de origem como na área de destino sempre existem fatores de atração e repulsão, ou seja, os membros de um sistema social são constantemente submetidos a forças contrárias” (op.cit., 1971:60).*

Ainda que esse estudo mencione os fatores pessoais, que para nós implicam em motivos subjetivos da migração, não é feita nenhuma análise disso. A análise centra-se na relação expulsão - atração, e essa visão de expulsão do migrante da sua região a nega a decisão pessoal desse homem, ainda que admitamos existir as determinações do sistema; em alguns momentos ele decide sim, o rumo a tomar.

A tradição das teorias da atração - repulsão passou algum tempo

---

(migração) e mobilidade social que é a mudança de status.

<sup>15</sup> IPEA: Instituto de Planejamento Econômico e Social. Monografia nº 5. Manoel Augusto Costa et al.. Rio de Janeiro, 1971.

explicando as causas e os motivos da migração; mas logo outros questionamentos vieram dar conta da limitação desse enfoque analítico.

*"As teorias da atração e repulsão desfrutaram de um grande prestígio na teoria sociológica até que modelos mais elaborados começaram a indicar a existência de uma série de variáveis intervenientes na decisão de migrar" ( PASTORE, 1979 : 176).*

A partir desse momento, as pesquisas sobre migração passaram a identificar outros aspectos que não só os macrossociais na decisão de migrar, que implicou em uma outra dimensão para entender o fenômeno.

***Migrações Internas no Brasil***<sup>16</sup>, por exemplo, apresenta um conjunto de fatores considerados como causas do processo migratório. A procura por emprego, por educação, motivos familiares, motivos de transferência de trabalho, serviço militar, precárias condições de vida na agricultura, expandir negócios, secas, tratamento de saúde etc.

Nesse livro o autor discute todos esses pontos como sendo causas da determinação da migração. Porém, algumas dessas causas ainda não implicam aquela situação de ansiedade, desejo, sonhos etc., que norteiam a decisão subjetiva de migrar.

Ainda nos anos 80 um outro autor avança no estudo das migrações. Optando pelo termo ***trajetória*** como forma de captar as variações

---

<sup>16</sup> SOUZA, Itamar de. ***Migrações Internas no Brasil***. Petrópolis: Vozes. 1980.

desse fenômeno social, PAUL SINGER questiona a idéia estanque entre origem e destino, atração e repulsão.

SINGER dá um passo importante na análise quando relaciona a migração à urbanização nos grandes centros do país, associando-a à economia política<sup>17</sup>. Porém, ao fazer essa relação da migração com a expansão do capitalismo, ele faz uma separação entre regiões desenvolvidas e regiões subdesenvolvidas; deixando claro a análise marxista que faz, dando ênfase a determinação de classes implicada na migração.

*“O estudo das migrações a partir de um ângulo de classe deve permitir portanto uma análise da contribuição das migrações para a formação de estruturas sociais diferentes e para a constituição de novos segmentos da economia política” (Op. cit. , 57).*

Para o mesmo autor os fatores determinantes da migração seriam de duas ordens: fatores de estagnação das forças produtivas decorrentes do aumento da população rural, e fatores de mudança nas relações de produção no meio rural advindas da entrada do capitalismo no campo. Assim, *“ a criação de desigualdades regionais pode ser encarada como o motor principal das migrações internas que acompanham a industrialização nos moldes capitalistas” (Op. cit., 37).*

---

<sup>17</sup> Cf. SINGER, Paul. *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: Vozes, 1981.

Não podemos negar que os migrantes de São Sebastião de Lagoa de Roça estão dentro dessas determinações estruturais que impulsionam a migração; todavia, destacamos a necessidade de analisar os motivos subjetivos para entender o seu poder sobre ela. A família, por exemplo, é o elemento central motivador da migração. Ou seja, o migrante que sai de Lagoa de Roça tem na família o referencial tanto para ir quanto para voltar. A família se configura não como uma causa, mas como um motivo. É na família onde se discute e se pensa a migração, é ela quem permite ou não a saída. Num primeiro momento a decisão é pessoal, mas está na família o motivo pois é nela que estão os laços e os vínculos a serem cortados. Em alguns casos a saída é realizada à revelia da família que não permite, mesmo assim ela está de alguma forma interferindo no ato de migrar.

*"...quando eu saí daqui, saí em 79 tinha 14 anos de idade. Meu pai na época era um dos caras que tinha condições aqui e, por divergência do momento, ou então por divergência de besteira sei lá, eu peguei uma carona e fui com nove pessoas numa perua kombi, ...trabalhei em obra com quinze anos de idade..." ( RODERTO SAMPAIO, 36 anos).*

Dessa forma, é necessário questionarmos a visão histórico-estruturalista<sup>18</sup> que vê as causas determinantes da migração apenas na estrutura social capitalista, esquecendo as transformações decorrentes dos agenciamentos migrantes em diversos locais e mais precisamente nas comunidades. Essa visão deixa de lado as reelaborações migrantes. Ainda que aceitemos como indispensáveis essas características da estrutura da sociedade, explicando a existência e a orientação do processo migratório, achamos necessário apreender e analisar a migração a nível comunitário, até porque entendemos as comunidades como forma através das quais se manifestam de modo concreto, embora parcial, os princípios estruturais da situação total da sociedade da qual faz parte (DURHAN, 1978).

Mesmo não negando as determinações estruturais estamos centrando o nosso trabalho na comunidade, na sua vida diária; as modificações nos comportamentos e conseqüentemente na própria comunidade de origem do migrante. A comunidade é então o local da ressonância entre as influências externas trazidas pelos migrantes e é também, ao mesmo tempo, o local de aglutinações entre essas influências trazidas e aquelas existentes na comunidade do migrante.

Basicamente a maioria dos trabalhos e pesquisas sobre a migração buscam essa análise histórico-estruturalista que vê o fenômeno da migração determinado pela entrada do capitalismo no campo quebrando as relações tradicionais de produção e expulsando o agricultor, que se vê sem

---

<sup>18</sup> Essa Escola se desenvolveu muito nas sociedades periféricas, nas quais as relações sociais de produção e os desníveis econômicos e regionais são mais intensos.

os meios de produção; e, de um outro lado, a industrialização nos grandes centros urbanos (Estado do Rio de Janeiro e São Paulo). Uma industrialização que serve como fator de atração sobre os "desvalidos" do campo e que é causa da expansão do capitalismo industrial. *"Vistas desta maneira, as migrações internas são condicionadas por causas estruturais que impulsionam grupos sociais a se mobilizarem num determinado espaço geográfico"* (SUAREZ, 1977:33).

Uma pesquisa importante como referência para o nosso trabalho, apesar de também estar dentro da tradição histórico-estruturalista, é **A Mudança: análise da ideologia de um grupo de migrantes** em que a autora inverte o processo de análise e tem o migrante em foco. MENEZES acredita haver repercussões no comportamento do indivíduo decorrentes das determinações estruturais. *"Os migrantes traduzem a realidade da vida cotidiana em termos de um sistema de idéias, concepções e noções, relacionadas às experiências que vivenciam"* (MENEZES, 1976:12).

Na realidade a autora busca uma visão antropológica da migração e do migrante, na intenção de interpretar o conjunto ideológico de uma família de migrantes. Esse trabalho se aproxima do que estamos fazendo, porém é perceptível que nosso objeto e metodologia diferem radicalmente. Enquanto MENEZES tem a **ideologia** e o **método histórico-estruturalista** como recursos para sua análise, nós temos a **subjetividade** e a **cartografia** entendidas como recursos capazes de explicar uma produção de subjetividade ao nível do desejo e dos agenciamentos migrantes. Ou seja, estamos tratando a migração em uma perspectiva micropolítica.

Poderíamos continuar apresentando outras referências bibliográficas sobre o tema, porém continuaríamos percebendo essa tendência nas análises. O que deve ficar claro é que os determinantes macrossociais da migração estão, de alguma forma, subtendidos em nosso trabalho. Pressupomos essas constatações amplamente estudadas e pesquisadas e, a partir daí, caminhamos em direção a uma abordagem que o tema reivindica e carece que é a da ***produção de subjetividades***.

Isso significa dizer que há no fluxo migratório um outro lado que não foi devidamente estudado. Existe uma produção de subjetividade dominante determinando a vida do migrante e, ao mesmo tempo, surge uma produção de subjetividade na direção de uma singularização que altera a vida dele, possibilitando desconstruções e invenções. Essa singularização ocorre na direção de uma vida melhor, de uma sociedade melhor. Nessa perspectiva, a migração é, antes de tudo, uma experiência subjetiva.

Esse enfoque é importante porque nos ajuda a entender o acontecer da experiência migrante estando associado a uma luta pela sobrevivência, conscientização e identidade. Isso porque ela é uma alternativa de sobrevivência surgida das condições objetivas e também das formas de percepção dessas condições; e mais, ela se revela enquanto conscientização quando ao retornar o migrante inevitavelmente faz comparações entre as condições vivenciadas lá e aqui. Esse comportamento implica em uma tomada de consciência da situação vivida pelos seus conterrâneos; e o enfrentamento desse sujeito com outras culturas desencadeia uma busca pela afirmação/negação de suas referências, e isso põe em jogo as construções



identitárias na trajetória migrante. Essas características presentes no ato de migrar não podem, então, ser analisadas sob o prisma das determinações estruturais.

*“ Com dezesseis anos eu fui, foi demais. Na época eu fui pro Rio que nem esse menino também foi, foi difícil demais prá gente. A gente só podia trabalhar escondido porque a fiscalização dava em cima e nós não podia trabalhar porque era de menor aí eu trabalhava com meus irmãos escondido” (INÁCIO DE SOUSA, 48 anos).*

A sobrevivência ainda que esteja associada a necessidade de trabalho e tenha relação com as condições socio-econômicas do país, implica mais do que isso. Ela representa antes de mais nada uma tomada de posição diante de todas as alternativas que estão à frente do migrante. Ele precisa fazer uma escolha diante das possibilidades para encontrar aquela que melhor ofereça respostas às suas necessidades e aspirações. Sobrevivência não significa única e exclusivamente uma questão material, mas também uma sobrevivência do *indivíduo subjetivo* com sua dignidade, moral, afetividade etc.

A vivência do migrante no trabalho na cidade grande, por exemplo, com os direitos trabalhistas que recebe, faz com que ele questione a falta desses direitos quando está em sua região. E mais, ele vai adquirindo dessa experiência uma visão crítica sobre a vida, o mundo e sobre a sua própria cidade de origem.

*“... a cidade melhorou bastante, o único problema agora é essa água e mais nada (...) agora falta um incentivo, né! E esse incentivo deve vim de quem? Ou do governo ou do pessoal da cidade mesmo, se o governo incentiva...”  
(GENIVAL MENDES, 55 anos)*

O migrante de Lagoa de Roça adquire, depois de um certo tempo, uma postura mais incisiva e modificadora sobre a realidade local. Os infinitos retornos, as inúmeras divergências etc., fazem com que essa cidade a cada momento se reestruture, se modifique; ida e volta passam a ser um único momento de um mesmo acontecer. Isso faz com que eles desenvolvam, ainda que considerando as limitações, uma certa consciência sobre a realidade de uma forma geral.

O outro aspecto inerente à experiência migrante é a luta pela identidade. Ao sair da terra onde viveu suas experiências, ele deixa para trás toda uma vida e precisa se estabelecer em uma outra realidade bem diferente daquela que conhecia. Assim, precisa construir novas maneiras para viver suas novas experiências e reviver aquelas que continuam impressas em sua memória. E nessa experiência ele passa a incorporar em sua história uma diversidade de marcas que determinarão sua característica permanente de territorializante/desterritorializante.

Por mais esse motivo, não devemos partir das estruturas sociais gerais para explicar e entender o sujeito singular que ora analisamos. Nessa perspectiva ele seria diluído numa totalidade e seria impossível captar sua singularidade.

Compreendendo dessa forma o processo migratório (uma luta pela sobrevivência, conscientização e identidade), acrescentamos dentro dos motivos da migração uma especificidade de São Sebastião de Lagoa de Roça: *a luta pela referência identitária*.

Na situação anterior ao ato de migrar, além de todos os outros aspectos já citados, há uma ligação com a necessidade de afirmação do próprio lugar de onde se sai. Lagoa de Roça passou, desde o seu surgimento por volta de 1746 até a sua emancipação política em 1961 por diversas denominações oficiais que não correspondiam às tradições culturais do lugar.

Ainda em 1863 uma Lei Provincial altera os limites entre Campina Grande e Alagoa Nova. A Lei fez com que metade do povoado conhecido por São Sebastião ficasse sob a jurisdição de Alagoa Nova, e a outra metade sob o comando de Campina Grande. A partir daí uma **crise de pertencimento**<sup>19</sup> se instala no povoado que não sabia a quem recorrer para resolver seus problemas do dia a dia. (Essa situação permanece até 1904 quando uma Lei Estadual nº 215 restaura o município de Alagoa Nova que passou a ter total jurisdição sobre o povoado).

Enquanto São Sebastião era conhecido por Lagoa de Roça ou, em outras vezes, por São Sebastião mesmo, formalmente recebia outras denominações que dificultavam uma identificação do lugar. Oficialmente até 1938 era denominado por Aldeia Velha; e em 1939, através do decreto

---

<sup>19</sup> Em questões práticas como retirada de certidão de nascimento, atestado de óbito, os moradores não sabiam a onde recorrer. Alguns demonstravam interesse por esse ou *aquele* município em função das vantagens. A esse momento é que estamos chamando de **crise de pertencimento**.

estadual nº 311, a Vila passa a ter denominação oficial de Bultrins. E em 1944 o decreto estadual Lei nº 520 mudou o nome do lugar mais uma vez, trocando Vila Bultrins por Aldeia Velha ( CÂMARA, 1947-1997).

A narrativa dos moradores aponta os nomes de Lagoa de Roça e de São Sebastião como fazendo parte da real história desse lugar.

*"...aqui era uma aldeia onde essa aldeia tinha o nome de Lagoa; os índios né, a chamava assim, a aldeia em si era Lagoa. E a cidade se tornou com o nome Lagoa de Roça porque eles plantavam mais a mandioca pra sua sobrevivência!" (TEREZIANA ILMA, 30 anos).*

Já o nome de São Sebastião, que também passou a servir de denominação desse lugar, é resultado das promessas feitas ao santo, nos idos de 1827, por ocasião das epidemias que castigavam o povoado.

Todas essas confusões quanto aos nomes que marcaram a vida dos moradores dessa Vila perduraram até os últimos meses do ano de 1961, ano da emancipação política. No processo de escolha do nome oficial, os moradores participaram efetivamente. Hoje o município é conhecido por São Sebastião de Lagoa de Roça preservando as tradições culturais do lugar e dos moradores.

A falta da definição do nome implicava em uma dúvida de pertencimento que incomodava os moradores. O espaço a ser construído, antes disso, precisava da referência do lugar. O lugar enquanto ordem, enquanto

posição, implicando uma indicação de estabilidade. E o espaço como resultado de uma prática, resultante da atividade criadora do sujeito sobre o lugar, necessitava da sua ação para se efetivar enquanto espaço de circulação.

O nome é uma primeira referência necessária; a prática do espaço é que corrobora efetivamente para a criação das possibilidades de transformação de um estado de não-lugar, indefinição; para uma afirmação do lugar.

*“... (as origens do grupo são, muitas vezes, diversas, mas é a identidade do lugar que o funda, congrega e une) e o que o grupo deve defender contra as ameaças externas e internas para que a linguagem da identidade conserve um sentido” (AUGÉ, 1994: 45).*

Com o referencial de lugar os moradores de São Sebastião da Lagoa de Roça tinham de onde “sair”. Esse sair (migração) se insere no processo global de identificação que acabamos de questionar: a saída da terra natal está associada a uma busca, nesse primeiro momento, a migração representa essa procura e uma possibilidade de realização. E é essa *busca* que estamos tentando desvendar neste trabalho; porém *busca* aqui está representando um conjunto de coisas relacionadas a aspectos materiais e subjetivos; e está associada à identidade e ao *lugar*.

## 1.2 - A busca por '*um lugar*' é um motivo subjetivo?

Alguns estudos sobre migração na Paraíba apontam a existência de uma tendência migratória para o Rio de Janeiro dos moradores do brejo paraibano; por outro lado é verificada uma corrente migratória do sertão para São Paulo<sup>20</sup>. Esse fato foi observado empiricamente e é uma especificidade que provavelmente tenha relação com as primeiras viagens que foram realizadas: já que o migrante sempre vai para a casa de um parente ou amigo, formam-se as redes que terminam por sedimentar essas tendências.

Os primeiros que migram formam comunidades<sup>21</sup> e os próximos vão para a casa desses. Esse movimento vai se repetindo sucessivamente até se formarem as redes. Formadas as redes, os novos migrantes terão menos dificuldades de adaptação na cidade grande. Então podemos afirmar que num primeiro momento a escolha por essa ou aquela cidade se dá pela presença de parentes lá.

---

<sup>20</sup> Cf. Marilda Aparecida de Menezes, "*Da Paraíba prá São Paulo e de São Paulo prá Paraíba*". Campina Grande, Universidade Federal da Paraíba, 1985. Dissertação do Mestrado em Sociologia Rural.

<sup>21</sup> Estamos nos referindo à comunidade no sentido de existir um lugar onde estão os parentes que darão apoio aos que vão. Pois diferente dos imigrantes que formam verdadeiras comunidades em São Paulo, a exemplo dos japoneses e italianos, os nordestinos não conseguem isso; eles estão dispersos na população e por isso estão muito mais sujeitos às influências culturais do que os imigrantes estrangeiros.

*“Escolhi o Rio porque é, ... devido muito parente, sabe!? A gente sai pela primeira vez nunca tinha ido, se eu fosse contar os parentes quando eu fui pela primeira vez, pôxa! É uns 150 a 200 (risos) entre tio, irmão, cunhado, primo, colegas, tudo é ... praticamente minha família, metade tá no Rio de Janeiro, sabe!?” (ANTÔNIO XAVIER, 48 anos).*

Estando metade da família no Rio ficaria impossível escolher ir para São Paulo, por exemplo; lá não encontraria o apoio dos parentes que com certeza no Rio de Janeiro encontra. Essa característica nos força a destacar peculiaridades entre essas duas regiões já que em nosso trabalho estamos analisando os migrantes nordestinos que foram para o Rio de Janeiro.

Sabemos que geograficamente há diferenciações entre o brejo e o sertão, como também em termos de valores e maneiras de pensar e viver o mundo; por conseguinte há diferenciações nas subjetividades. Com esse termo estamos assumindo não uma única abordagem sobre ele, mais um conceito resultado de diversos outros entendimentos sobre o que vem a ser **subjetividades**.

Nossa visão de **subjetividade** é composta por um *continuum* que vai da Teoria Crítica<sup>22</sup> em Psicologia Social até a visão dos autores da

---

<sup>22</sup> A Teoria Crítica surge na Alemanha de um movimento de oposição a visão individualista do ser humano, buscando entender os grandes acontecimentos históricos a exemplo da I Guerra Mundial, numa relação entre personalidade e ideologia. Por isso os autores dessa escola são chamados de "teóricos críticos" (Reich, Adorno, Thompson, etc.). Os frankfurtianos estão preocupados com o destino do sujeito e da sociedade a partir de uma abordagem histórico-materialista, dando uma importância aos aspectos ideológicos e a cultura. É dessa reflexão crítica que vem à tona a SUBJETIVIDADE como uma forma de abordar o campo político, como também o campo da pesquisa científica.

esquizoanálise<sup>23</sup>. Nesse trajeto compomos o nosso conceito de subjetividade com o intuito de possibilitar uma abrangência mais eficaz do nosso objeto. Dessa forma, partimos da idéia de *intersubjetividade* marcada pela trama social na relação entre os sujeitos; sem esquecermos do acontecer *intrasubjetivo* como mediador entre o indivíduo e a sociedade. Nesse caso, intersubjetividade e intrasubjetividade são momentos de um mesmo acontecimento social que é a subjetividade.

A subjetividade é então um processo contínuo e de determinações mútuas, e mais, ela é um produto cultural complexo que se encontra dentro de um contexto da vida global do homem em todos os seus aspectos. Na realidade ela está engendrada no processo de produção do mundo, e é através dessa produção que há possibilidades de um entendimento sobre ele. Há uma produção de subjetividade dominante, marcada pelo modo de produção capitalista na sociedade moderna. Então, ela é fabricada, modelada, recebida e consumida. Essa relação ultrapassa os níveis de produção e consumo, atinge o inconsciente dos indivíduos. É através do **desejo**, que é expresso pela subjetividade, que os indivíduos adquirem um modo de percepção do mundo; e reorganizam suas relações sociais. Isso quer dizer que há espaço para os sujeitos da ação burlarem essa ordem dominante da *produção capitalística de subjetividade* ( GUATTARI, 1996). Através do processo de **individuação da subjetividade**, de sua expressão e criação, a

---

<sup>23</sup> A esquizoanálise é uma abordagem que surge como crítica a alguns psicanalistas ortodoxos. Essa abordagem, que tem os autores GUATTARI, DELEUZE e ROLNIK como os seus expoentes, recusa a idéia de que o desejo e a subjetividade estejam centradas nos indivíduos, mas afirma que eles são construídos socialmente.



singularização pode ocorrer e marcar a ruptura com essa ordem dominante. A subjetividade é então assumida e vivida pelos sujeitos em suas existências particulares e coletivas.

Não caberia aqui uma análise para identificar as subjetividades que fizeram com que houvesse uma corrente migratória para o Rio e uma outra corrente migratória para São Paulo. Pretendemos fazê-la em uma nova pesquisa no futuro, buscando entender as diferenciações subjetivas dos paraibanos do brejo e do sertão.

Os moradores de São Sebastião da Lagoa de Roça têm uma preferência pela cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Primeiro porque eles têm parentes morando lá e segundo, por terem uma visão de alegria, divertimento sobre o Rio, ainda que essa visão possa ter influência daqueles que retornam e contam suas vivências.

A partir dos resultados da nossa pesquisa é possível então identificarmos uma diferença no imaginário dos moradores de São Sebastião de Lagoa de Roça sobre o Rio de Janeiro e a cidade de São Paulo. Nessas diferenciações podemos destacar aquelas relativas ao trabalho, ao lazer e a violência. É a partir desses elementos que eles constroem diferentes imagens sobre essas duas cidades. O Rio de Janeiro representa local de muitas possibilidades de lazer.

*“Lá nós têm passei de barco, nós têm a bica com toda qualidade de bichos, prá gente passar o dia todinho; têm muitos parques diferentes uns dos outros, ... essas coisas né!” ( JOSÉ FERNANDES, 41 anos).* Enquanto que

a visão deles sobre São Paulo é de cidade para onde se vai exclusivamente trabalhar.

*"...pra mim pra ganhar dinheiro se chama São Paulo, o Rio de Janeiro é turístico..." (ROBERTO SAMPAIO, 36 anos).*

*"...São Paulo é prá trabalhar mesmo. (...) No Rio é praia, é futebol, vagabundagem e mais nada".(GENIVAL MENDES, 55 anos)*

É visível a diferenciação que eles fazem quando comparam Rio de Janeiro a São Paulo. Isso nos deixa à vontade para afirmarmos que, tanto nessas cidades quanto nas localidades de origem, será possível percebermos subjetividades diferenciadas e sendo articuladas de forma também distinta.

*"Se você quiser trabalhar é São Paulo, Rio de Janeiro é turismo e é bom também..." (ROBERTO SAMPAIO, 36 anos);* isso não significa que em São Paulo não tenha divertimento para eles e que o Rio seja o lugar de todos os prazeres. O que podemos inferir, a partir da narrativa dos migrantes, é que a cidade do Rio de Janeiro, com seus atributos naturais e locais públicos de visitação, apresenta oportunidades baratas de lazer. Enquanto em São Paulo o divertimento, em sua grande maioria noturno, pode representar um custo muito alto, e por esse fato tem-se a impressão de se trabalhar mais.

Um aspecto importante a realçar é que São Paulo, pela tradição de pólo industrial do país, tem um ritmo de trabalho intenso, dentro das grandes fábricas e montadoras, que enclausura o trabalhador. Enquanto que no Rio de Janeiro a maioria dos nordestinos estão trabalhando em

construção civil, restaurantes, residências, portaria de edifícios etc. Isso faz a diferença na construção discursiva do nordestino em relação as duas cidades. No Rio, o trabalho para eles é caracterizado como sendo "maneiro", e percebemos que em relação a São Paulo o espaço do trabalho é visto como mais sério e "pesado".

Quando colocamos essa diferenciação feita pelos próprios moradores da cidade queremos ratificar a existência de subjetividades marcadas por essa diferença. Sabemos que o processo migratório se apresenta com múltiplas determinações que nos faz diferenciar o local para onde o migrante vai. Assim, buscamos entender esse fenômeno, através da produção de subjetividade, optando em identificar na construção do tecido social os nós, os cruzamentos, os diferentes tons desse tecido; encontrando as **singularidades** da vivência dos moradores de São Sebastião de Lagoa de Roça a partir de suas experiências no Rio de Janeiro.

O governo federal e estadual sempre tentaram manter um controle sobre o movimento migratório no Brasil indicando para onde os fluxos de trabalhadores deveriam ir. Em quase toda a primeira metade deste século o que se percebeu foi que a elite dominante e o governo federal estavam certos de que os trabalhadores deveriam ficar no campo. Naquele momento predominava no Brasil uma economia agro-exportadora e se dizia precisar de trabalhadores no campo já que a riqueza do país, segundo o governo, estava no desenvolvimento da agricultura.

O discurso político, enquanto apresentava o campo como lugar de trabalho produtivo e como lugar do migrante, apregoava que a cidade era

local de parasitismo, do ócio, lugar da mediação mas que não produzia riquezas.

Nos anos 30 o discurso se inverte e então, ao invés do campo, é a cidade o local para onde os migrantes deveriam ir segundo o governo. Eles teriam um papel importante no desenvolvimento do país que acabara de chegar a era industrial. Estávamos entrando na era das sociedades modernas, industriais e de consumo. Havia necessidade de um grande contingente de trabalhadores para fomentar esse desenvolvimento<sup>24</sup>.

*"Ao invés da paz bucólica do campo prometia-se agora a modernidade fabril dos grandes centros industriais"*<sup>25</sup>.

Durante algum tempo a população migrante era vista como um fator de desenvolvimento; como um contingente a ser mobilizado com vistas à acumulação do capital. Mas, esse mesmo contingente é transformado em estorvo e se torna um "problema social": a superpopulação nas favelas, miséria, violência urbana etc. passam a ser associados ao migrante nordestino. Ou seja, quando não mais convinha a lógica do sistema, mudam-se as políticas com relação à migração. Nossa visão sobre o migrante é oposta a das lideranças governamentais; elas enxergam o migrante diante das conveniências da administração pública.

Há elementos envolvidos numa partida de migrantes que fica

---

<sup>24</sup> Cf. George Martine e José Carlos Peliano: "Migração, estrutura ocupacional e renda nas áreas metropolitanas". IN: *Migração Interna*. Coletânea, Fortaleza, Editora BNB, 1980. Aqui estão discutidas essas questões de forma mais aprofundada.

<sup>25</sup> BENETTI, P. C. e VAINER, C. B. *Migrante na Cidade*. IN: Revista Travessia, nº 2, set/dez/88.p-7.

difícil identificá-los todos num único trabalho. O fato é que em sua bagagem, além de algumas peças de roupa e talvez alguns trocados, ele vai levando muitos sonhos, muitos desejos, muitos medos e, mais que isso, ele vai levando a si próprio para uma experiência objetiva em encontros concretos face a face com outras pessoas, em outros lugares.

*“Lá no Rio tem muita droga, vai muito rapaz lá e volta, não consegue trabalhar porque já vão com aquela intenção de pegar coisa boa, bom emprego, bom conforto. Lá não, sair no meio do mundo igualmente eu, tem que enfrentar qualquer serviço, menos roubar, menos matar; trabalhar em obra, faxineiro até...vai devagarinho sabe, como a pessoa prá subir os degraus de uma escada. A minha cabeça afundou com saco de cimento lá”(risos) {ANTÔNIO XAVIER, 48 anos}.*

Podemos entender então que a migração é um ato de busca, de coragem. O migrante, ao deixar o seu local de origem, parte com a certeza de encontrar uma realidade melhor, bem diferente daquela que está deixando para trás. Então, o migrante idealiza um lugar independente das indicações governamentais; lugar que irá buscar conquistar a qualquer preço. Por isso, podemos perceber que essa **busca** também passa a ser um motivo (subjeto) para o ato de migrar.

Isso não significa que o Rio de Janeiro é o lugar ideal para os moradores de São Sebastião de Lagoa de Roça e nem tão pouco São Sebastião de Lagoa de Roça; pelo contrário, nas repetições do acontecer

---

migratório, a idéia de lugar se perde no tempo a ponto de não haver, de forma explícita, a identificação do lugar do migrante.

Afora as especulações, vamos centrar nossa atenção agora nos motivos subjetivos que desencadeiam o processo migratório em São Sebastião de Lagoa de Roça.

### **1. 3 - Os Motivos Subjetivos da Migração**

Em nossa pesquisa na cidade de Lagoa de Roça, identificamos alguns motivos subjetivos que serão importantes para entendermos as modificações locais. Esses motivos, ainda que tenham uma referência direta com o indivíduo, representam uma produção coletiva porque são gerados no campo social através dos agenciamentos migrantes. São eles a família, o sonho, a saudade, o desejo e a busca por um lugar que já discutimos no item anterior. Na seqüência explicaremos mais detalhadamente esses motivos.

Na realidade os motivos subjetivos estão todos entrelaçados e por isso é difícil separá-los; isso está sendo feito apenas como um recurso didático, para uma melhor compreensão. Esse entrelaçamento é decorrente da multiplicidade que é a migração, por isso que entender a migração do ponto de vista dos retornos-partidas, partidas-retornos (fluxo e refluxo) é essencial. Para designar esse movimento vamos preferir caracterizá-lo como *migrações*

*múltiplas*<sup>26</sup>; essa abordagem abrange todos os trajetos que envolvem a vida do migrante.

Esse dado é importante ser destacado pois é essa multiplicidade do "retorno" que termina alterando de forma marcante a comunidade de origem e, mais ainda, o migrante que vive o choque cultural e espacial *in loco*.

É preciso conhecermos as aspirações e desejos desses migrantes, tentando identificar os motivos que não estão dados. Uma pergunta fundamental: o quê busca o migrante? Essa pergunta pode ter uma infinidade de respostas. O migrante busca um emprego, busca ganhar dinheiro para viver melhor, busca ser reconhecido enquanto pessoa dotada de capacidades etc. Poderíamos continuar listando o que o migrante busca na ***cidade grande*** e teríamos uma coleção de motivos. O importante para nós é buscar, além desses, aqueles subjetivos que têm um poder de sedução muito forte sobre o migrante. Existem migrantes com sonhos e desejos no campo artístico e político por exemplo, e querem realizá-los lá apesar disso não estar dito.

Podemos considerar também, dentro dos motivos subjetivos, as características individuais daquele sujeito que migra. Ainda que esse aspecto não seja tão decisivo para a nossa análise. Há uma certa importância das percepções, da inteligência, das atitudes, dos valores, da personalidade e de outros fatores pessoais na decisão de migrar. Não adentraremos nesta

---

<sup>26</sup> No próximo capítulo quando fomos tratar dos retornos, explicaremos o que estamos chamando de *migrações múltiplas*.

---

discussão para evitarmos alguns psicologismos, já que estamos pretendendo uma análise sociológica do fenômeno da migração.

Estamos destacando os motivos subjetivos existentes e surgidos nas relações sociais; a exemplo da família, da saudade, do sonho, do desejo e da *busca por um lugar*.

Na fala dos nossos informantes, que tiveram que deixar a cidade em busca de uma vida melhor, identificamos a faixa etária correspondente a primeira vez quando partiram. Essa média de idade está em torno dos 16 anos. Como dizer que um adolescente dessa idade migrou por causa da falta de emprego e precisava sustentar a família? Tendo esse mesmo adolescente uma estrutura familiar definida dentro dos moldes de sua comunidade e, ainda que de forma insatisfatória, o alimento para sobrevivência de seus parentes, ele vai buscar sustentar quem?

Antes de ser afetado pelos problemas estruturais do país o adolescente é alvo de um amontoado de informações vindas da mídia. Aliado a esse bombardeio está a influência dos parentes e amigos que voltaram e pintam o Rio como sendo um paraíso.

A mídia, e mais especificamente a televisão, cria um universo povoado de objetos prontos para serem consumidos. De um outro lado, aquele que retorna confirma a existência dessas maravilhas.

Todas essas informações e especulações se transformam em sonhos e desejos, criando as condições subjetivas para migração. Então, a *mídia* e o *retorno* se juntam aos outros motivos subjetivos que citamos.



*" Com 14 anos quando sai daqui, fui pra casa de Geraldo meu irmão; cheguei lá pra mim eu ia pro céu, eu disse: vou pro céu, vou enricar de repente(...) agora tá certo, deu certo por causa do meu irmão; nunca tive mordomia sempre trabalhando..."* (INÁCIO DE SOUSA, 48 anos).

A partir dos símbolos oferecidos, disponíveis através da mídia, geralmente símbolos presentes nas grandes cidades do país, o nordestino aprimora os seus desejos e sonhos. Dessa forma, no nosso ponto de vista, a análise do **desejo** é fundamental.

Vivemos um momento histórico específico como nunca se viu antes. Assistimos cotidianamente às transformações em ritmo acelerado e não há tempo para absorvê-las. O mundo contemporâneo é caracterizado por essa aceleração nas transformações. Estamos vivendo em uma "supermodernidade"<sup>27</sup> reconhecida pela presença dos excessos. O excesso do tempo, o excesso do espaço e o excesso do ego no processo de individualização presente nos grandes centros urbanos. Essas três figuras do excesso para AUGÉ, são os sinais da supermodernidade. Há uma dificuldade de pensar o tempo em função de uma superabundância factual do mundo contemporâneo. Segundo o autor é da nossa necessidade de compreender todo o presente que decorre a dificuldade de dar sentido ao passado. O excesso

---

<sup>27</sup> A visão de Marc Augé com relação a "supermodernidade" refere-se a essa atualidade marcada pelos excessos. Em destaque o excesso espacial e temporal que nos faz viver a maior parte do tempo nos não-lugares que é instaurado pela "supermodernidade". Nos não-lugares ( espaços públicos de circulação rápida, a exemplo dos aeroportos, rodoviárias, estações de metrô, etc) estamos sós e ao mesmo tempo juntos. Nos tornamos bilhetes, números, símbolos, etc. que permitem o acesso, comprovam a "identidade", autorizam deslocamentos impessoais. A supermodernidade é essa abundância de fatos entrelaçados.

do espaço tem relação com o encolhimento do mundo. Os meios de comunicação, os satélites, os metrô, os aviões diminuem as distâncias. Há um espaço em excesso e relativizado. A figura do ego, do indivíduo em excesso, representa o processo de individualização das referências. Nos grandes centros urbanos o indivíduo trava cotidianamente uma batalha entre suas referências individuais e as pressões coletivas, e essa batalha é mais decisiva para o migrante.

Partindo desse contexto podemos perceber que a vivência migrante, por natureza nômade, está marcada por esses traços da "super modernidade". Hoje o tempo e o espaço são vivenciados de forma diferente pelo migrante. Em épocas anteriores, as viagens para o Rio de Janeiro duravam de 8 a 15 dias. Essa mesma viagem hoje pode ser feita de ônibus em quase 3 dias, e de avião em torno de 6 horas. O tempo e o espaço têm dimensões reduzidas.

Reconhecendo essa abundância de fatos entrelaçados é inevitável termos que encarar o migrante e a migração dentro desse acontecimento *sui generis* para termos uma compreensão mais ampla e precisa desse fenômeno. Na sociedade globalizada os fatos e acontecimentos se processam simultaneamente criando cruzamentos únicos e determinações únicas. Essa processualidade factual é responsável pela heteroginização dos acontecimentos.

É a partir dessa consideração que vamos conduzir nosso trabalho atual, fazendo com que abranja o migrante em suas especificidades.

Ao revermos a maioria dos trabalhos sobre migração vamos perceber o quanto eles contribuíram para rotular e falsear a história da migração e do migrante. Aliado a isto temos os meios de comunicação em suas formas mais variadas que reforçam a visão de **coitados** sobre o migrante nordestino. É urgente contextualizar hoje o fenômeno da migração diante dos gritantes problemas sociais que ora presenciamos, a exemplo do desemprego, e o que isso traz de transformações subjetivas.

Esses trabalhos reforçam também um local de atração dos migrantes nordestinos, de acordo com a nossa pesquisa bibliográfica há uma abundante produção tendo como local de análise a cidade de São Paulo<sup>28</sup>. Ao priorizar como campo de pesquisa a região da Grande São Paulo esses trabalhos dão a idéia de ser essa cidade o *locus* de análise do fenômeno por excelência; talvez pela quantidade de nordestinos que vão para lá.

Porém, a migração para o Rio de Janeiro ainda que em número menor do que São Paulo, apresenta algumas características específicas que dão margem para entendermos outros aspectos da migração.

Porque, em se tratando de subjetividades, há algumas diferenciações que passam despercebidas e precisam ser identificadas. Independente da importância que teve e tem o Estado de São Paulo para análise da migração, se faz urgente apresentarmos as peculiaridades

---

<sup>28</sup> Ver sobre a questão Itamar de Souza, "*Migrações Internas no Brasil*", Natal, Fundação José Augusto, 1980; e Célia Regina P. de Toledo Lucena, "*Refazendo Trajetórias: memórias de migrantes mineiros em São Paulo*", Tese de Doutorado em História, PUC-SP, 1997.

envolvidas em outros fluxos que se dirigem para o Rio de Janeiro por exemplo. Isso porque essas outras peculiaridades implicam em subjetividades diferenciadas, como já dissemos, servindo para nós como luz sobre os motivos da migração.

*"É muito bacana, o carioca é muito bacana; é mais fácil o nordestino sacanear o outro do que o carioca. O carioca gosta de brincar, mas são uns caras bacanas". (GENARO DE SOUSA, 59 anos)*

*"São Paulo pra mim em primeiro lugar trabalho, agora Rio de Janeiro prá curtir é a melhor cidade do Brasil, Rio tem tudo, Rio é cheio de tudo, tudo que existe no mundo". (ROBERTO SAMPAIO, 36 anos)*

As vivências cotidianas em São Paulo são diferentes das do Rio de Janeiro; os motivos da partida estão de qualquer forma associados a isto e não poderíamos negar.

É sabido há muito tempo que o migrante ao partir já tem como certa a sua volta. Ainda que por questões pessoais ou financeiras ele não consiga retornar, no momento da partida existe a certeza da volta.

Por que isso ocorre? Isso ocorre porque ele tem definidos em sua comunidade os laços familiares, os vínculos sociais etc. Existe todo um estado de pertencimento e referências como que um peso aos seus pés lhe puxando para a terra. Essa necessidade de estar próximo das pessoas com quem mantém as mais variadas relações sociais é que dá a certeza da volta.

A grande verdade sobre a experiência do migrante é que ele gostaria que sua cidade pudesse conter todos os atributos da cidade grande

desejada. Queria que sua pequena cidade tivesse as condições de vida e trabalho para poder viver dentro de suas referências culturais.

*"A gente vê muita coisa, a gente podia desejar muito bem, a gente gostaria muito que a nossa tivesse aquela influência, aquela tecnologia,... Nada me encheu às vistas, achei tudo muito lindo mas era casa dos outros, a minha casa é a Paraíba" (ANA SOUSA, 72 anos, moradora).*

Aqui há um posicionamento que reforça a nossa colocação. Dona Ana Sousa esteve fora de cidade por diversas vezes mas hoje mora definitivamente em Lagoa de Roça. Ao sair pela primeira vez sua motivação era conhecer outros lugares. Esteve em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, e, ao falar sobre essas experiências, demonstra muito interesse, mas em nenhum momento abdica de seus referências e atesta a Paraíba como sendo a sua casa.

Mesmo considerando ser uma senhora de 72 anos e não ter mais "necessidade" de sair de sua terra, esclarecemos que quando tomou essa decisão, segundo ela, ainda era muito jovem. Não é porque hoje está mais idosa que ela tem esse posicionamento. Como tinha um trabalho junto a instituições de apoio ao pequeno produtor, ela voltou e disse que teria muita coisa a fazer aqui por seus companheiros da Paraíba.

Mas como estamos tentando captar esse migrante em suas diversidades, verificamos que em outras situações a vivência fora tem o poder de apagar — ainda que suas aparências — os resquícios da terra natal. E isso

pode fazer com que o migrante passe a perceber o Rio de Janeiro como sendo o *seu lugar*.

*"Eu acho que é minha terra agora porque tudo que eu quero é lá, aqui eu não tenho nada, aqui eu só tenho o meu tio enterrado, ..."(INÁCIO DE SOUSA, 48 anos).*

Nesses fragmentos há algumas contradições que precisam ser explicitadas. Primeiro quando o entrevistado diz não ter nada aqui só o tio enterrado, ele "esquece" da sua família (Mulher e filhos) que reside na cidade. Esse esquecimento, no nosso entendimento, é mais uma afirmação do poder que a terra e a família tem sobre ele. A família é o grande referencial para o migrante; ela é que justifica todos os atos e decisões, por isso ela é um motivo subjetivo. Ela está efetivamente presente na decisão de migrar, dando o seu aval ou não; segundo porque ela é o elo que permanece entre as realidades sociais vivenciadas pelo migrante; e por fim, ela é um motivo subjetivo porque será decisiva para o "retorno".

*"É bom a gente trabalhar uma temporada lá e vim prá casa; eu sinto muita saudade de minha família. Quando eu trabalho um ano e venho... quando eu não venho fico maluco mesmo, tem que vim. Eu acho que quando chego aqui, venho em casa e olho minha família, passo dois, três, quatro mês e volto prá trabalhar, saio com alma nova. Eu gosto muito dos meus filhos, não posso ficar muito tempo sem vê eles não" (ANTÔNIO XAVIER, 48 anos).*

Fica evidente como a família é motivador da migração, e a partir dela é possível verificarmos outro motivo também muito presente nos depoimentos dos lagoarocenses que é a saudade. Ela surge não só com relação aos que estão no Rio, como também naqueles que estão na comunidade de origem. Dessa forma, a saudade é um componente adicional importante dentro dos motivos subjetivos da migração em São Sebastião de Lagoa de Roça. Em alguns casos essa **saudade** aparece com uma outra cara: o Rio de Janeiro "*é minha vida e aqui é o lazer. Minha terra é lá, aqui venho só passar o lazer com os meninos aí...*" (GENIVAL MENDES, 55 anos).

Nesse fragmento há uma contraposição significativa para análise: ao dizer que aqui (sua cidade) é o lugar do lazer, ele nega a sua própria visão do Rio de Janeiro como local turístico, de aventuras. O dado interessante é perceber que eles precisam se deslocar de tão longe, fazendo o caminho de volta, para viver alguns dias de lazer aqui, ainda que apresentem o Rio como o local do seu sucesso. Essas nuances apresentam repercussões importantes tanto com relação aos motivos da migração, quanto as modificações nas subjetividades; há uma dimensão da saudade permeando essas modificações.

O atual contexto de crise por que passa o nosso país com um alto índice de desemprego, reforça o nosso posicionamento de que independente de se conseguir emprego as idas e vindas se alternam; as formas de sobrevivência se multiplicam. Isso implica em dizermos que a

experiência da migração é vivida incondicionalmente, independente das adversidades encontradas no caminho, em terra natal ou na cidade grande.

Deixar amigos, filhos, esposa, mãe, pai, etc., e se lançar para uma terra desconhecida, ainda que se tenha parentes esperando, é uma aventura limite que ultrapassa qualquer explicação *a priori*. Esse acontecimento com dimensões psicossociológicas<sup>29</sup> atravessa as estruturas sociais e a vida do migrante em todas as suas variações.

Uma situação de partida implica emoções, porém como e quando essas emoções irão afetar esse que migra é que não são situações sabidas. A partida pode afetar *um* de forma marcante e a *outro* não. Essa diferença pode implicar na existência dos retornos ou não, na negação de sua terra ou da terra para onde vai; e pode ser apresentada como uma característica pessoal.

Partir pode ser a melhor solução para a vida de uma pessoa sem perspectivas sociais e pessoais, onde o único objetivo pode ser a busca da realização de um grande sonho não material. Nesse caso o momento da partida pode ser experienciado de forma diferente daqueles com vínculos afetivos arraigados.

*No dia em que eu vim-me embora*

*Não teve nada de mais (...)*

---

<sup>29</sup> O termo psicossociológico é uma tentativa de anunciar um casamento importante que precisa ser feito entre a Psicologia Social e Sociologia. A colocação psicossociológica pretende uma aglutinação entre o sujeito psíquico e a sociedade. Uma articulação entre o individual e o coletivo.



*Minha avó já quase morta  
Minha mãe até à porta  
Minha irmã até à rua  
E até o porto meu pai.  
O qual não disse palavra  
durante todo caminho  
vi que não entendia nada  
nem de pro que eu ia indo  
nem dos sonhos que eu sonhava.  
(...)  
Afora isso ia indo  
Atravessando seguindo  
Sozinho pra capital.<sup>30</sup>*

Nesses versos a ida não é vacilante, a decisão tomada é firme e não compreendida pelos familiares alheios à partida. A família ou amigos em nenhum momento são forças impedindo a mobilidade nesse caso. Esse exemplo nos reporta para outro motivo subjetivo importante em Lagoa de Roça que é o sonho; sonho esse que de alguma forma está imbricado no desejo.

---

<sup>30</sup> *No dia em que eu vim-me embora* (Caetano Veloso e Gilberto Gil), CBS, 1968.

*"O meu sonho é que quem é do município que está fora volte a morar aqui, inclusive meus irmãos. Eu sonho com isso sabendo que não sei se vou conseguir isso não, não sei. Mas que volte, e os outros que voltem porque eu conversei com tantos jovens que são obrigados a saírem e que o pensamento é: eu vou mais eu volto!"*  
(CARMELITA DE MELO, 45 anos)

Nesse depoimento é incontestável a dimensão coletiva do sonho e do desejo, desejo que representa bem o que essas pessoas pensam e querem para o seu lugar. Eles colocam a necessidade da cidade crescer em termos sociais (mais trabalhos, condições básicas de saneamento etc.) relacionando isso a um crescimento pessoal. E, o que é mais forte, desejam uma administração pública melhor para que essas questões possam ser solucionadas. Vamos analisar, no último capítulo de nossa dissertação, como os moradores intervieram no processo político do município; intervenção que de alguma forma significou uma mudança concreta na cidade. Tentaremos buscar as relações entre essa mudança e o fenômeno da migração.

Quando colocamos o desejo como motivo subjetivo, o fazemos entendendo **desejo** dentro da esquizoanálise; ou seja, *"todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores"* (GUATTARI, 1999: 215). E esse desejo está presente em todo o campo social, tanto naquelas práticas imediatas do sujeito, quanto em projetos maiores e ambiciosos na sociedade.

---

Dessa constatação, a vida dos migrantes que estamos estudando é o próprio desejo. Suas ações no mundo, com suas intenções declaradas de vida melhor, de mundo melhor, de transformação, encerram esse grande desejo que o de criar e inventar um lugar possível, uma singularidade onde possa acontecer a realização de um desejo; invertendo a análise psicanalítica que entende o sonho como a realização do um desejo. Em nossa análise sonho e desejo são faces de uma mesma moeda que é o migrante; com toda sua força de reverter um quadro mais geral de dominação.

Ao definir o povo de São Sebastião de Lagoa de Roça, o padre Lourildo (1988-96) apresenta essa característica de poder e mudança, e essa característica fez com que a Igreja também adquirisse importância na vida deles.

*“É um pessoal muito religioso, muito religioso. (...) Eu acho que é um terreno bom de plantar verdadeiras comunidades, né. Onde todos se sentem irmãos, muito comprometidos com o fortalecimento da igreja como sinal que o reino de Deus está ali presente” ( PADRE LOURILDO).*

Assim, apesar do Rio de Janeiro representar as possibilidades de realização para os moradores de Lagoa de Roça, é na terra natal onde

---

essas pessoas podem exercitar uma "cidadania"<sup>31</sup>, onde também pode haver possibilidades de "vida melhor".

O fundamental é que, independente do comando tentado pelo governo no processo migratório, os migrantes do passado e do presente se efetivam num *devoir*, violando todas essas lógicas impostas, inventando suas maneiras próprias de viver e re-viver. Desviam-se das opressões globais da sociedade moderna, usando-as através de uma elaboração diária; traçando os seus próprios cenários e itinerários particulares (CERTEAU, 1998).

A migração para as grandes cidades passa a ser uma escola política, uma escola de vida. Depois de ser um acontecimento social, a migração é também um acontecimento político. É essa dimensão política, presente nos efeitos da migração em Lagoa de Roça, que nos possibilita justificar a importância dos *motivos subjetivos*, a exemplo da família e do retorno, nessas transformações locais.

Isto posto, é fato que as causas e os motivos que levam os nordestinos para os centros urbanos de São Paulo e Rio de Janeiro, e os traz de volta, são os mais variados e estão interligados. São causas estruturais da sociedade a exemplo das transformações econômicas, industrialização, fenômeno da seca etc. Esses problemas estruturais estão por trás do processo migratório e mesmo considerando-os como causas, eles não possibilitam entender a produção de subjetividade migrante.

---

<sup>31</sup> Não estamos discutindo aqui a cidadania em seus aspectos gerais, mas apenas em uma de suas dimensões que é a participação nos acontecimentos políticos e sociais de uma cidade. A cada volta os migrantes reforçam os laços e o poder sobre os rumos do seu município, efetivamente têm uma participação nos destinos do seu lugar.

Paralelo a essas causas e com poder de sedução maior sobre o migrante, estão os **motivos subjetivos**. Motivos pessoais e afetivos que marcam de forma decisiva o ato de migrar. A família, a saudade, o sonho, o desejo, a busca etc. jogam essas pessoas para essa aventura única que é a migração.

As causas da migração não deixam margem para visualizarmos as potencialidades criativas do migrante em suas trajetórias; ele é visto como um ser passivo, como um condenado do sistema. Já a perspectiva que busca os motivos subjetivos faz com que vejamos esse migrante com capacidade de transformar a realidade em que vive a partir de suas vivências cotidianas.

## CAPÍTULO II

### As Vivências Marcantes e Marcadas do Migrante

#### 2.1 – Produções subjetivas sobre um Rio distante<sup>32</sup>

O Rio de Janeiro, enquanto lugar que se encontra, num primeiro momento, muito distante dos moradores de Lagoa de Roça, passa por um processo de transformação. Ele vai passando de lugar desconhecido, idealizado, para um lugar vivido. Esse processo desencadeia várias imagens, vários “Rios”; essas imagens são resultado das vivências desses migrantes que vão construindo através das suas experiências esses novos espaços de circulação no Rio de Janeiro.

Porém, não é só através da experiência migrante que essas imagens vão sendo tecidas, fazem parte dessa construção outros mecanismos também responsáveis pelas idealizações sobre o Rio de Janeiro. Podemos citar como exemplos: a mídia como um todo, os relatos dos que retornam ou

---

<sup>32</sup> Após a vivência migrante, espaço e tempo adquirem uma nova dimensão; por consequência *distante* e *próximo* também passam a ter outras medidas. Isso quer dizer que, em dado momento, o Rio distante se torna próximo; e muitas vezes o próximo do migrante é alguma coisa inacessível que o faz voltar e *procurar* a realização na terra natal.

mesmo que permanecem lá e apenas mantêm um contato permanente por carta ou por telefone, as músicas tanto sobre o Rio de Janeiro quanto sobre o Nordeste, etc. Esses mecanismos são um forte componente da formação dessas imagens sobre o Rio, criando ilusões a partir das idéias sobre essa terra distante.

Isso quer dizer que existe toda uma **produção de subjetividades** sobre essa cidade; produção essa presente nas músicas nordestinas, nas telenovelas e nas informações daqueles que vivem ou viveram essa cidade.

*“Eu vou voltar que eu não agüento*

*O Rio de Janeiro não me sai do pensamento*

*(...)*

*Quando me lembro que fui à Copacabana*

*Passei mais de uma semana*

*Sem poder me controlar*

*Com ar de doido que parecia tá vendo*

*Aquelas moças correndo de maiô na beira mar”<sup>33</sup>*

---

<sup>33</sup> *Note de Copacabana*. (José Gomes). EMI. 1974.

---

Nessa música, cantada por Jackson do Pandeiro, vemos como aparece essa imagem do *prazer*, que identificamos no primeiro capítulo como uma construção dos migrantes de Lagoa de Roça sobre o Rio. O Rio de Janeiro com suas “mulheres bonitas” é um local irresistível a ponto de não se agüentar ficar longe dele.

Assim, para entender essa produção de subjetividades e a conseqüente proximidade entre Lagoa de Roça e Rio de Janeiro, devemos começar acentuando alguns elementos existentes entre as duas cidades que possam significar vínculos criados pelos moradores a partir de suas experiências migrantes.

Há em comum entre as duas cidades primeiramente o padroeiro, o santo protetor da cidade. Depois, ambas têm um monumento ao Cristo Redentor. Esse fato não é original, já que diversas outras cidades do Brasil construíram monumentos ao Cristo Redentor igual ao do Rio de Janeiro. Particularmente em Lagoa de Roça a edificação desse monumento não significou apenas um fato religioso, uma alusão ao Rio, ou até uma referência a Jesus Cristo. Foi muito mais que isso<sup>34</sup>.

Esse fato é importante dentro do nosso trabalho porque ele vai, de alguma forma, trazer para os moradores da cidade que nunca foram ao Rio de Janeiro, um referencial concreto de algo que evoca um Rio abstrato. É uma realidade que passou a existir *aqui* e que existe *lá*. Queremos dizer com isso que muitos moradores de Lagoa de Roça que nunca foram ao Rio

---

<sup>34</sup> No terceiro capítulo de nossa dissertação vamos tratar desse fato, associando-o à mudança política ocorrida na cidade.



podem efetivamente “conhecer” o tão falado cartão postal, coisa que nunca conseguiram e não conseguirão fazer por impossibilidades materiais ou mesmo físicas. Até mesmo alguns migrantes nunca visitaram o Cristo Redentor no Rio, mas aqui em sua cidade têm essa oportunidade. Ou seja, por enquanto entendemos que esse monumento é uma *marca* do Rio em Lagoa de Roça.

Podemos ainda destacar outras coincidências entre essas cidades: a data da emancipação política de São Sebastião do Rio de Janeiro é 20 de janeiro de 1567; Lagoa de Roça também comemora sua emancipação no dia 20 de janeiro. No mesmo ano em que São Sebastião de Lagoa de Roça se torna cidade (1961), a Capital do país sai do Rio de Janeiro e passa para Brasília, no Distrito Federal.

Esses exemplos são apenas coincidências que pouco falam sobre a relação mais profunda que existe entre essas duas cidades; o que as une de forma marcante é a *migração*. Desse processo é que surge uma proximidade, a ponto de o Rio de Janeiro ter se tornado um lugar familiar e próximo; é uma cidade ali onde se pode ir a qualquer momento. “... *eu não saio do meu lugar não, somente pro cemitério. É o Rio de Janeiro e Lagoa de Roça; Campina Grande é o coração da gente mas me dê uma casa lá que eu não quero*” (GENARO DE SOUSA, 55 anos).

Essa proximidade começa a ser construída antes mesmo do processo migratório. O desejo do futuro migrante já está recheado de idéias sobre o Rio, e essa cidade passa a existir no universo subjetivo dos moradores de Lagoa de Roça antes mesmo de se lançarem na caminhada

migrante. Na maioria da vezes essas imagens são as melhores possíveis: vai-se ganhar muito dinheiro, vai-se ter um lugar muito bom para morar, todos os parentes que se encontram lá vão ajudar. Não vão existir problemas.

*"Eu pra mim quando saí daqui pro Rio, eu pra mim ia pro céu, pronto. Quando chegar lá vou ganhar dinheiro que nem lixo, eu vendo todo mundo ir prá lá, mas foi o contrário. Agora tá certo, deu certo por causa do meu irmão, nunca tive mordomia sempre trabalhando"*(INÁCIO DE SOUSA, 48 anos).

As imagens negativas da violência e pobreza nas favelas não são incorporadas porque nesse momento prevalece a idéia do sonho, do desejo. Só após a constatação da realidade dura que é a sobrevivência do migrante na cidade grande, é que essas imagens entram em outro processo: há uma revisão sobre a cidade idealizada. Somente a partir daí o Rio de Janeiro passa a ser uma realidade familiar; isso porque uma cultura não será apreendida somente pelo olhar e pelo ouvir, há uma necessidade de fazer muito mais: há de se vivê-la.

Assim o Rio é a segunda casa desses paraibanos; **casa** construída com tijolos forjados nas vivências marcantes na cidade grande. Casa invisível com ares de lojas de antigüidade e conveniência que guarda objetos cheios de histórias que marcaram as vidas desses migrantes, objetos também marcados com os traços singulares deixados por eles.

Assim, nosso objetivo nesse capítulo será mostrar as *marcas* impressas nos migrantes lagoarocenses a partir de suas vivências no Rio de Janeiro, como também os sinais das influências dessas marcas em Lagoa de Roça que possam indicar possibilidades de mudança (o caso do Cristo Redentor). Viver ou ter vivido na *cidade maravilhosa, é uma experiência marcante e marcada.*

A migração com sua dimensão multifacetada é o terreno onde essas duas regiões (Nordeste e Sudeste) se encontram e desencontram-se, marcam e demarcam territórios, reterritorializam-se. Pessoas com histórias diferentes, vivências de espaços diferentes; e é nessa heterogeneidade onde há o sentido das suas práticas; a experiência do espaço é então viver, se colocar, trafegar; situar-se no contexto.

*“Um **lugar** é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns **ao lado** dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posição. Implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 1998:201).*

Assim, antes da proximidade, o Rio é um ***lugar*** distante e aparentemente inacessível para os que pretendem conquistá-lo. Ou seja, o Rio é caracterizado por um conjunto de elementos elaborado pelos migrantes.

Para que essa relação de proximidade aconteça é necessário que as pessoas deixem sua cidade e sigam para o Rio de Janeiro. Afirmamos então: ***a migração é uma condição necessária para a proximidade entre O Rio de Janeiro e Lagoa de Roça***. Daí entramos numa questão importante: a relatividade da *distância* que termina ocasionando essa proximidade.

Em *As Migrações na Atualidade Brasileira*, BRAIDO traz uma discussão que achamos importante e tem relação com a questão da distância. Quanto ao raio de deslocamento, a migração pode ser de curta distância ou *intra-regional*, ou de longa distância se caracterizando como sendo *inter-regional* (BRAIDO, 1980). Essas caracterizações são importantes à medida que vamos ter marcas diferenciadas a partir dessas duas experiências. Especificamente em nosso trabalho estamos nos detendo na migração inter-regional.

Jackson do Pandeiro, migrante do Brejo paraibano (Alagoa Grande), é um exemplo bem significativo para atestar a importância da abordagem dessa perspectiva espacial. O artista teve o Rio de Janeiro como a cidade escolhida; mas antes de chegar lá passou por outras cidades: saiu de Alagoa Grande para Campina Grande, de Campina foi para João Pessoa e de João Pessoa seguiu para o Recife. Só depois de ter "conquistado" essas cidades foi que seguiu para a "cidade maravilhosa".

As composições e as músicas cantadas por Jackson não deixam transparecer a perda de suas raízes, de suas referências. A maioria das suas composições fala sobre a vida urbana, não só do Rio de Janeiro mas da

cidade de Alagoa Grande, Campina Grande e Recife; cada uma com suas singularidades:

*"Cantando meu forró vem na lembrança  
Do meu tempo de criança que me faz chorar*

*Oh, linda flor, linda morena  
Campina Grande minha Borborema*

*Me lembro de Maria Pororoca  
De Josefa Tributino e de Carminha Vilar*

*Bodocongó, Alto Branco, Zé Pinheiro  
Eu aprendi tocar pandeiro nos forrós de lá.<sup>35</sup>*

Assim, a experiência migrante desse artista está marcada pela sua passagem por cidades próximas a sua. Quando da chegada ao Rio de Janeiro, muitas imagens, desejos e ambições que trazia de Alagoa Grande já haviam passado por vários processos de reelaboração.

A modificação que é visível refere-se ao lado profissional que

---

<sup>35</sup> *Forró em Campina*, (Jackson do Pandeiro), EMI, 1974.

melhorou a partir das experiências na cidade do Rio de Janeiro, no cotidiano carioca. Suas músicas refletem a vida urbana com seus problemas e dificuldades. Podemos inferir que a trajetória de Jackson do Pandeiro aconteceu gradativamente, as distâncias com relação a sua cidade iam aumentando à medida que ia fazendo sucesso. Como Jackson não saiu de Alagoa Grande direto para o Rio, antes circulou em outros espaços característicos de sua região, isso pode ser uma explicação para a permanência tão forte de valores regionais tão presentes em suas composições.

Partindo desse tipo de exemplo, podemos opinar que a migração de curta distância afetaria pouco o migrante, pelo fato dele sair da sua cidade mas permanecer na mesma região. O contato com a família pode ser mantido, e, se não for, pelo menos há uma proximidade geográfica.

Já a migração de longa distância faz com que o migrante ultrapasse as "barreiras regionais"<sup>36</sup>, e entre em contato com outras pessoas, com juízos de valor construídos e sedimentados sobre a sua região e sobre ele mesmo. O confronto com essa realidade adversa significa choques e traumas; e mais, a necessidade de agenciar novas maneiras para lidar com ela.

Ao chegar pela primeira vez, o migrante já começa a ver um Rio de Janeiro muito diferente daquele idealizado; há a sua frente pessoas

---

<sup>36</sup> Cf. Armand Frémont, *A Região, o espaço vivido* onde é feita uma análise mais profunda sobre a região como sendo um espaço vivido; espaço construído a partir da vivência. Ele discute como ao ultrapassar as barreiras da região, as influências culturais afetam o sujeito migrante.

e objetos *anônimos*, um sentimento de medo e uma vontade de voltar se misturam em sua cabeça.

*“Quando eu cheguei lá no Rio fui prá dentro do mato home, porque lá na “Malé”<sup>37</sup>, meu irmão morava lá, prá mim vou ser índio porque era um bicho; chego lá só era mato, favela braba é uma das favelas mais braba, é não Genival!?”*(INÁCIO DE SOUSA, 48 anos).

*Você sai de uma cidade pequena esperando conquistar uma grande metrópole, e o primeiro local para onde vai morar é mais “sítio” do que o local de onde se veio. É como se seu Inácio não reconhecesse naquela favela a presença do Rio de Janeiro idealizado. Essa constatação serviu como um reforço para mostrar que o Rio de Janeiro é tão real, no sentido de existir problemas, quanto a cidade que havia deixado para trás.*

*—Seu Genaro qual foi a primeira impressão que o senhor teve quando chegou lá, o que foi que o senhor imaginou? — “Imaginei que não ia dá certo de jeito nenhum lá; a vontade era vim embora; todo nordestino pode tá bem como for, mas quer vim embora pro lugar dele, né!”*

Nesse momento o migrante trava uma luta para vencer as dificuldades de adaptação. O retorno pode até acontecer, mas não nesse

---

<sup>37</sup> Ao falar “Malé” seu Inácio está se referindo a Favela da Maré, em Jacarepaguá.

momento. Retornar à terra natal pode significar insucesso, é como assinar um atestado de incompetência:

*"Mas se eu voltar  
Aquele turma lá do Norte me arrasa  
Principalmente o povo lá de casa  
Que vai perguntar por que é qu'eu fui embora  
Pois eu vou ficando  
Dormindo aqui na porta do Municipal  
Com quatro mil réis eu compro um enxoval:  
Diário da Noite e a Última Hora"<sup>38</sup>.*

Há necessidade de um tempo para que essa realidade adversa se torne agradável, para que o exótico se transforme em algo mais *familiar*. Nesse tempo o migrante é um garimpeiro que vai explorando os lugares e os espaços; selecionando, se adaptando e adaptando as coisas e as pessoas dessa nova terra. Nesse período de adaptação ele vai explorando um território desconhecido onde não há "*legalidade*" para a circulação<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> *Meu Enxoval*, (Gordurinha e José Gomes), EMI, 1974.

<sup>39</sup> Determinadas viagens, acessos, circulações etc., são "proibidas" para o novato vindo do interior para a cidade grande. Principalmente o nordestino que vai, em sua maioria, morar na periferia das grandes metrópoles e é obrigado a respeitar os códigos morais que não conhece. A essa situação inicial estamos chamando de um momento de falta de "legalidade" para a movimentação.



---

*"Assim desterritorializadas, as massas diluíam de fato seus laços primários, familiares, domésticos, e perdiam-se, por assim dizer, nos labirintos selvagens da selva de cimento armado" ( PERLONGHER, 1988:52 ).*

*Chegado* na nova realidade da cidade grande, o migrante constata que o Rio de Janeiro não é aquele lugar idealizado; e mais, vai enxergar problemas insistindo em afirmar que ali não tem nada de paraíso<sup>40</sup>. Esse *choque cultural* vivido pelo migrante na cidade grande, é devido, em grande parte, a uma produção dominante de subjetividade que **inventa** um Rio, um São Paulo, um Sul maravilhosos, em detrimento de um Nordeste pobre, atrasado, miserável etc. Criam-se diante deles duas realidades díspares: uma de aventura e prazer, e uma outra de sofrimento e dependência.

Na citação anterior, PERLONGHER apresenta a visão dominante no estudo das territorialidades; a partir daí podemos apreciar as duas concepções para essa análise dos territórios que prevalecem nas Ciências Sociais.

Uma tem na perspectiva *espacialidade-territorialidade* o foco da análise centrando-se apenas na *desterritorialização*. Aqui se encontra a crítica do autor que não concorda que os migrantes percam suas referências na cidade grande. Essa perspectiva tem a paternidade da Escola de Chicago da década de 20, os chamados *ideólogos sociais*. Esses estudos tinham como

---

<sup>40</sup> Isso força lembrar a minha própria experiência e de minha família como migrantes. Ainda lembro do nome de um lugar que significa muito para mim: *Chácara do Céu*. Esse lugar é o cume dos morros do Andaraí, Morro do Cruz e Morro do Boreu; localizado no bairro da Tijuca. Mesmo tendo vivido apenas meus primeiros 5 anos no Rio de Janeiro, o que é pouco para consolidar subjetividades, até hoje esse lugar me traz recordações muito boas.

---

pano de fundo a desterritorialização das massas, principalmente os camponeses. Numa época de expansão industrial e pós-guerra, os camponeses que saíam de suas terras através de uma expulsão forçada estariam então fragmentados na cidade grande perdendo seus vínculos e valores da sua região de origem: desterritorializados.

Quando estuda os "territórios marginais", PERLONGHER acredita que esses referenciais de origem passam por momentos de reelaboração, mas isso não significa a anulação dos valores trazidos pelos migrantes. Sua visão de *território* vai além da entidade geográfica, apresenta perfis com marcas psicológicas em função das condições de sociabilidade; coadunam com a outra abordagem sobre o território nas ciências sociais.

Essa outra perspectiva de análise dá ênfase à *comunidade-identidade* que percebe a condição migrante/nômade num movimento contínuo de desterritorialização e reterritorialização. O segundo termo significa dizer que os migrantes restauram seus vínculos e hábitos, ou seja, eles reelaboram rituais de sociabilidade trazidos da sua comunidade de origem: *"longe de se perderem, os laços familiares das famílias transplantadas tendem a refazer-se no novo meio urbano, incluindo reelaboração de rituais de sociabilidade que provêm de seu círculo de origem"* ( DURHAN Apud PERLONGHER, 1988: 52).

Mesmo assim, PERLONGHER acredita que a análise de DURHAN não consegue captar as fugas e as rupturas, pelo fato de optar por uma análise marxista da migração. Porém, é de acordo que ao mesmo tempo em que há as desterritorializações, ocorrem as reterritorializações num

movimento de construção do "novo". Ele acrescenta que está no desvio, na fuga e na ruptura, a explicação e o entendimento das migrações nômades; ou, como preferimos categorizar esse fenômeno em nossa pesquisa, **migrações múltiplas**<sup>41</sup>. Ou seja, hoje a migração não pode mais ser entendida como um movimento de *ida* ou de *volta*. Ela é um conjunto de movimentos, de fluxos que se interpenetram; por isso é que chamamos de migrações múltiplas.

Ser *carioca* ou *nordestino* são construções que denotam uma relação política e de poder; implicam em determinações territoriais. Assim, estar no Rio significa, em parte, assumir uma posição de inferioridade diante dos outros brasileiros cariocas. Dessa forma, voltar à comunidade pode significar um momento de reterritorialização, auto-afirmação da identidade. Momento de renovação e recriação de valores e posturas que vêm significar uma afirmação das origens.

A *mídia* é uma grande máquina de *produção de subjetividade capitalística*<sup>42</sup> dentro da nossa sociedade. Ela paulatinamente está nos apresentando lugares, objetos, pessoas etc. , dando sua conotação de valor. Isso significa dizer que, enquanto o nordeste é produzido pela mídia como um lugar de seca, fome, desgraças, o sul-sudeste aparece como o local do

---

<sup>41</sup> Cf. Menezes, M. A. de. ***Migração de retorno e migração: categorias ou experiência social***. (Manchester, 1996, Mimeo).

<sup>42</sup> Termo usado por Guattari para entender a subjetividade produzida dentro do sistema capitalista. Uma produção dominante de subjetividade; vai contrapor a esse termo a *singularização* como um momento de transformação singular dessa subjetividade.

---

desenvolvimento no sentido de produção de riquezas, dos prazeres etc., criando dessa forma *ilusões* no mundo migrante.

*“Eu acho que é essa ilusão né, de talvez propagandas, não sei, de amigos que já estão lá e passam essa mesma ilusão de que lá é muito bom e que você ganha bem. A impressão até que ganha bem sem trabalhar muito, sem se esforçar muito; e a gente sabe que não é”. (CARMELITA DE MELO. 45 anos).*

Essa imagem é criada, e, antes mesmo da viagem, a cidade do Rio de Janeiro já é uma realidade na vida dos moradores de Lagoa de Roça. E, ainda que esse imagem seja um tanto fugidia, o Rio vai aos poucos se incorporando ao mundo subjetivo deles.

A música brasileira em suas diversas variações é também um veículo de disseminação dessas subjetividades dominantes, não só em relação ao sul-sudeste, mas também com relação ao próprio nordeste.

*“No nordeste imenso, quando o sol calcina a terra  
Não se vê uma folha verde, na baixa ou na serra  
(...)*

*Acauã bem do alto, do pau ferro canta forte  
Como que reclamando, sua falta de sorte*

(...)

*E o sol vai queimando, brejo, sertão, cariri e agreste*

*Aí, aí meu Deus! Tenha pena do nordeste”<sup>43</sup>.*

Essa composição apresenta o Nordeste enquanto um deserto abrasador e sem nenhum sinal do verde; o apelo paterno-assistencialista está bem presente no discurso, na evocação final à ajuda divina.

Já aquelas composições que falam das contradições, das diferenças e dos pontos em comum entre as regiões brasileiras, geralmente não ganham tanto espaço na mídia.

*Cariocas são bonitos*

*cariocas são bacanas*

*cariocas são sacanas*

*cariocas são dourados*

*cariocas são modernos*

*cariocas são espertos*

*cariocas são diretos*

*cariocas não gostam*

*de dias nublados<sup>44</sup>.*

---

<sup>43</sup> *Aquarela Nordestina*, (Rosil Cavalcante), EMI, 1989.

<sup>44</sup> *Cariocas*, (Adriana Calcanhoto), SONY MUSIC, 1994.

Portanto, podemos dizer que várias canções da MPB serviram para construir realidades virtuais. Lugares como o Nordeste e o Rio tiveram incorporados aos seus atributos originais, diversos outros decorrentes dos conteúdos simbólicos que essas músicas disseminaram. Há todo um processo de construção implicando no estabelecimento dessas realidades necessárias para que a caminhada possa acontecer com uma certa segurança. Uma construção que, apesar de necessária, será objeto de implosões e explosões quando do confronto com a realidade que o migrante irá encontrar. Por mais que existam essas imagens dominantes, acreditamos que é a partir da vivência migrante que essas imagens vão sofrer diversas transformações.

Essa noção do simbólico nos leva inevitavelmente ao livro *A Invenção do Nordeste e outras artes*<sup>45</sup>. Essa obra nos possibilita entender quem, como e quando foram produzidos juízos de valor sobre esse lugar que hoje conhecemos por Nordeste; valores que fizeram com que ocorressem subjetivações responsáveis por todas as idéias que, principalmente o sul e sudeste, têm sobre o nordeste.

Um outro trabalho também importante para entendermos essa idéia da *invenção* e *criação* de espaços é ***Orientalismo; o oriente como invenção do ocidente*** onde SAID discute vários aspectos acerca do

---

<sup>45</sup> Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Cortez: São Paulo, 1999.

Oriente enquanto uma região, e o Orientalismo enquanto uma corrente de pensamento sobre essa região. Podemos sintetizar dizendo que uma de suas hipóteses é a de que o Oriente, assim como conhecemos hoje, foi uma *invenção* do Ocidente; ou seja, a representação feita do Oriente no Ocidente significou e significa uma questão cultural, política, social etc. Na realidade, segundo ele, a cultura Européia ganhou em força e identidade se comparando ao Oriente.

A partir dessas constatações, podemos também indagar sobre a "invenção" desse Rio de Janeiro<sup>46</sup> feita por uma elite dominante no sul/sudeste a quem interessava, em um período histórico específico, que um grande número de nordestinos fosse preencher postos de trabalho nas indústrias da região. E essa criação foi introjetada não somente pelos cariocas, mas talvez, muito mais, pelos próprios nordestinos a partir de suas vivências. Esse fato nos remete novamente a SAID:

*"Comecei com a suposição de que o Oriente não é um fato inerte da natureza. Não está lá, assim como o próprio Ocidente não está apenas lá. Devemos levar a sério a notável observação de Vico segundo a qual os homens fazem a sua própria história, e que só podem conhecer o que fizeram, e aplicá-la à geografia: como entidades geográficas e culturais — para não falar das entidades históricas —, os lugares, regiões e setores geográficos tais*

---

<sup>46</sup> Não estamos levantando nenhuma tese sobre a invenção do sudeste; o que estamos colocando é que as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo são espaços criados discursivamente através de vários mecanismos, um deles é a mídia. Para levantar tal hipótese, *invenção do sudeste*, seria necessário um outro trabalho de pesquisa e uma maior demanda de tempo.

como o "Oriente" e o "Ocidente" são feitos pelo homem" (SAID, 1990 : 16).

Acreditamos que é na comunidade de origem onde o reflexo dessas criações estão em melhores condições de ser acessadas e analisadas; da ação transformadora na comunidade participa um conjunto heterogêneo de sujeitos: os migrantes, os não-migrantes, e outros sujeitos das atividades locais. Por esse fato, afirmamos a importância de centrarmos nossa atenção na comunidade. Fazendo isso vamos estar contestando essa visão dominante sobre a migração e o migrante; quebrando com essas "representações" que insistem em mostrar um lado do nordestino que não nos interessa, que para nós não tem importância.

Queremos, a partir do nosso enfoque analítico, mostrar um migrante forte, não no sentido tradicional de ser capaz de resistir às adversidades que enfrenta. Forte no sentido de poder exercer, assim como os outros atores sociais, uma ação transformadora na sua sociedade e em particular na sua comunidade. Entendendo que a *vida melhor* tão desejada por ele pode ser encontrada na própria comunidade, a partir de sua própria inserção nas decisões locais.

Voltando a questão da perspectiva espacial, o distante só é distante até quando a experiência objetiva do migrante não se efetiva; pois a partir de sua efetivação as coordenadas de distância e tempo são alteradas, assim como os lugares e os espaços. "*É, tem hora que o cara tá*



*assim, fecha os olhos e é mesmo que tá vendo as paisagens todinha lá, os local” (GENARO DE SOUSA).*

Mesmo residindo em Lagoa de Roça definitivamente, o Rio de Janeiro para seu Genaro, é um lugar de fácil acesso e que pode ir a qualquer momento se desejar; é tão acessível que as imagens podem ser acessadas em sua mente sem nenhum esforço.

E, além disso, há um fator objetivo que também ajuda “diminuir” essa distância. Os meios de transportes. Roberto Sampaio disse que seu pai gastou 22 dias quando foi para o Rio pela primeira vez; hoje ele não gasta mais de 3 dias.

*“A mobilidade social, entendida como capacidade humana de criação, atribui um sentido positivo à diversidade cultural e às inúmeras experiências vivenciadas pelos migrantes. Acredita-se na possibilidade dos sujeitos optarem pelo estilo de vida, de transitar pelas brechas e de abrir espaços na vivência do dia-a-dia” (LUCENA, 1997:215).*

Essas vivências deixam marcas no migrante e em volta dele; e a partir delas seus itinerários entram num permanente transformar-se. Dessa forma, a cidade idealizada é necessária para que na vivência objetiva ela possa ser contestada, destruída, modelada, reinventada. Ainda na estrada, tudo já começa a ruir, a circular, a se encher de fluxos, reorientar-se. O mundo migrante entra em efervescência num permanente devir; o Rio distante vai se aproximando físico e socialmente.

*"Na época que fui a primeira vez foi muito difícil, o carro quebrou no caminho, era estrada de barro chovendo prá caramba; um lugar de massapê sem ter água pra beber, pôxa! Bebemos água até suja de cavalo. Nós não levamos comida, pergunta a Geraldo teu irmão"(ANTÔNIO XAVIER).*

No caminho a "cidade maravilhosa" já vai sendo colocada à prova; a persistência do aventureiro e a certeza do sucesso faz com que a caminhada não cesse. Assim, no trajeto para a cidade, o migrante já vai vivenciando as rupturas, as brechas; abrindo outros caminhos, outras possibilidades.

## **2.2 – As Marcas de um primeiro encontro**

O começo é sempre um momento difícil e a explicação para essa dificuldade pode residir na idéia do novo, do desconhecido. Iniciar uma peregrinação pela primeira vez significa entrar em contato com espaços desconhecidos, há uma certa insegurança.

*"O confronto foi grande tá! Porque todos nós, quando vamos pela primeira vez, vamos enganados e quando chega e espera que aquela cidade seja assim, realmente maravilhosa e você procura terra nos pés e não encontra, fica perdido no espaço..."(GENIVAL MENDES).*

Então, lançar-se para um novo território vai significar, como já dissemos, um momento de abandono temporário dos códigos da comunidade de origem e um ver-se sem condições de prosseguir.

Com o migrante esses momentos são comuns numa primeira viagem, numa Segunda, até o dia em que essa experiência se torne um acontecimento rotineiro, alternando diversas partidas e retornos, e vice-versa; quando a migração passa a ser composta por múltiplos fluxos. Porém, ainda que depois de um certo tempo essas dificuldades na cidade grande desapareçam e ocorra a adaptação, as *marcas* do primeiro encontro na terra desconhecida nunca se apagam. Elas servirão de referências para o migrante em suas vivências, em suas trajetórias, em suas reterritorializações.

Com 19 anos, em 1972, dona Maria de Fátima Sousa casou-se e foi para o Rio de Janeiro com o marido. Suas experiências não foram muito boas segundo ela; passou fome, o marido ficou muito tempo desempregado. Depois de 12 anos voltaram de vez para Lagoa de Roça. Quando partiu pela primeira vez, dona Fátima tinha certas idéias sobre o Rio e o dinheiro, hoje mudou com relação a esses valores.

*"No momento eu tô bem, num tou com desejo de nada, só. Hoje eu só quero paz, num quero nem dinheiro. Eu digo aí ao povo direto, \_ Gente! Dinheiro num é tudo não, eu quero é paz. Eu prefiro a paz do que o dinheiro, a paz de espírito"* (MARIA DE FÁTIMA, 45 anos).

Para Roberto Sampaio, houve algumas experiências significativas. Uma delas aconteceu quando ele ainda tinha 15 anos no Rio de Janeiro:

*“Tem um cara que até hoje eu ajudo ele, hoje mora no Caracol e ele fez uma maldade comigo. Eu com 15 anos ele comandava pra descarregar uma carreta de cimento; eu não podia com um saco de cimento e ele colocou na minha cabeça e até hoje eu sinto dor na coluna; mas Deus me mandou outro jeito e não é que eu venci, ninguém vence mas graças a Deus hoje eu arrumo minha feira, mas que ajudo ele hoje e ele não foi sincero quando pegou aquele saco de cimento derrubou com 60 Kg; minha idade não dava para fazer aquilo” (ROBERTO SAMPAIO, 36 anos)*

Tais marcas dão o tom da relação dessas pessoas com os seus parentes e conterrâneos; e definirão valores e posturas de um *novo mundo* que podem modificar a vida do migrante e da sua comunidade.

O paraibano de Lagoa de Roça, ao encarar o Rio de Janeiro pela primeira vez, vê à sua frente um mundo sem sentido. Seu Genaro, seu Inácio, seu Antônio e seu Genival estão na mesma faixa etária dos 50 anos, isso quer dizer que viveram a primeira experiência migrante na mesma época. Suas lembranças são fortes, persistentes e prometem resistir ao tempo. Para eles o primeiro encontro com o Rio significou o início das mudanças em suas vidas.

Dos quatro seu Genaro é o único que reside definitivamente em Lagoa de Roça e, apesar de ter uma condição financeira boa em função da herança que recebeu dos seus pais, ele demonstra um sentimento de derrota diante da experiência migrante que viveu. Acha que não teve sorte e não se posiciona diante dos problemas da cidade; para essas questões sociais é apático. Apesar de possuir terras que estão valorizadas por estar dentro da zona urbana da cidade, ele coloca como uma possibilidade de riqueza ganhar na loteria. Podemos perceber que seu Genaro não desenvolveu essa visão mais crítica sobre a sua realidade, coisa que percebemos nos outros companheiros de experiência.

Todos eles viviam na zona rural do município e antes de conquistarem a cidade de Lagoa de Roça partiram para o Rio de Janeiro; só depois é que voltaram para a cidade. Dos três (Genival, Antônio e Inácio) apenas seu Genival não se casou em Lagoa de Roça. Sua experiência foi um tanto solitária na cidade grande. Hoje é uma pessoa sintonizada com os problemas sociais do país e mais especificamente da sua cidade; acha que falta mais ação dos governos em todos os níveis. Quando se encontra em Lagoa de Roça não aceita os favores dos prefeitos; eles sempre lhe oferecem carro-pipa com água em função da seca, só que nunca aceita. Acredita que os benefícios deveriam ser para todos e não apenas para os "cariocas". Não se considera melhor do que os seus conterrâneos de Lagoa de Roça, e acredita que tem obrigação de ajudar aqueles que precisam.

Seu Antônio, com uma aparência mais tímida, nos engana. Quando começa a falar, demonstra um grande conhecimento sobre a sua realidade.

Também está de acordo com Genival em relação a atitude dos prefeitos, já que essa prática de favorecimento aos *de fora* é antiga no município. E um outro aspecto importante em seu Antônio é com relação à religião de sua família. Sua esposa e filhos fazem parte da igreja protestante e ele decidiu deixar de beber; e isso nos parecia um problema quando fomos realizar a entrevista coletiva. O local onde foi possível reunir seu Genival, seu Inácio e Roberto foi no bar de Daniel em Lagoa de Roça; isso em função da falta de tempo deles e nesse dia coincidiu de encontrarmos todos no bar. Quando fomos comunicar o local da entrevista achava que seu Antônio não iria pelo fato da religião da família. Só que ocorreu o contrário. Ele comunicou o motivo a esposa, o que o levaria até o bar de Daniel e foi sem nenhum problema. Na realidade ele demonstrou perceber a importância de falar sobre sua experiência de vida; mostrou um senso de responsabilidade já que havia explicado os assuntos que iríamos tratar na entrevista.

Inácio de Sousa, que também se casou em Lagoa de Roça e partiu com a mulher para o Rio de Janeiro, tem um "jeitão" mais caipira comparado com os outros e a ausência dos dentes superiores da frente caracterizam o "matuto". Apesar disso ele apresenta a mesma capacidade dos outros de perceber e questionar determinados acontecimentos locais; ele diz que não frequenta as repartições públicas da cidade porque não conseguiria ficar quieto sem agredir alguém. E apesar do Rio ser o local onde ganha dinheiro, onde sobrevive e sustenta a família ainda hoje, acredita que lá não é local para gente. Já viu sobrinhos seus morrerem assassinados por causa do

envolvimento com drogas. Adolescentes que conhecia como se fossem filhos seus, e sabia que tinham entrado “nessa” por causa de outras pessoas.

Assim, a experiência que viveram, usam como lição para os jovens de hoje que desejam ir para o Rio de Janeiro, e a relação deles com os jovens da cidade acontece de forma consciente no tocante aos problemas da vida no Rio de Janeiro. Hoje podemos dizer que em Lagoa de Roça os migrantes mais velhos, não reforçam as imagens maravilhosas sobre o Rio de Janeiro.

*“Você tem que ir no intuito de não usar droga, amigo. Se você tiver pensando que droga vai levar você a algum lugar...só leva ao cemitério, cadeia. Porque quando a gente saiu, e eu sou mais novo das pessoas que falaram aqui, só tinha aquele intuito: droga jamais” (ROBERTO SAMPAIO, 36 anos)*

E quando se trata de levar a família, eles reforçam ainda mais os cuidados orientando e explicando o que significa ir para o Rio de Janeiro hoje. Sair de Lagoa de Roça para fazer uma viagem dessas não é condição suficiente para se garantir uma vida cheia de riquezas e prazeres; pelo contrário, significa muito trabalho e conseqüente abdicação do lazer.

*“Vou levando duas de menor, uma com 14 e outra com 17; digo prá elas: vocês pensam que vão ter essa*

*mordomia que tem aqui em Lagoa de Roça!? Chegar lá vão trabalhar. Tô errado? Eu quero isso mesmo, não pode se meter noutra parada; se chegar lá eu liberar prá elas ir num clube, qualquer coisa, pior prá elas. Eu perdi dois sobrinhos, agora em janeiro vai fazer um ano, dois sobrinhos” (INÁCIO DE SOUSA).*

Nesse sentido podemos inferir que o primeiro encontro com a cidade grande representa uma *experiência significativa* para a vida do migrante, na medida que ela aparece como um misto de fantasia e de uma realidade asfixiante.

*“Olha, quando nós chegamos lá, nós estamos cego, só vê a frente da cara, se não encontrar um amigo pra acolher, você tá neutro, tá morto, acabou! Passei até fome (risos) olhando o porto, eu lembro Roberto até hoje; eu tava com uma nota de dois tons e comprei de banana, tava com tanta ... comi a casca antes de comer a banana, e guardei em cima do armário” (GENIVAL MENDES).*

As palavras acima denotam para seu Genival a importância desse confronto inicial: *quando nós chegamos lá, nós estamos cego*. Ou seja, a realidade à sua frente é inexplorável pela falta de luz, pela invisibilidade. Por mais que se olhe, as belezas idealizadas não podem ser vistas por mais forte que esteja o sol carioca.



Essa primeira experiência é tão decisiva a ponto de determinar a escolha de partir ou de ficar. Podemos dizer que o resultado desse primeiro encontro vai determinar o estabelecimento ou não do migrante nessa outra realidade. Podemos ilustrar com o caso de seu Genaro: ele pensou em voltar de vez para sua terra quando encarou o Rio pela primeira vez, e hoje mora definitivamente em Lagoa de Roça. Só pretende ir ao Rio de Janeiro fazer visitas; já seu Genival visita Lagoa de Roça durante a festa do Padroeiro, ou, eventualmente, durante os festejos juninos. Isso quer dizer que as decisões de *ficar* ou *voltar* dependeram da maneira como cada um vivenciou essa realidade *hostil* no momento inicial, no primeiro encontro.

Um exemplo ilustrativo desse caso está nas músicas de dois compositores nordestinos, em que fica evidente como há diferentes percepções sobre uma mesma realidade. E essa diferença é resultado das expectativas, dos desejos, dos sonhos, e da forma particular como cada um apreende e modifica essa realidade; ou seja, dos ***motivos subjetivos da migração***.

*“Eu me lembro muito bem, do dia qu’eu cheguei  
jovem que desce do Norte prá cidade grande  
os pés cansados de andar légua tirana.*

*Em cada esquina qu’eu passava  
um guarda me parava, pedia os meus documentos  
e depois sorria, examinando o 3x4 da fotografia*

*estranhando o nome do lugar de onde eu vinha.*

*(...)*

*A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia*

*e pela dor eu descobri o poder da alegria,*

*e a certeza de que tenho coisas novas, coisas novas prá dizer<sup>47</sup>.*

As canções de Belchior deixam transparecer a sua própria experiência de migrante no Rio de Janeiro e em São Paulo. Suas músicas falam sempre das vivências nessas duas cidades; e sua visão é um tanto pessimista sobre a vida na cidade grande. Isso se deve obviamente aos confrontos vividos por ele, e a forma peculiar com que enfrentou seus problemas. Daí, podemos concordar que *“Lugares e formas não fazem nada e não produzem nada por si mesmos — somente as pessoas dentro das redes de organização social é que possuem esse poder”* (GOTTDIENER, 1993 : 265). Queremos atestar com isso que os lugares, os espaços, os objetos estão todos aí; mas só a ação dos sujeitos sobre eles é que determina as transformações, não só nas pessoas mas também nos lugares, nos espaços e nos próprios objetos.

O cantor/compositor em percebemos alguma diferença, com relação a essa percepção de Belchior, é Caetano Veloso. Ele, ao chegar em

---

<sup>47</sup> *Fotografia 3x4*, (Belchior), CBS, 1976.

São Paulo, descreve, através de sua música, uma terra onde vai ser difícil o começo mas que logo logo aprenderá a *chamar de realidade*.

*“Alguma coisa acontece no meu coração  
Que só quando cruzo a Ipiranga e a avenida São João  
É que quando eu cheguei **poraqui** eu nada entendi  
Da dura poesia concreta de tuas esquinas  
Da deselegância discreta de tuas meninas.  
(...)  
E foste um difícil começo, afasto o que não conheço  
E quem vem de outro sonho feliz de cidade  
Aprendi de pressa a chamar-te de realidade  
Porque és o avesso, do avesso, do avesso, do avesso...”*<sup>48</sup>

Podemos perceber que há uma intenção de superação por Caetano das imagens desconexas à sua frente. Ele vai encontrar harmonia nesse território pronto para ser explorado; a própria melodia de sua música revela essa possibilidade. Já Belchior, respondendo as visões que Caetano demonstra em suas composições sobre São Paulo, vai dizer: *“Veloso, o sol*

---

<sup>48</sup> *Sampa*, Caetano Veloso, POLYGRAM, 1978.

*não é tão bonito pra quem vem do Norte e vai viver na rua*". (BELCHIOR, 1976).

Mais uma vez afirmamos que as formas particulares de cada um enxergar a realidade que se lhe apresenta, na experiência migrante, são diferenciadas e produzem resultados também diferenciados. As construções imagéticas de cada um sobre as cidades para onde migram, vai ter um traço bem singular.

Assim, nesse momento inicial os lugares desconhecidos à frente do migrante de Lagoa de Roça se revestem de grande importância; um quarto, um barraco, o que for possível encontrar passa a ter uma importância muito grande. Na casa de amigos ou em construções, a morada provisória é, ao mesmo tempo, oferecida e negada. É bom ter encontrado um lugar mas, as condições têm sempre o aspecto de uma provisoriedade insalubre:

*"Quando a gente chega assim pela primeira vez num sabe, não conhece ninguém vai diretamente pra..., é igualmente rato sabe, pro buraco de uma obra até se adaptar com a cidade; aprender a sair, aprender ir à praia depois.*

*(...)*

*Geralmente quando a gente sai assim, é com destino a trabalhar a gente pega qualquer serviço; eu pelo menos procurei os parentes numa obra, foi ali que comecei a trabalhar, dormia na obra, aquelas tábuas de trinca forrada com papel" (ANTÔNIO XAVIER).*

Podemos perceber o quanto essa primeira experiência pode alterar a vida e a visão dessas pessoas; é lógico acreditar que suas decisões serão influenciadas pela tensão e intensidade desse momento. Não esqueçamos que este é apenas um ponto, uma linha; sinais a partir dos quais será construída uma história cheia de curvas, atalhos, buracos, descaminhos, a própria *trajetória migrante*.

Por isso, não aceitamos a visão dominante de *cultura* enquanto unidade. Nessa visão a cultura seria representação de um real que existiria antes dela e que vai lhe dar sentido; contraditoriamente. Dessa forma, essa idéia de cultura vai encobrir as relações sociais reais; as possibilidades de transformação em espaços micros.

Nessa etapa, nossa opção teórica será pela ***trajetória cultural***, porque ela abrange não só os elementos sedentários, mas vai permitir acompanhar o sujeito em seu movimento migrante; buscando os seus diferentes pontos, os elementos nômades, expressões e constituições de territórios etc., em toda sua trajetória.

*“As ‘trajetórias culturais’ seriam uma série de agenciamentos de matérias de expressão necessárias para expressar múltiplas experiências, múltiplos afetos, múltiplas vivências. As trajetórias não se reduzem a uma experiência única, fundamental, que as definiriam, determinariam. (...) Diferentes tempos, espaços e vidas se entrelaçam, se cruzam na textura dos diversos discursos, práticas e memórias que compõem estas trajetórias” (ALBUQUERQUE Jr., 1993:89).*

A partir dessa constatação, desse inevitável confronto com valores e costumes diferentes dos seus, o migrante começa a sua reelaboração e apreensão da realidade; redefinindo os novos rumos, caminhos etc.

É pertinente neste momento discutirmos o conceito de *cultura* em CERTEAU, pois ele vai nos ajudar a compreender como a reelaboração migrante afeta o seu próprio comportamento e a sua comunidade.

*“Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza, ... É uma prática significativa. Ela consiste não em receber, mas em exercer a ação pela qual cada um marca aquilo que outros lhe dão para viver e pensar” ( CERTEAU, 1995: 141-143).*

O entendimento de que seria a *cultura* alguma coisa a ser consumida e não que consumiria os indivíduos, sujeitando-os aos códigos e normas de realidades diferentes da sua, ratifica o nosso posicionamento de enxergar um certo nível de atividade do migrante de Lagoa de Roça na realidade do Rio de Janeiro. Ele não é totalmente condicionado nesses novos modelos de comportamentos que presencia apesar de receber influências deles; os migrantes também criam os espaços de resistência.

MENEZES traz uma discussão importante que nos auxilia no entendimento dessas práticas de resistências, citando HARRIES para exemplificação.

*"Harries conclui que as práticas cotidianas de resistência expressam o modo do migrante de proteger a harmonia de sua cultura não-capitalista como um meio de expressar sua oposição à classe capitalista"*<sup>49</sup> (MENEZES, 1997 : 216).

*Peasant-Migrant Workers; Social Net Works and Practices of Resistance*<sup>50</sup> trata das práticas de resistência dos migrantes canavieiros de Pernambuco (PB). E apesar de entender essas práticas a partir de uma visão de classe, uma visão marxista e diferindo do nosso enfoque metodológico, ela nos apresenta essas práticas de resistência como um momento importante de estratégia de vida e consciência dos migrantes. Mostra a condição ativa deles dentro dos processos culturais dos quais participam.

Dessa forma, as trajetórias culturais migrantes acontecem no espaço e ao mesmo tempo criam esses espaços; implicando dizer que essas trajetórias ao alterar o migrante também recebe influências dele. Por isso, esse entendimento de *cultura pluralizada* corrobora com a nossa análise.

---

<sup>49</sup> A tese citada está escrita em inglês, o fragmento foi traduzido livremente.

<sup>50</sup> MENEZES, M. A. de. *Peasant-migrant workers; social net works and practices of resistance*. Manchester, Universit of Manchester, 1995. Thesis, Ph.D.

Porque depois de vencidas as dificuldades na cidade grande, os migrantes vão se encontrar em um ambiente familiar, e algumas características da comunidade de origem serão buscadas, re-construídas. Eles conseguirão algum nível de adaptação e satisfação no Rio de Janeiro. Alguns terão mais sorte do que outros em termos de trabalho, e a vida pode se tornar mais agradável; já para outros não será tão fácil assim, às vezes o trabalho não é dos melhores e eles ficam sempre com um pé no Rio e outro em Lagoa de Roça. Esses são aqueles que nem sabem se moram lá ou se moram aqui; estão efetivamente *entre* os dois lugares.

Nesse momento é importante ressaltarmos um aspecto dos nossos informantes: a diferenciação entre eles com relação às vivências no Rio de Janeiro. Entendemos que essas diferenças são resultado da relação dos migrantes com a migração, ou seja, a maneira como a migração alterou a vida deles. Primeiramente podemos enquadrá-los em dois grandes grupos: os *migrantes* e os *não-migrantes*. Esses últimos no sentido de que mesmo não migrando, eles estão de alguma forma sofrendo ou provocando influências sobre a migração. A partir daí podemos caracterizar os migrantes de Lagoa de Roça em três modalidades. Os que foram para o Rio de Janeiro e nunca mais voltaram, os que residem no Rio de Janeiro e voltam com uma certa regularidade, e por fim aqueles que voltaram definitivamente e residem na cidade. Mesmo assim, não devemos esquecer da importância daqueles que nunca saíram da cidade e têm uma relação direta com a migração, quer seja através dos parentes ou através de amigos e conhecidos.



Esses que decidiram de vez voltar para Lagoa de Roça, depois de um certo tempo de permanência no Rio de Janeiro, têm como justificativa o problema da violência e das drogas. Na realidade essa questão está presente de forma marcante em quase todos os depoimentos; nos parece uma questão moral e de honra para eles, pelo simples fato desses problemas implicarem decisivamente no bem estar de sua família.

*"O mais fundamental que não sai da minha cabeça, nem sei, é o que fez eu vim embora também, é a vagabundagem, né pra falar a verdade!? Foi o que me fez vim embora; pra resolver minha viagem, eu resolvi em três dias. Vendi barraco com tudo, botei os troços pra transportadora e resolvi tudo em três dias por causa disso. Mas o resto era tudo primeira, trabalhar era bom"*  
(JOSÉ FERNANDES, 41 anos).

No Rio, seu José Fernandes tinha um pequeno negócio, uma mercearia onde a maioria dos fregueses eram "bandidos"; freqüentemente ele e os seus familiares presenciavam cenas de violência em frente ao estabelecimento; além de ter que aceitar negociações de drogas entre os freqüentadores da mercearia. Pensando primeiramente no bem estar e na própria sobrevivência da família ele resolveu voltar.

Já no caso de seu Genival Mendes a situação foi diferente, ele não levou a família e sua experiência não dependeu dessa variável. Seu Genival se casou no Rio de Janeiro depois de muito anos. As dificuldades surgidas e vividas (passar fome, ficar oito dias no meio da rua, conviver com

traficantes etc.), serviram como um desafio dando estímulo e força para continuar. Não havia uma família influenciando a decisão dele para retornar de vez, como foi no caso de seu José Fernandes. Ou seja, a família de seu Genival (pai, mãe e irmãos) estava em Lagoa de Roça; e hoje seus parentes são motivo para seu retorno apenas na Festa do Padroeiro.

Em quase todos os depoimentos percebemos que ficar no Rio ou voltar definitivamente para Lagoa de Roça é resultado das influências desse primeiro contato. Isso não significa dizer que apenas as "boas" experiências influenciaram a permanência no Rio; pelo contrário, muitas vezes são aqueles migrantes que tiveram uma adaptação relativamente fácil que retornam de vez para Lagoa de Roça. A exemplo, podemos citar seu Genaro, seu José Fernandes, dona Maria de Fátima e seu José Epitácio. Eles não passaram fome, não ficaram na rua sem parentes etc., como aconteceu com seu Genival, seu Inácio e seu Antônio. Para esses os problemas enfrentados foram mais um reforço para que continuassem e provassem suas capacidades. Os outros, mesmo sem tantas dificuldades, resolveram voltar de vez para Lagoa de Roça.

O que estamos concluindo é que a **primeira experiência migrante** vai decidir todo o rumo do processo migratório. Por mais que os estudos sobre migração indiquem as causas estruturais como propulsoras do movimento migratório, estamos reafirmando que determinados acontecimentos, a exemplo dessa primeira experiência, são realmente decisivos para as definições de onde ficar, para onde ir, onde estão as melhores condições de

vida; e que condições são importantes para se ter realmente uma vida melhor.

O exemplo de seu Genaro de Sousa é bem característico: apesar de achar o Rio de Janeiro um lugar muito bom, de achar os cariocas bacanas e ter tido a promessa de apoio dos familiares que moravam lá quando ele foi pela primeira vez, ele teve uma experiência marcante com relação à moradia. Vivendo na casa de parentes ou em barracos alugados, geralmente em pequenos espaços, ele pensava sempre no sítio que tem em Lagoa de Roça. Sítio que comparado aos barracos equivaleria a um latifúndio. Essa angústia da moradia o fez voltar à sua terra. *"Porque lá o negócio é diferente, lá tudo é pequeno, o cara não tem apoio, negócio de casa dos outros, aí já viu! Pagar aluguel aí já viu, chega logo aí não tem condição, tem que pagar aluguel"* (GENARO DE SOUSA).

Fixando-se no Rio de Janeiro e fazendo dessa outra cidade a sua residência, ou voltando definitivamente para Lagoa de Roça onde afirma suas origens; ou permanecendo num meio termo: *aqui e lá, lá e aqui*, tendo o *meio* como residência, como o sentido; ou seja, ainda dizendo que o Rio é a sua casa, eles necessitam voltar todo ano como que atestando um cuidado para com a comunidade, parentes e amigos. O *sentido* é justamente esse, a ausência é uma lembrança das idéias e dos valores desses que retornam e retornam. *Aqui* ou *lá* existe entre os lagoarrocenses um elo, um sentido.

Assim, os migrantes de Lagoa de Roça alteram de forma significativa sua realidade a partir desse movimento em que se efetivam no tempo e no espaço; nos encontros face a face com os outros. *"A mais*

*importante experiência dos outros ocorre na situação de estar face a face com o outro, que é o caso prototípico da interação social. Todos os demais casos derivam deste*” (BERGER e LUCKMANN,1998:47). Podemos dizer que o primeiro encontro é um acontecimento que vai possibilitar ao migrante diversas visões sobre o mundo. Ou seja, ou ele vai querer modificar essa realidade que encontrou, ou vai querer modificar a realidade da sua comunidade por acreditar que lá é bem melhor; ou ainda não fará nada conformando-se às coisas como estão, fazendo com que suas ações não tenham grandes efeitos sobre a comunidade de origem. Assim, o primeiro encontro vai dar direção às transformações na trajetória migrante.

### **2.3 – Criando espaços de circulação em *Rio* e em *Lagoa***

Os que sobreviveram ao abalo do primeiro encontro e descobriram sentido em uma nova vida ficaram; se estabeleceram e criaram as condições de *vida possível*<sup>51</sup>. No próprio *gigante* de antes, agora é possível freqüentar diversos lugares que antes da aventura foram sonhados (Pão de Açúcar, Corcovado, Praias etc). Agora o Rio de Janeiro é uma

---

<sup>51</sup> “Vida possível” não no sentido de ter encontrado todas as condições materiais de vida. Mas sim as condições subjetivas, a criação do *possível* na perspectiva de CERTEAU que a partir daí pode criar as condições materiais favoráveis.

realidade conhecida no sentido de ser *familiar*, já que algumas formas de lazer são criadas e a vida passa a ser um pouco agradável. A partir do que foi encontrado, são criadas alternativas de sobrevivência; desse momento em diante vai se desenhando, e cada vez com maior nitidez, uma proximidade com essa "nova" terra que vai, aos poucos, sendo lapidada por eles.

*"Hoje mesmo, eu trabalho numa área perigosa, área vermelha como dizem; é do Caju até Jardim América, trabalho só morro e favela. Não é que dependa de trabalho não, é que eu gosto de trabalhar e pra mim é melhor, entendeu! Eu entro nas favelas todas: começo do Caju, Ilha do João, Parque Alegria, Nova Holanda, Jardim América; é só barra pesada mas eu sou bem recebido. Muitas vezes me ajudam a encontrar o local"* (GENIVAL, MENDES).

Seu Genival trabalha entregando mercadorias em diversos estabelecimentos comerciais. Faz isso em áreas bastante perigosas mesmo não precisando trabalhar para viver, já que adquiriu uma certa estabilidade financeira. Há uma familiarização muito forte com esses lugares, devido, obviamente, às práticas espaciais e dos sentidos atribuídos a essas práticas. Porém, algumas características marcantes desse novo lugar não são de forma alguma alteradas. São problemas estruturais impossibilitando que essa realidade bem maior seja modificada em seus aspectos macros (a metrópole).

Porém sabemos que, também lá, há modificações locais decorrentes da ação migrante.

A violência, o tráfico, a impessoalidade do dia a dia etc., por mais perfeita que seja a adaptação, são problemas que persistem, acentuando certas visões de mundo, ao passo que outras são modificadas à maneira do migrante.

É preciso insistirmos em afirmar o quanto uma experiência dessa magnitude tem poder de transformação na vida de quem as vivencia. Começar a perder e começar a refazer os referenciais culturais e morais é um evento transformador na vida do migrante. Na realidade vai se materializando na cabeça dele uma cidade, um lugar, fruto desse confronto; começa então a surgir um Rio de Janeiro com nuances da realidade vivida, construída. A fantasia começa a cair por terra e a realidade que se apresenta vai surgindo, vai se afirmando. Essas edificações têm nos relatos migrantes os seus construtores. Incessantemente os relatos vão transformando lugares em espaços e espaços em lugares (CERTEAU, 1998).

*“Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram” (CERTEAU, 1998:202).*

A idéia de CERTEAU sobre os espaços apresenta componentes dinâmicos, diversos entrecruzamentos, bricolagens; o espaço é justamente o lugar praticado. Assim o migrante, nessa perspectiva das migrações múltiplas, é por excelência o sujeito da prática espacial. Suas idas e vindas, e novas idas e novas vindas estão produzindo e transformando incessantemente os espaços.

As categorizações da Geografia e da Economia sempre viram a Região, e conseqüentemente o espaço, como uma entidade reconhecível por um conjunto de características de âmbito administrativo, ecológico e econômico. Ao falar-se em Nordeste, Sudeste ou em outra região brasileira, essas ciências não enxergavam os caracteres subjetivos envolvidos na formação dessas regiões. Não consideravam a ação daquele que vive e transita neste espaço regional modificando-o.

Para FRÉMONT, a partir do desenvolvimento de uma *geografia social*, com a influência da Sociologia e outras ciências afins, inclusive a Psicologia, a Geografia passa então a analisar o espaço como algo que se humaniza *pela* atividade do sujeito.

*“A região, se existe, é um espaço vivido. Vista, apreendida, sentida, anulada ou rejeitada, modelada pelos homens e projectando neles imagens que os modelam. É um reflexo. Redescobrir a região é pois procurar captá-la onde ela existe, vista pelos homens” ( FRÉMONT, 1980 : 17).*

Para o autor, a região contém componentes administrativos, históricos, ecológicos, econômicos, mas tem também, e com maior profundidade, componentes psicológicos. O homem não é um objeto totalmente neutro dentro da região; esse homem apreende de forma desigual o espaço em sua volta. Desse espaço ele emite juízos, é retido e atraído; num jogo consciente e inconsciente onde ele engana-se ou enganam-no. (*ibid.*, 1980)

Partindo dessa perspectiva podemos dizer que os migrantes de Lagoa de Roça vão perceber o Rio de Janeiro enquanto um *lugar*, ainda que de formas diferentes e desigualmente. Vão então tornar esse lugar um espaço, uma realidade vivida, afetiva etc. E dessa construção vão participar não só eles, como também as pessoas do Rio de Janeiro com quem convivem, juntamente com aqueles que se encontram na comunidade. Porque aqueles que estão em Lagoa de Roça também participam na confecção desses espaços.

*“Eu tenho uma irmã e muitos tios, a grande maioria da minha família, boa parte é no Rio. Minha irmã em casa ela era totalmente diferente; sempre vivia mais em Campina do que em casa. Aí ela foi para o Rio, (...) geralmente no São João e final de ano ela vem. Ela mudou muito com relação a cultura lá que é diferente da daqui; quando ela chega aqui geralmente ele fica na minha casa e na do sogro; e ela sempre vem em época de festa de padroeiro que é tradicional da cidade. Ela mudou muito tanto no aspecto físico como na mente; é a cultura que muda” (MARIA DAS DORES, 20 anos).*



Dôra demonstra em seu depoimento o quanto a atitude da irmã lhe é diferente quando dos retornos; quanto a irmã conseguiu “evoluir”, obviamente diante de sua ótica. Ou seja, num primeiro momento as mudanças percebidas são aquelas mais aparentes: no falar, no vestir, no comer etc. Mesmo insistindo para que falasse mais sobre outras mudanças que percebeu em sua irmã, ela não conseguiu ultrapassar as barreiras do aparente. As mudanças de valores, de visões sobre a realidade; a transformação subjetiva que mesmo tendo ligação com as modificações aparentes, requer um maior tempo para ser sedimentada. Mesmo assim, essa percepção de Dôra sobre a irmã é importante à medida que coloca em evidência esses migrantes que participam dos acontecimentos da comunidade. A partir desses elementos aparentes é que vamos perceber as alterações subjetivas. Na realidade não são dois planos separados (aparente x subjetivo); as modificações tanto a nível aparente quanto subjetivo se interpenetram, se relacionam mutuamente.

No Rio de Janeiro, de volta de Lagoa de Roça, a irmã de Dôra vai de alguma forma anexar essas vivências, decorrentes das expectativas dos outros sobre ela, à sua realidade subjetiva. Dessa forma, a nossa ressalva é justamente no **impacto da mudança** trazido por aqueles que retornam tanto para o Rio quanto para Lagoa de Roça; sobre os que convivem com esses migrantes na comunidade durante o São João, Fim de Ano e Festa do Padroeiro. A partir desses **elementos de mudança**, deixados pelos migrantes, se iniciam as transformações nos comportamentos em direção às modificações nas estruturas sociais locais.

Percorrendo a cidade de Lagoa de Roça desatentamente não se vai perceber as marcas do Rio aqui, apenas a imagem do Cristo Redentor poderá ser um sinal; para se perceber outras marcas é necessário entrar no cotidiano da cidade.

Aparentemente Lagoa de Roça tem características iguais as de outras cidades da sua região que possuem o mesmo número de habitantes (na faixa dos 10 mil). Durante o final de semana é fácil encontrar amigos reunidos no Bar Carioca para conversar e relembrar velhos tempos. O bar ou bodega é o espaço “masculino” que os homens da cidade freqüentam regularmente. Já a calçada e as praças são os espaços “femininos”. Essas são imagens típicas das cidades do interior paraibano. Percebemos também que hábitos mais tradicionais, como usar o cavalo como meio de transporte, convivem com outros hábitos, como o uso dos automóveis. E nas tardes de domingo os jogadores de cartas se encontram na casa dos amigos para passar o tempo; e uma outra forma de lazer é o passeio de bicicleta que aos finais de semana as pessoas realizam percorrendo trilhas pelos sítios próximos da cidade (**Fotografias** 1, 2, 3, 4 e 5).

A partir da observação do cotidiano dos moradores de Lagoa de Roça vamos pinçar as marcas do Rio de Janeiro que possam estar aqui. Primeiro e mais visível é o **Bar Carioca**, nome recebido em função do dono ter morado no Rio de Janeiro e ter se tornado “carioca”. O bar carioca é local das conversas sobre as questões do dia-a-dia da cidade, das viagens, desilusões etc. Uma outra marca que poderíamos destacar é o jogo de



**Fotografia 1;** homens da cidade na bodega conversando e bebendo.



**Fotografia 2;** mulheres na praça 20 de Janeiro conversando à tarde.



**Fotografia 3;** morador da zona rural desmontando de seu transporte (o cavalo).



**Fotografia 4;** amigos jogando baralho num domingo na casa de um deles.



**Fotografia 5;** ciclistas da cidade reunidos antes de saírem pelas trilhas próximas de Lagoa de Roça.

cartas, o chamado ralancinho<sup>52</sup> que é uma tradição nos morros cariocas; em Lagoa de Roça esse jogo também faz parte do dia-a-dia dos moradores mais antigos que viveram no Rio de Janeiro.

Essas mudanças em seus vários aspectos — físico, modo de falar, pensar etc. — que são percebidas pelos residentes de Lagoa de Roça não acontecem só em direção às questões de consciência diante de determinados problemas. Na realidade alguns que retornam apenas reproduzem determinados estereótipos e não trazem nada de modificador; pelo contrário, apenas reforçam determinados aspectos pejorativos sobre a sua cidade.

*“Às vezes num olha nem a própria terra, quando chega aqui diz : Lagoa de Roça maldita! Saem falando, mas que viveu aqui, nasceu aqui e acaba com Lagoa de Roça lá fora; então existem também pessoas assim” (ELTON SANTOS, 17 anos).*

Tal visão reafirma que existe um conjunto de forças em atuação, indo e vindo; e da interação dessas forças vai resultar modificações. Não estamos com nenhuma idéia fechada e acabada de que a migração modificou a comunidade de Lagoa de Roça profundamente; apenas acreditamos que, em

---

<sup>52</sup> O ralancinho é um jogo que varia o número de parceiros, no mínimo dois e no máximo 8 para um conjunto de baralho. Cada um recebe nove cartas e a cada rodada pega um das cartas que está dormindo e devolve uma outra à mesa. Vence o jogo aquele que conseguir primeiro formar três jogos de três cartas com naipe diferentes (Ex.: copas, paus e espada).

determinadas situações específicas: *em terreno fértil*<sup>53</sup>; essas modificações ocorreram transformando determinadas estruturas político-sociais da cidade. Em São Sebastião de Lagoa de Roça essas situações específicas existiram e existem, segundo a maioria das pessoas há uma compreensão muito grande desses problemas na cidade. Por conseguinte, sabemos que os efeitos da migração serão percebidos ou não; transformarão ou não a realidade em que vivem; vai depender de como os migrantes se relacionam com sua comunidade de origem. E é dessa relação que podem surgir os espaços de circulação.

Quando falamos em *construção de um novo espaço* estamos nos referindo às condições de vida melhor criadas pelos próprios migrantes. E esses espaços podem estar tanto no Rio de Janeiro quanto em Lagoa de Roça; não há uma demarcação territorial dele, e inclusive ele pode existir *entre* essas duas realidades; na fala de seu Genival é possível identificarmos como ele permanece entre o Rio de Janeiro e Lagoa de Roça.

*"Pra mim modifica muita coisa, porque eu tenho dois prazeres na vida: um quando saio pra vim pra cá; e quando saio pra lá. Então o prazer é ir e voltar (risos) de ano em ano aqui. O primeiro ano que vim sozinho foi esse ano, sempre venho com a família toda, entende?"(GENIVAL, 55 anos).*

---

<sup>53</sup> *Terreno fértil*, essas são palavras de Padre Lourildo quando descreve os moradores e a cidade de São Sebastião de Lagoa de Roça para justificar as modificações que ocorrem na cidade.

Assim, no Rio também seria possível identificar esses espaços onde os migrantes conseguem exercer uma certa "cidadania", em contraposição às determinações estruturais da cidade grande, como dificuldades na área de saúde, educação, transporte etc. Essas dificuldades são vencidas parcialmente já que em função das dimensões territoriais da metrópole elas se multiplicam. Os vários trabalhos por que passa o migrante é um importante acontecimento exploratório que possibilita uma maior capacidade de circulação no Rio de Janeiro; um exemplo é o caso de seu Antônio Xavier:

*"Trabalhei na obra mais ou menos uns seis meses; depois me colocaram pra trabalhar no escritório né? Gostaram de minha caligrafia, né. Ai fui trabalhar de apontador e saí. Fui trabalhar de escritório. Depois fui trabalhar de porteiro, depois de segurança e depois fui trabalhar de cobrador de ônibus, meu último emprego agora. Agora eu conheço o Rio de Janeiro, todos os lugares. Conheço muito canto no Rio de Janeiro" (ANTÔNIO XAVIER).*

Mesmo assim, em nossa dissertação, não vamos discutir a construção desses espaços *lá*, nossa ênfase será na construção dos espaços *aqui*. Será a partir dessas construções que vamos entender a influência da migração nas transformações locais; especificamente a **mudança política** em Lagoa de Roça. Não nos interessa entender as possíveis alterações no Rio de

Janeiro, como nordestino não de nascimento mas de vivência, queremos contribuir no entendimento da nossa própria região.

Lagoa de Roça é uma cidade que, em termos do número de residências no perímetro urbano, tem crescido de forma acelerada. Para cada lado que se olha, sempre se vê uma nova construção residencial. Comparando com outras cidades do Agreste paraibano, podemos afirmar que Lagoa de Roça é uma cidade que vem aumentando sua zona urbana; apresentando uma forte tendência de eliminação daquelas comunidades ditas da zona rural, que vão sendo engolidas pela urbanização da cidade.

*"E chegando aqui em 86 eu encontrei Lagoa de Roça completamente diferente daquela Lagoa de Roça que eu tinha deixado há quantos anos atrás. Aquela Lagoa de Roça que era sítio quando eu morei e hoje o sítio está dentro da cidade (...) Agora em termos assim desenvolvimento, como é que eu falo? Cultural, desenvolvimento econômico não"( CARMELITA, 45 anos).*

Esse crescimento urbano e cultural é visível em Lagoa de Roça. As construções residenciais e comerciais surgem a cada dia, e os festejos culturais, como novenários, Festa do Padroeiro, festivais colegiais etc., se sucedem. Apesar desses aspectos importantes para a vida cotidiana dos moradores de Lagoa de Roça, de alguma forma estarem relacionados à *mudança política*, entendemos que, efetivamente, a *mudança* nessa cidade foi na forma de pensar e agir diante de determinados problemas. Mudança

fortemente influenciada pelos efeitos da migração, porque a multiplicidade dos movimentos migratórios alteraram as subjetividades, possibilitando a criação de espaços de circulação, tanto no Rio de Janeiro quanto em Lagoa de Roça. Tal mudança significou alterações mais profundas nessa cidade, questão que estaremos discutindo e analisando no capítulo seguinte.



## CAPÍTULO III

### Transformação política *versus* migração: análise dos elementos determinantes da mudança

#### 3.1-A Mudança e os Migrantes: velhas afinidades em um “novo tempo”

Desde as primeiras discussões nos capítulos anteriores temos falado muito em *mudança* e *transformação*; e na realidade ainda não caracterizamos rigorosamente o que estamos chamando de mudança ou transformação. Por isso, nesse momento em que estamos tratando especificamente da compreensão mais geral do nosso objeto, se faz urgente essa caracterização.

A história política de São Sebastião de Lagoa de Roça além de ser recente<sup>54</sup>, não tem grandes acontecimentos e nem grandes disputas eleitorais. Essa história nos revela a dominação de um grupo específico na

---

<sup>54</sup> A *história política oficial*, pois entendemos que antes disso havia história política ainda que não fosse cidade; mas como Distrito de Alagoa Nova, Lagoa de Roça tinha sua pequena participação na política dessa cidade. Assim, estamos falando da história política a partir da emancipação do município, em 1961.

administração pública desde a fundação da cidade até bem recentemente, nas últimas eleições<sup>55</sup>.

Os Donato e os Bezerra de Melo polarizavam essa "dominação"<sup>56</sup>, quando um estava no poder com o apoio do outro, já se fazia toda uma preparação para a alternância política nas eleições seguintes. Assim, por mais de 40 anos, a administração pública em Lagoa de Roça estava sob uma única liderança política. Portanto, estamos chamando de mudança a perda do poder político desse grupo que vinha exercendo sua influência na cidade há mais de 40 anos. E mais que isso: a administração atual realizou coisas que nunca tinham sido feitas pelas administrações anteriores. Por exemplo, o saneamento básico da cidade só foi feito agora. Desse ponto de vista, a atual administração também significou uma mudança:

*"O prefeito quando entra ajuda bastante os pobres e esse que entrou agora principalmente; ninguém nunca viu a rua como está agora, calçamento né? Lixo ninguém vê na cidade; toda limpinha ninguém nunca viu. E ele está ajudando muito os pobres, falar a verdade ele é um bom prefeito" (ILDA MARTINS, 67 anos).*

---

<sup>55</sup> A eleição de 1996 é um referencial importante para nossa análise porque ela é o fato quantitativo da mudança política pela enorme diferença de votos para o Toinho do Bar.

<sup>56</sup> Estamos entendendo por esse termo as múltiplas formas de dominação no seio da sociedade; as múltiplas sujeições que são exercidas no corpo social.

O problema da água foi amenizado assim que Toinho do Bar assumiu em 1996. Ele construiu adutora para a cidade trazendo água de um açude próximo de Lagoa de Roça, embora o saneamento continue sendo um problema por causa da falta de água nos açudes, neste período de estiagem. Na escassez, os moradores contam que ele mantém permanentemente o transporte de carros pipa de Areia, Campina Grande e Riacho Amarelo para abastecer as casas.

Podemos dizer que as administrações anteriores tinham uma característica de conservadorismo, marcada pela “religiosidade”. Ou seja, a política dos antecessores de Toinho do Bar era pautada numa grande preocupação com as questões meramente ornamentais: construção de praças para promoção política, investimento nos acontecimentos religiosos como a Festa do Padroeiro, e até mesmo contratação de pessoal sob critérios nepotistas. Na verdade, segundo a maioria dos moradores, foram administrações que não se modernizaram e não olharam para os problemas da cidade; nem se preocuparam com os que estavam fora sofrendo nos grandes centros urbanos e que desejavam voltar. A política tradicional não se modernizou: *“Como o telefone hoje, eu tenho telefone em casa, eu tenho... veja bem, era obrigado a gente acompanhar do jeito que vai vindo a tecnologia. Eu culpo seu Alípio porque não acompanhou a tecnologia, ...”*(ROBERTO, 36 anos).

Mesmo assim, a liderança de seu Alípio Bezerra de Melo é tida pelos moradores como um grande feito dele, uma grande conquista. Há todo um respeito pela pessoa de seu Alípio Bezerra; segundo os moradores, o problema foi uma questão de falta de compromisso político da parte dele para

com a cidade. Assim, a questão não foi pessoal mas de falta de senso administrativo.

Depois de várias análises sobre os resultados de nossa pesquisa, podemos situar o começo do processo da mudança a partir da segunda metade da década de oitenta. E afirmamos isso com base em duas constatações importantes.

A primeira porque o movimento migratório de saída começou a estacionar no período supracitado; e começava-se a perceber uma tendência de "retorno" maior do que as partidas. Essa característica não foi específica de Lagoa de Roça, mas um fenômeno ocorrido em todo Brasil.

Era visível uma fixação definitiva na comunidade de origem daquelas pessoas que saíram e agora voltavam de vez para sua cidade, numa tentativa de refazer uma vida melhor aqui mesmo.

A segunda constatação importante é a ascensão política de Antônio Pedro dos Santos (*Toinho do Bar*)<sup>57</sup>, que começou sua vida política nesse período. Vindo de família humilde e tendo sido vendedor ambulante nas ruas de Lagoa de Roça, Toinho do Bar se apresentava como representante dessas pessoas mais humildes como ele, dos mais pobres da cidade. A sua história de vida cheia de dificuldades e privações, se confunde com a história dos próprios moradores e dos migrantes, e sua vitória é algo inusitado numa Lagoa de Roça marcada pela hegemonia de um único grupo político.

---

<sup>57</sup> Atual prefeito de São Sebastião de Lagoa de Roça, eleito no pleito de 1996 tendo como partido o PMDB. Mesmo reconhecendo a força e importância desse partido em nossa região, percebemos que em Lagoa de Roça, esse aspecto não teve importância para a definição política.

Com os que moram fora ele dividiu parte de sua infância e de seus sonhos para a construção de uma cidade melhor. Desde garoto, segundo ele, já tinha uma preocupação em relação àquelas pessoas que precisavam sair da cidade para ir pro Rio de Janeiro.

*“A situação econômica hoje do mundo de uma forma geral é difícil; e até eu sinto essa situação e tenho preocupado na minha administração fazer algo que impeça essa saída dos nossos parentes daqui. Faço um esforço muito grande para dar emprego, todas as obras que eu faço aqui no meu município, qualquer firma que eu contrato, um dos primeiros itens que eu boto em questão é esse, de empregar nossa mão de obra” (TOINHO DO BAR, 45 anos).*

Nas eleições municipais de 1992, Toinho do Bar foi o vereador mais votado, computando um total de 285 votos, 40 a mais do que o segundo colocado. Nessa mesma eleição Alípio Bezerra de Melo obteve 2.417 votos para prefeito da cidade de Lagoa de Roça, derrotando João Boi<sup>58</sup> com uma margem de 295 votos. Nas eleições de 1996 Toinho do Bar consegue uma votação de 3.200 votos; uma diferença de 1.113 votos em relação ao candidato de Alípio Bezerra de Melo<sup>59</sup>. Os adversários de Toinho brincavam dizendo que se eles ganhassem com uma margem de

---

<sup>58</sup> Nesse momento(1992) João Boi era o representante dos mais “pobres”; aquela figura que simbolizava os mais humildes, mas não ganhou as eleições.

<sup>59</sup> Votação dos prefeitos e vereadores dos municípios da Paraíba (1992 e 1996). <http://www.tre-pb.gov.br>

300 votos, eles consideravam perdida a eleição para Toinho. No final, a diferença para Toinho do Bar foi de mais de um terço dos votos válidos, contrariando uma lógica que vinha se repetindo há mais de 40 anos.

Esses números refletem a força com que o processo de mudança vinha se fortalecendo, criando uma *vontade*, uma *necessidade*. Vontade e necessidade que percebemos ter-se incorporado nas posturas dessas pessoas. “... são pessoas que vivem em busca, que continuam buscando algo melhor para sua vida, para a sua família” (CARMELITA, 45 anos).

A partir dessas constatações entendemos que a *mudança* não está presa a um fato isolado (à *polêmica do Cristo*<sup>60</sup>); na realidade ela foi sendo construída, urdida no dia a dia dos moradores a partir de alguns conflitos. A polêmica do Cristo serviu para exteriorizar de forma definitiva justamente esse processo que já vinha se desenvolvendo; explicitou uma “má” administração ao possibilitar uma discussão sobre a própria prática do prefeito.

Boa parte dos moradores de Lagoa de Roça diz que a eleição de Toinho do Bar foi um avanço, pois ele derrubou um continuísmo; e ele teve que “lutar” com vários candidatos, já que Antônio Donato era o situacionista apoiado por Alípio Bezerra e família. Como ilustrou um morador em seu depoimento “foi uma briga de tubarão com piaba”. Obviamente ele está

---

<sup>60</sup> A polêmica do Cristo foi o embate entre prefeito e padre em 1993-94; o prefeito se dizia inspirado por Deus para construir o monumento ao Cristo, e o padre não aceitava a obra achando ser um desperdício gastar tanto dinheiro com um templo de pedra quando o mais importante era o templo vivo, as pessoas. Na visão do padre existiam problemas na comunidade que mereciam a atenção do prefeito como a falta de água e o desemprego; e ele não deveria se preocupar com construção de estátuas, ainda que em homenagem ao Cristo Redentor do Rio de Janeiro.

se referindo a Toinho do Bar quando usa a palavra *piaba*, um peixe pequeno que conseguiu “engolir” os *tubarões*.

*“É como dizia na época da eleição que até na comemoração da vitória do atual prefeito os eleitores falaram: mudou, agora posso dizer que a cidade vai melhorar porque sempre tava na mão dos Donatos ou então na outra acompanhado por ele”*(JOELMA, 19 anos).

*“O povo tava cansado; eles até fala que Lagoa de Roça com os Donatos e Campina Grande com os Cunha Lima, é a mesma coisa. Já estavam cansados só os Donatos, então eles queriam mudança, não era questão de ser o atual prefeito, podia ser qualquer um que eles teriam mudado”*(ADRIANA, 19 anos).

É evidente a vontade que as pessoas passaram a ter para mudar a realidade política da cidade. Independente de alguns aspectos específicos, como revela a citação acima, o povo iria modificar essa realidade mesmo que não fosse Toinho do Bar o outro candidato de oposição.

Vale salientar que, no decorrer dos 40 anos de liderança política dos Donatos e Bezerras, não houve nenhum momento em que essa força fosse abalada. No nosso entendimento foi necessário que determinadas condições se evidenciassem para que a efetivação da mudança fosse posta em prática.

A campanha política de Toinho do Bar tinha uma slogan interessante: **“Administração de um novo tempo”**. Toda a propaganda política usou como símbolo o “T” de Toinho em forma de uma raiz. Isso numa clara alusão a uma tentativa de arrancar a raiz dos Donatos e Bezerras que vinham dominando politicamente a cidade há mais de 40 anos. Só assim seria possível Lagoa de Roça desfrutar de um “novo tempo”. Após a eleição a raiz foi arrancada, a raiz dos Donatos<sup>61</sup>.

Para percebermos que essa proposta discursiva pretendia ser compreendida dessa forma, e por isso mesmo funcionou, é interessante ressaltar o caráter revolucionário de uma vitória da oposição em cidades pequenas. Ainda hoje podemos citar diversos municípios do interior paraibano que estão há muito tempo sob a dominação de uma única liderança política<sup>62</sup> (*uma única raiz*), às vezes de uma única família, como esteve Lagoa de Roça. Muitas são cidades do porte de Lagoa de Roça em que não percebemos nem um sinal de que alguma coisa possa mudar no futuro; talvez falte mais pesquisas nessa área para se conhecer melhor as potencialidades e peculiaridades desses pequenos municípios paraibanos.

Muitas vezes as condições não são favoráveis para uma mudança de liderança. A forma de dominação e a própria relação dessas lideranças com as outras forças constituídas do município impedem uma

---

<sup>61</sup> A maioria dos entrevistados demonstrou entender essa proposta da campanha, falam sempre que os Donato e os Bezerra contaminaram a cidade através de más administrações; por causa disso havia necessidade de se arrancar o “mal” pela raiz.

<sup>62</sup> Poderíamos citar vários exemplos; a título de ilustração podemos citar a cidade de Esperança e Bananeiras.



mobilização<sup>63</sup>. Dessa forma, cria-se uma certa sensação de marasmo e impotência que impossibilita qualquer reação contrária. Em Lagoa de Roça podemos afirmar que, pelo menos, essa "vontade de mudar" foi construída e instalada.

Esse fato torna clara a importância do nosso estudo e a sua contemporaneidade, já que estamos apontando condições que possibilitaram um município mudar uma administração que não cumpria sua verdadeira função social. Nossa discussão está na ordem do dia quando vemos diversos administradores municipais usarem mandatos como forma de promoção pessoal, desvirtuando o voto de confiança que o povo lhe conferiu democraticamente.

Em Lagoa de Roça esse processo de *buscar* uma vida melhor continua; não é porque Toinho do Bar representou mudança que ele vai permanecer para sempre na prefeitura; para essas pessoas a mudança é algo dinâmico que não pode estacionar. Por isso, Toinho vai ter, segundo os próprios moradores, de convencer que realmente é a melhor opção para Lagoa de Roça, para se reeleger nas próximas eleições. Mais do que isso, ele precisa compreender melhor determinados aspectos da administração para que o "novo tempo" efetivamente chegue. Coisas simples, como a definição e cumprimento de funcionamento das repartições públicas, o que favorecerá o exercício da cidadania por parte dos moradores.

---

<sup>63</sup> A *política do favor* por exemplo, em que quase todos os moradores e pessoas influentes devem favores ao prefeito impede o questionamento da administração. Os moradores são "obrigados" a achar que a administração é boa.

*“Ele era um cara humilde, vivia vendendo bala no meio da rua aí. Passou a vereador, de vereador passou a ser prefeito. Agora como? Derrubou 5 ou 6 cara forte, ... botou um bocado de veterano desse aí e botou abaixo; qual é o negócio dele é crescer, ele quer fechar as portas com as costas como os outros fizeram?” (INÁCIO DE SOUSA).*

Percebemos que há uma afinidade entre Toinho do Bar e os migrantes. Mesmo antes de ser vereador ele já freqüentava a zona rural do município onde tinha muitos amigos, muitos deles migraram na tentativa de uma vida melhor. A sua campanha política foi mais intensa na zona rural; e ele, quando propôs um “novo tempo”, pensava justamente na possibilidade de criar condições para que os moradores não deixassem mais a cidade em busca de “ilusão” na cidade grande.

Depois de uma análise cuidadosa de nossa pesquisa, percebemos que esse componente de *busca de mudança* e de melhoria, passou a fazer parte da realidade dessas pessoas. Em sua maioria elas estão mais conscientes da força que podem ter nas decisões locais.

Recorremos a uma categoria importante para entendermos esse nível de consciência. Ao invés de pensarmos em *consciência política* no sentido de militância, ou filiação partidária, preferimos visualizar essa situação em Lagoa de Roça como sendo um processo de influência social decorrente de **comportamentos consistentes**. Explicando melhor, em todo processo de mudança é possível perceber que estão envolvidos *comportamentos de*

*inversão* (modificação), *busca de autonomia*, a própria *rigidez de antigas estruturas*, ou seja, de forma mais decisiva, a consolidação dos chamados *comportamentos consistentes*. Por ser um comportamento com uma intencionalidade, com uma força para modificar determinado aspecto da vida cotidiana, é pois, consistente<sup>64</sup>. Podemos perceber em Lagoa de Roça a presença desses comportamentos. Houve uma inversão (no exercício do poder na cidade: zona urbana x zona rural), e nessa modificação, a busca de uma autonomia pelos moradores é visível. Ao buscar essa autonomia eles enfrentam as estruturas rígidas do poder político que vinha sendo exercido por um grupo há 40 (quarenta) anos. Todos esses momentos revelam a intencionalidade dos moradores e dos migrantes em querer mudar a cidade.

Percebemos nos migrantes de Lagoa de Roça que essa característica de intencionalidade diante de certas situações revela essa consistência. E uma ilustração disso é a festa de São Sebastião onde não só os moradores da cidade, mas muito mais os migrantes se colocam e interferem nos rumos da festa balizando o exercício dos poderes locais (padre x prefeito).

Uma discórdia ou um desentendimento entre esses poderes locais (Igreja e Prefeitura) pode significar sérios problemas. Em Lagoa de Roça o confronto entre a Igreja e a Prefeitura está ligado à mudança política

---

<sup>64</sup>Para uma discussão mais aprofundada sobre *comportamentos consistentes*, Ver DOMS e MOSCOVICI, *Innovación e influencia de las minorías*. IN: MOSCOVICI, S. et al. *Psicología Social*, I. Barcelona: Paidós, 1991. p.71-116.

também<sup>65</sup>. *“Então, o povo de Lagoa de Roça é tudo isso: coragem, coragem, luta, batalha e é isso. E primeiro lugar fé e companheirismo, eu acho. Eu acho o povo daqui muito companheiro, muito”* (TEREZIANA, 31 anos).

Podemos afirmar que São Sebastião de Lagoa de Roça é uma cidade do interior paraibano que, apesar de algumas características semelhantes a outras cidades do seu porte, se singulariza em algumas questões da vida cotidiana, numa intenção clara dos moradores na melhoria da qualidade de vida. Eles apresentam comportamentos direcionados para o bem comum, e não são indiferentes aos problemas dos menos favorecidos.<sup>66</sup> Na realidade, como já afirmamos nos capítulos anteriores, podemos dizer que entre a maioria dos moradores desta cidade há um sentimento de companheirismo muito aguçado.

A **força** dessas pessoas tem ligação com as influências dos migrantes que trazem os sonhos e desejos modificados, transformados em energias e ações propulsoras. Uma propulsão inquietante na direção de uma vida melhor.

Assim, Lagoa de Roça é essa cidade “singular” diante de tantas outras que ainda não se atreveram “singularizar-se”. Esses “atrevidos” têm

---

<sup>65</sup> A partir desse confronto (padre x prefeito), outros elementos vão surgir e influenciar a mudança na liderança política. Esses elementos serão discutidos nos itens seguintes.

<sup>66</sup> As pequenas questões são discutidas a partir de uma perspectiva da coletividade; por exemplo, no ano de 1994-95 o prefeito queria reformar a igreja, e os lagoarrocenses foram convocados pela Igreja para discutir a necessidade ou não, já que muitos moradores necessitam de ajuda por estarem em situação difícil.

todos os méritos nessa história, nessa construção, nessa transformação: apesar de todas as forças em sentido contrário.

### **3.2- A Festa de São Sebastião: estar na festa é ser mediador da “mudança”**

Quase todos os estudos sobre o processo migratório trazem como elemento coadjuvante as *festas de padroeiro* nas cidades de origem do migrante. Ainda que dêem maior ênfase aos festejos juninos e às festas de final de ano, a festa do padroeiro tem seu lugar de destaque nesses estudos. Porém, na maioria, eles não vêem a festa do padroeiro como um momento determinante para a “volta” do migrante. Ou, pelo menos, não associam esse momento às questões mais decisivas do município a exemplo da política local<sup>67</sup>. Na realidade as procissões, as missas, os costumes religiosos etc. são tratados apenas como aspectos simbólicos e religiosos da cultura dos migrantes. Na maioria desses estudos há uma forte tendência de perceber as festas de padroeiro como um ícone da religiosidade e da cultura.

---

<sup>67</sup> Cf. *Festa no Sertão*, de Margarida Maria Moura. Texto publicado na revista *Travessia*, em que a autora trata dos festejos à padroeira Nossa Senhora do Rosário no Vale do Jequitinhonha, especificamente na cidade de Serro (Minas Gerais). Nesse trabalho ela fala da dimensão da festa e do “poder” que ela exerce sobre essas comunidades; ainda que não trate das repercussões políticas e de poder envolvidos na festa.

A festa de padroeiro fica em segundo plano nesse caso pelo fato de existirem diversas datas de festejos, decorrentes dos "aniversários" dos santos. Como, durante todo o ano são várias as datas comemorativas desses santos e das festas de padroeiro, e o migrante integrado na cidade grande tem um calendário de trabalho a ser seguido, nem sempre ele consegue negociar suas férias ou liberação de onde trabalha para visitar a sua comunidade, de forma que o período de folga coincida com a festa do padroeiro de seu município. Isso faz com que existam peculiaridades entre os municípios dificultando uma visão das especificidades dessas datas em cada localidade e conseqüente relação entre a festa e o retorno migrante no texto científico.

O que nos interessa concluir, entretanto, é que na maioria das cidades do interior nordestino, a festa de padroeiro é realizada com uma participação mais significativa daquelas pessoas residentes na própria cidade e circunvizinhanças<sup>68</sup>.

Em São Sebastião de Lagoa de Roça há uma peculiaridade, assim como também pode haver em outros municípios onde o padroeiro é São Sebastião. A proximidade da data de aniversário do santo com os festejos de final de ano, e geralmente coincidindo com as férias daqueles que

---

<sup>68</sup> As comemorações aos santos São João e São Pedro coincidem com os festejos juninos; isso significa dizer que nessa época pode estar nas cidades que têm esses santos como padroeiros, um grande número de migrantes que retornaram para os festejos. Porém, a partir de nossa observação e experiência de estudo em diversos municípios da Paraíba especificamente, percebemos que a tradição de padroeiros são por outros santos e santas; a exemplo de Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, São Francisco, São Sebastião etc.

trabalham e moram no Rio de Janeiro, faz com que um grande contingente retorne e participe efetivamente dos festejos. Segundo os lagoarrocenses, outras cidades próximas, a exemplo de Lagoa Seca e Esperança, não têm o número de pessoas e nem as atrações que tem em São Sebastião de Lagoa de Roça.

Em decorrência dessa grandiosidade e tradição, São Sebastião é um santo que representa muito para essas pessoas; e mais ainda para aqueles que se encontram fora da cidade.

Os apelos de proteção ao santo não se limitam aos espaços do município; a proteção é invocada em qualquer lugar e está presente constantemente na vida dessas pessoas onde quer que elas estejam. Mesmo durante a viagem de volta para a participação na festa, São Sebastião é chamado à proteção.

*“Eu vim dormindo e tem uma estrada que tem uma buraqueira muito grande não é Genival? depois de Feira. (...) Eu vinha dormindo o ônibus ia virando e eu gritei: vala-me São Sebastião! Eu dormindo pra mim o ônibus ia virando” (INÁCIO DE SOUSA).*

Participar da festa de São Sebastião é uma necessidade, e o apelo é muito mais forte para aqueles que estão fora. Tereziana Ilma tem um amigo que estava no Rio de Janeiro durante a festa do padroeiro(1997)

e por estar resolvendo problemas pessoais não pôde voltar. Ela conta que ele entrou em depressão por não estar na festa.

*“Ele disse que no dia 20 sentiu um vazio tão grande lembrando que naquele momento era a Festa de São Sebastião, sabe! Ele disse que sentiu um vazio enorme, enorme, enorme...no dia 16, 17 ele num sentiu nada; 19 nada. Nem lembrou da festa. Mas na hora de quatro horas da tarde que disse, sabia que São Sebastião tava saindo da igreja, ele sentiu um vazio, aquela vontade de chorar, né? Exatamente a saudade que dá. Então, na verdade é o Santo que chama práς pessoas” (TEREZIANA, 30 anos).*

O Santo “chama” os que estão fora, e eles voltam para garantir a proteção que São Sebastião dá durante um ano todo de trabalho no Rio de Janeiro. A festa reúne na cidade um grande número de pessoas; além dos que residem no Rio de Janeiro, também participam da festa os residentes das comunidades rurais de Lagoa de Roça. A festa de São Sebastião é o momento onde todos se encontram, é o momento da *interação*<sup>69</sup> entre eles.

O dia de São Sebastião é comemorado em 20 de janeiro, embora a festa comece uma semana antes. Mas é no dia 20 que se percebe o grande encontro que acontece em frente a igreja. A praça é local

---

<sup>69</sup> O sentido de interação aqui está mais próximo da Psicologia Social, ou como chamamos mais recentemente, Psicologia Sócio-Histórica. Ou seja, interação no sentido de entender que ela só é possível quando do encontro concreto entre as pessoas e/ou as coisas. Interagir é esse confronto necessário para que outros processos sociais sejam desencadeados.



de concentração dos fiéis; enquanto uns esperam pela missa, outros estão dentro da igreja acendendo velas e pagando promessas.

Uma diferenciação se faz necessária com relação à Festa de Lagoa de Roça. Há uma separação entre a festa profana (*de rua*) e a festa religiosa (*da Igreja*). A festa profana é coordenada pela Prefeitura que programa shows populares e instala os pavilhões. Já a festa religiosa, a cargo da Igreja, é realizada através de novenas, cânticos, missas etc. Porém, apesar de percebermos uma divergência a partir de 1993 entre os promotores das duas festas (*padre e prefeito*), no dia 20 de janeiro há um grande encontro para a procissão; todos se juntam num único desejo: *agradecer a São Sebastião por todas as bençãos alcançadas e pedir proteção para o ano que começa*.

*Ó Sebastião bendito*

*Defensor da santa igreja*

*Protegei-me ó mártir santo*

*Para que no céu nos veja*

*Ó Sebastião glorioso*

*Louvem todo o vosso nome*

*Rogai a Deus santo mártir*

*Nos livre de cruel fome*

*(...)*

---

O hino a São Sebastião é cantado exaustivamente antes, durante e depois da procissão; a composição do hino é toda em forma de apelo para que ele interceda lá no céu em favor dos moradores de Lagoa de Roça.

Nas procissões de 1998 e de 1999 participamos dos festejos e realmente percebemos a dimensão que a festa tem. O número de pessoas é muito grande a ponto de encher quase todas as ruas do município. Durante a semana que antecede 20 de janeiro, as atrações na praça principal se revezam; quem prefere uma bebida tem como opção as barracas instaladas na rua; mas é a procissão o espetáculo de maior efeito cênico, tanto pela dimensão quanto pela cor e brilho.

A fé é visualizada através daquelas pessoas descalças, ajoelhadas e acendendo velas para o santo padroeiro. A multidão parte às quatro horas da tarde saindo de frente da igreja e percorre a rua principal, contornando o Cristo Redentor e seguindo para a parte nova da cidade. De lá, volta pela BR até a praça 20 de Janeiro, localizada em frente a igreja. As fotos revelam com maior contundência a grandiosidade que é a Festa de São Sebastião em Lagoa de Roça. (**Fotografias** 6, 7 e 8).

Assim, a Festa de São Sebastião possibilita, de forma efetiva, o encontro entre todos. Há a possibilidade de confrontos os mais diversos; podemos ter como exemplo a própria disputa entre a Prefeitura e a Igreja que sempre acompanha as festas de São Sebastião.

Em 1994, em função da polêmica criada em torno da construção do Cristo Redentor, a Igreja resolveu não realizar a festa do padroeiro como forma de protesto contra o prefeito da época. Mas, depois de várias



**Fotografia 6;** *senhor e senhora acendendo velas em agradecimento a São Sebastião pelas graças alcançadas*



**Fotografia 7;** *saída da imagem de São Sebastião em procissão pela rua principal da cidade. À frente da procissão (lado direito) está o padre Lourildo que foi convidado pelos moradores a comandar as celebrações da festa no ano de 1999.*



**Fotografia 8;** *a procissão.*

discussões, a Igreja resolveu realizar as comemorações ao santo, temendo criar maiores problemas.

Já em 1998 surgiu um outro impasse entre a Igreja e a Prefeitura. Compreendendo que o momento era de dificuldades financeiras para todos, a Igreja resolveu sugerir a não realização da festa profana (de rua) e isso criou mais uma divergência.

*"Então esse ano a gente teve até uma divergência entre Prefeitura e Igreja porque o Conselho decidiu que não ia fazer esse ano, que não ia ter essas barracas esse ano né. Aí foi montada uma comissão de dentro do Conselho para o prefeito; só que o prefeito não quis alegando que era uma festa tradicional e não ia acabar com a festa. Então ficou essa divergência e a igreja ficou fechada a semana toda, muita gente ficou muito triste porque chegava aqui querendo visitar a igreja, vinha, a igreja fechada. A gente foi fazer novena, o novenário que era aqui na igreja a gente fez o novenário na periferia da cidade" (ELTON, 17 anos).*

Mais uma vez percebemos como a Igreja parece se preocupar, de forma muito declarada, com as questões sociais da população de Lagoa de Roça. Ou seja, o trabalho da Igreja tem uma intenção de conscientização. A posição do padre (*atual*) é de caminhar para um entendimento numa tentativa de evitar problemas como já os ocorridos com o padre Lourildo em 1993-94.

Esse é mais um exemplo da importância desse momento que é a **Festa de São Sebastião**. É ela o cenário/palco onde as grandes forças da cidade (*Igreja e Prefeitura*) travam embates, lutas. E essas disputas se dão justamente na presença de todos: os migrantes que retornam, os residentes da zona urbana do município e aqueles residentes nos sítios de Lagoa de Roça.

É evidente para nós que em Lagoa de Roça a divisão da festa em *profana* e *religiosa* é uma forma de se determinar territórios, jurisdições sobre o próprio exercício do poder local. A prova disso está na divergência entre os moradores sobre a importância de *uma* e de *outra*. *"Agora a festa de São Sebastião está mais voltada para a festa social(profana), eles pensam mais em festa de rua, em fazer baile, essas coisas e estão esquecendo o verdadeiro sentido que é a festa de São Sebastião"* (ADRIANA, 19 anos).

Em outros depoimentos vamos perceber que a importância dos festejos reside justamente na festa profana, pelo fato de ser ela que possibilita a geração de empregos temporários para muita gente desempregada na cidade. *"Traz mais empregos indiretamente e até diretamente; traz emprego porque as pessoas vendem essas caipiroscas nas barracas"*(JOELMA, 19 anos).

Podemos então visualizar que é a partir desses encontros (**festejos a São Sebastião**) que algumas transformações em Lagoa de Roça são "conspiradas"; algumas formas de exercício de poder são "permitidas" através dos elementos envolvidos: decisões como local da festa, dias da festa, verbas para a festa etc. ficam nas mãos da Igreja e da Prefeitura que se

confrontam para determinar os rumos do evento; e em torno desses elementos estão as pessoas que também interferem nos rumos da festa.

Estamos acreditando, no caso de Lagoa de Roça, que durante os festejos de São Sebastião há o *grande encontro, a grande interação*. As outras datas, como o São João e o Final de Ano, são momentos "menores" comparados à Festa do Padroeiro. **A Festa de São Sebastião** possibilita as discussões sobre os problemas da cidade, situações em que todos se sentem responsáveis.

Apesar de se encontrarem morando fora da cidade, os migrantes em "trânsito" não abdicam dos valores da comunidade de origem; na realidade não perdem as referências e a festa de São Sebastião é muito mais deles.

*"Participam com muita alegria, eles participam como uma coisa deles; eles saíram daqui mas isso continua sendo deles, faz parte da vida deles. Você quer um exemplo bem concreto sobre isso? Eles não se preocupam tanto prá vim passar o Natal em família, Natal e Ano com a família não. Eles se preparam prá vim passar a festa do padroeiro em casa" (CARMELITA, 45 anos).*

*"O sujeito cria e seleciona percursos de ação, podendo aceitar ou não a interferência de outrem. Os objetos são criados coletiva ou individualmente e revelam uma intenção do produtor" (BONIN, 1998:64).*  
Queremos compreender que o momento da festa foi e é transformado num

momento de invenção<sup>70</sup> e transformação. E esse contexto favorável criado pelos lagoarrocenses tem a marca deles; em especial dos migrantes que retornam à festa<sup>71</sup>.

Os moradores da cidade, e mais especificamente os migrantes, falam da festa como um acontecimento muito importante para suas vidas, percebem a festa sob diversos aspectos: primeiro como uma tradição da cidade<sup>72</sup>, segundo como o acontecimento mais importante da vida deles; e terceiro como um momento de recarga para futuros desafios pessoais e profissionais. Todos esperam ajuda material e espiritual de São Sebastião.

*“Você pode até tá louco, louco, violento e tal, pegou na imagem de São Sebastião quando vem no dia 20 de janeiro, você se acalma como se tivesse tomado um calmante. Eu acho que São Sebastião prá mim é um santo, respeito ele demais e não é à toa que ele é santo, eu acho que quem respeita Deus respeita São Sebastião”*  
(ROBERTO, 36 anos).

---

<sup>70</sup> Usamos o termo *invenção* na visão de CERTEAU que entende isso como uma forma do sujeito ordinário reapropriar-se do espaço e do uso a seu jeito. Ele inventa, através das práticas cotidianas, uma maneira própria de caminhar diante das imposições culturais da sociedade.

<sup>71</sup> Nos capítulos anteriores já comentamos diversas vezes sobre os sonhos e desejos do migrante; por estar fora de sua cidade e desejar muito um lugar “ideal” para viver, ele termina por encontrar na cidade local, no momento do “retorno”, as possibilidades de uma vida melhor ainda que não se defina de vez em morar nela.

<sup>72</sup> Há procissão a São Sebastião no Rio de Janeiro, mas eles não participam, preferem a de Lagoa de Roça; as explicações para isso já estão dadas: família, amigos, melhorar a “sua” cidade.

O respeito e a fé ao santo são importantes componentes da cultura de Lagoa de Roça, eles são responsáveis pela fomentação de diversos agenciamentos na cidade. (Fotografias 9, 10 e 11).

Assim, nosso objetivo nesse capítulo é justamente apresentar os elementos que possibilitaram a mudança comentada no item "1" desse capítulo; entendendo o *como* e os *porquês* do seu acontecimento, indo na direção das alterações na vida local, nos aspectos da vida cotidiana dos moradores.

Na realidade, neste último capítulo, estamos apresentando a base de toda nossa pesquisa: ***o estudo das influências da migração na mudança política de Lagoa de Roça***. Agora é o momento de explicitarmos de forma plausível essa relação.

Existe uma composição musical de 1989, escrita por Lúcio Barbosa e popularizada na voz de José Geraldo; mas também cantada por Luiz Gonzaga, em que é possível termos uma idéia bem real das visões que o migrante adquire na sua caminhada e que transforma em prol do entendimento de sua comunidade de origem. ***Cidadão*** revela as contradições e as angústias do migrante decorrente de processos de exclusão social; porém, revela, também de forma decisiva, "novas" visões sobre a sua própria região. A exclusão, sentida na cidade grande pelo migrante, faz com que ele se questione sobre a inconseqüência de ter deixado o "Norte".





**Fotografia 9;** *imagem de São Sebastião.*



**Fotografia 10;** *senhora adorando ao santo.*



**Fotografia 11;** *senhora louvando a São Sebastião.*

*"Tá vendo aquela igreja moço, onde o padre diz amém  
Pus o sino e o badalo, eu enchi minhas mãos de calo  
Lá eu trabalhei também, lá sim valeu a pena  
Tem quermesse e novena, e padre me deixa entrar  
(...)  
Porque eu deixei o Norte, eu me pus a me dizer  
Lá a seca castigava, mas o pouco que eu plantava  
Tinha direito a comer"<sup>73</sup>.*

Essa composição tem um aspecto significativo que podemos relacionar com a festa em Lagoa de Roça; esse aspecto é a **religiosidade**. Na verdade a fé nas coisas da Igreja é uma constante na vida dessas pessoas; é como se a Igreja integrasse tudo em suas vidas. Esse é um esteio que permeia as práticas deles, e, no caso de São Sebastião de Lagoa de Roça, esse aspecto é muito mais significativo pela dimensão da festa, como já apontamos anteriormente.

Dessa forma, a festa, São Sebastião, a fé, as disputas em torno da festa, etc., são **elementos significativos** e decisivos para entendermos a mudança política. Todavia, existem outros aspectos que precisam ser evidenciados para que a mudança política seja compreendida em toda sua diversidade; só assim teremos uma visão "completa" sobre a mudança.

---

<sup>73</sup> Cidadão, (Luiz Gonzaga), EMI, 1989.

Somente a partir das diversidades, conseguiremos entender a especificidade desse acontecimento nesta cidade.

### **3.3- A “prática social” do padre e a “prática religiosa” do prefeito**

Discutimos as afinidades de Toinho do Bar com os migrantes como sendo um relação também importante para a mudança; e depois percebemos a festa de São Sebastião como sendo um “chamamento” aos que estão fora, e que é durante suas manifestações que se travam algumas disputas de forma mais declarada no município. Agora vamos tentar visualizar, numa tentativa de compreensão geral, outros aspectos importantes nesse processo de mudança. Um deles é a “disputa” direta que houve entre o prefeito e o padre no período de 1993-94 e que diz respeito à polêmica do Cristo. Essa disputa foi o momento da exacerbação pública das forças locais.

Antes de entrarmos nos detalhes é necessário resgatar um pouco da história de vida tanto do prefeito quanto do padre. Alípio Bezerra de Melo, 69 anos, chegou ao povoado de São Sebastião de Lagoa de Roça por volta de 1950; nessa época, com 18 anos de idade, se firmou e começou um pequeno negócio no lugar. Já nesse momento começou a se relacionar com as lideranças da região, mais dedicadamente com os políticos da cidade de Alagoa Nova da qual fazia parte o distrito de Lagoa de Roça.

Em 1951 foi eleito vereador em Alagoa Nova pelo distrito de Lagoa de Roça; nas eleições seguintes, em 1955, Alípio Bezerra se candidatou a prefeito de Alagoa Nova e não conseguiu se eleger por uma diferença de 72 votos; porém o seu vice foi eleito<sup>74</sup>. O sonho de ser prefeito continuava, em 1959 se candidatou novamente, agora como vice-prefeito de Rogério Martins pelo PSD. E o fato das eleições anteriores se repetiu; Alípio Bezerra foi eleito vice-prefeito e Rogério Martins não conseguiu se eleger prefeito.

Foi nesse cargo de vice-prefeito que Alípio Bezerra realizou atividades com vistas a resolver os problemas do distrito de Lagoa de Roça. Ainda nessa época começou a luta pela emancipação do distrito.

*"... aproveitando uma onda que se criou para emancipação de distrito em novos municípios então eu fui prá fila de interessados para fazer a emancipação de Lagoa de Roça e aí fiz todas as (demarchas) necessárias para o acontecimento e conseguimos passar a município e o povo exigiu que eu fosse o prefeito logo, primeiro lá eleito né!" (ALÍPIO BEZERRA, 68 anos).*

A partir de 1961 já como prefeito eleito, Alípio Bezerra começa sua administração na cidade de São Sebastião de Lagoa de Roça; e já no início podia se perceber a forma diferenciada com que ele administrava o

---

<sup>74</sup>Nessa época os candidatos a prefeito e vice-prefeito tinham votações separadas. Isso significa dizer que poderia ocorrer de um ser eleito e o outro não; assim poderíamos ter um prefeito de um partido e um vice de outro.

município. Era mais fácil encontrar o prefeito em procissões, em missas, em novenários, do que em canteiros de obras, ou mesmo na prefeitura. Em função dessa forma de administrar, tendo a "religiosidade" como pano de fundo de sua administração, ele obteve o respeito e admiração de muitas pessoas já que o município é em sua maioria de tradição católica. Podemos dizer que o traço da administração de Alípio Bezerra de Melo foi a sua inserção nas decisões e manifestações religiosas da cidade.

*"E até ele pediu esse ano(1999) pra fazer parte da comissão da festa né, porque ele participou do centenário da igreja e quer participar do cesquecentenário ; ele também pediu a gente, chegou pra gente e a gente disse: não seu Alípio, a gente não precisa não. Porque a gente até tem medo dele querer fazer isso por conta dele querer entrar de novo na prefeitura porque ele foi mais ou menos como chutado de Lagoa de Roça"(ELTON, 17 anos).*

Podemos destacar, como obras da administração de Alípio Bezerra de Melo, a praça 20 de janeiro, onde ele mandou construir a imagem de São Sebastião; o cemitério, onde estão na entrada as imagens de Adão e Eva convidando os mortos para o "paraíso"; e a imagem do Senhor Morto dentro da igreja. (**Fotografias** 12, 13, 14 e 15).

Na verdade podemos perceber que, antes de ser uma característica de sua administração, esse envolvimento com a religião católica



**Fotografia 12;** *estátua de São Sebastião na praça 20 de Janeiro; construção do ex-prefeito Alípio Bezerra.*



**Fotografia 13;** *cemitério de Lagoa de Roça. Acima estão as imagens de Adão, Eva e a Cobra.*



**Fotografia 14;** *imagem do Senhor Morto dentro da igreja. Doação do ex-prefeito Alípio Bezerra.*



**Fotografia 15;** *monumento ao Cristo Redentor em São Sebastião de Lagoa de Roça.*

representa uma questão pessoal dele; é uma característica de sua formação que terminou estendendo-se à vida pública.

Mas que terminou marcando a sua administração de diversas formas foi a construção do monumento ao Cristo Redentor; uma obra que deveria ser apenas um marco de sua administração, foi bem mais que isso. Na verdade a partir da sua atuação como prefeito muitas coisas se modificaram na cidade.

O outro personagem importante dentro da polêmica do Cristo foi o padre Lourildo Soares da Silva. Ele entrou para o seminário no ano de 1961, em Campina Grande e depois seguiu para a cidade de Recife-PE onde terminou os cursos de Filosofia e Teologia. Em 1972 se ordenou padre e começou sua missão em Campina Grande, na Catedral de Nossa Senhora Aparecida e na paróquia do Rosário; em 1988 foi transferido para a paróquia Santana do Brejo. Começou então um trabalho na região do Agreste/Brejo, vindo para uma primeira experiência em comunidades pequenas e "rurais" já que trabalhara apenas na cidade de Campina Grande.

A paróquia Santana, onde o padre Lourildo veio desenvolver seus trabalhos, congregava os municípios de Alagoa Nova, Lagoa Seca e São Sebastião de Lagoa de Roça. Ali, segundo ele, teve oportunidade de colocar em prática os ensinamentos que adquiriu ao longo de sua vida religiosa.

*"E o trabalho que a gente tentou desenvolver foi de um projeto de Igreja onde o leigo tem um protagonismo muito importante. Ele assume o local dele, o lugar dele na*

*evangelização; na missão que o senhor quer de todos os seus discípulos. E a Igreja só tem razão na medida em que toda ela faz missão. E a gente se voltou um pouco para dinamizar e formar Comunidades Eclesiais de Base (CEBES); (...) Então foi um período de muita fecundidade no meu ministério sacerdotal” (Pe. LOURILDO, 69 anos).*

Na cidade de Lagoa de Roça, era de se esperar, tendo em vista o envolvimento do prefeito com as questões religiosas, que a passagem do padre Lourildo não tivesse problemas; mas ocorreu o contrário. As pequenas brigas já ocorriam sem nenhuma complicação maior, questões menores como comemorações de semana santa, locais e datas, tipos de festejos etc.; essas já eram motivo de divergências entre a Igreja e a Prefeitura.

Segundo o padre Lourildo as dificuldades na paróquia Santana sempre existiram, mas não impossibilitavam a realização dos trabalhos que vinha fazendo; era normal que as autoridades se colocassem contra um trabalho que tinha a função de conscientizar as pessoas: *“Dificuldades existem na medida que a gente vai se envolvendo para promover de fato né, o homem. Dá uma consciência nova dos seus direitos que eles começam a lutar por isso” (Pe. LOURILDO).*

Dessa forma podemos perceber que o trabalho do Pe. Lourildo tinha a intenção de modificar as mentalidades, de mostrar os problemas sociais para que houvesse a possibilidade de modificação. Instalou Conselhos Pastorais nas comunidades rurais de sua paróquia; todas as decisões tomadas



pela Igreja tinham que passar pelos Conselhos que deliberavam sobre os problemas e impasses a serem resolvidos.

Apesar de não ser unanimidade em todos os moradores entrevistados, e também entre aqueles que conversamos informalmente, dois acontecimentos são lembrados para maioria como sendo os mais importantes para a história recente de Lagoa de Roça: *a passagem de Pe. Lourildo pela cidade e a eleição de Antônio Pedro dos Santos (Toinho do Bar) em 1996.*

Em todas as entrevistas, é unânime se dizer que o trabalho de Pe. Lourildo foi muito importante para a cidade. A sua passagem foi *sui generis*; efetivamente ele ficou no município através das obras pastorais e dos ensinamentos que plantou nessa região. *"Primeiro Pe. Borges, segundo Pe. Lourildo que foi um dos padres que batalhou muito; ao invés de fazer aquele Cristo, como eu disse, tá na fita, (o prefeito) devia fazer casas pros pobres, por que não fez!?"* (ROBERTO SAMPAIO).

*"Ele tentou conscientizar, ele fez um bom trabalho de conscientização porque existia quase briga por conta disso(Cristo) e ele também muito ponderado né; então ele tentava ouvir os dois lados e ia tentando sanar, equilibrar a situação e não adiantou"*(CARMELITA, 45 anos).

Nesse panorama, em que tínhamos essa "prática religiosa" do prefeito Alípio Bezerra e essa "prática social" do Pe. Lourildo, vamos

encontrar a polêmica em relação a construção do monumento ao Cristo Redentor. Como já frisamos em nosso trabalho, só foi possível nosso olhar sobre esse campo a partir dessa polêmica. Ou seja, toda a discussão que naquele momento se instalou na cidade nos levou a questionarmos os motivos, as causas e os porquês daquela situação.

Dessa forma é fundamental, para a compreensão do nosso objeto, entender o que estava/está por trás de toda discussão sobre a construção do Cristo Redentor. Para isso, será necessário contextualizar também os posicionamentos dos moradores da cidade, dos migrantes que estavam na cidade e de outras pessoas envolvidas na discussão naquele momento; esse é outro aspecto importante.

Uma constatação importante em nossa pesquisa empírica foi perceber uma diferença de posicionamento entre os moradores: aqueles que residem na cidade (ainda que tenham migrado em outras épocas) e aqueles que residem no Rio de Janeiro.

Os moradores de Lagoa de Roça acreditam que a obra foi muito importante, e que o prefeito teve boa intenção ao realizar a construção. Segundo eles, a imagem do Cristo Redentor na entrada da cidade mudou a visão, a paisagem; mudou a cidade. Inclusive acham que não deveria ter havido discussão sobre uma coisa muito boa para a cidade, para a fé etc. Até questionam que duas autoridades importantes (*o prefeito e o padre*) não deveriam ter feito o que fizeram brigando na frente de todos os moradores. Ainda para esse grupo de pessoas, houve o consentimento da maioria para a construção do monumento.

*"Nessa época eu também trabalhava na prefeitura como motorista, prestador de serviço qual faço a mesma coisa até hoje e acompanhava tudo de perto; as zoada, as conversas. Nunca foi dizer que foi construído sem o pessoal aceitar não. Todo mundo aceitava, agora não era na hora certa" (JOSÉ FERNANDES, 41 anos)*

Para algumas pessoas a construção desse monumento significou uma obra especial que projetou a cidade, uma obra que significa persistência do prefeito Alípio.

*"... a construção do Cristo foi uma coisa muito importante né. Muita gente falou pra num fazer aquilo ali que era melhor dar dinheiro a quem precisava — Num foi Heleno!? — Mas o prefeito continuou, continuou e terminou. Uma obra muito especial" (ILDA MARTINS, 67 anos).*

É notório percebermos que nessas cidades pequenas ou em comunidades rurais onde o círculo de amizades das pessoas é restrito, há uma tendência a aceitação das coisas como estão ou como se apresentam. Algumas pessoas, em função de alguns interesses pessoais, não se engajam nas decisões locais, terminam concordando com determinadas atitudes

administrativas que não favorecem a melhoria das condições de vida comunidade.

Por outro lado encontramos aqueles moradores de tradição religiosa e, por isso, não poderiam ser contra a construção de um monumento em homenagem a Jesus Cristo. Inclusive essas pessoas criticaram muito o padre por “negar” a imagem do Cristo não querendo a construção.

Num outro ponto da discussão encontramos os migrantes que moram no Rio de Janeiro que não aprovaram a construção; alguns estavam na cidade durante as discussões ocorridas próximas à Festa de São Sebastião. Como já assinalamos, nos capítulos anteriores, aqueles que se encontram fora da cidade adquirem uma visão diferenciada com relação aos que ficam; e, pela impossibilidade de participação ativa nas questões da cidade grande, eles tiveram, nesse caso particular, a oportunidade de interferir de forma decisiva nas questões da comunidade.

Esse fato obrigatoriamente nos remete a uma questão dentro da Sociologia, da Antropologia e da própria Psicologia Social: a discussão sobre a *massa* e a *comunidade*; mais especificamente aos paradigmas sobre a relação entre indivíduo e sociedade. Sobre essa questão precisamos dizer apenas que “*a sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo*” (ELIAS, 1994:67)<sup>75</sup>. Onde começa *um* e termina o *outro*, e vive versa? Como e onde desvendar as fronteiras do macro e do micro? Essas questões

---

<sup>75</sup> Ver ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1994. Aqui é feita uma importante discussão sobre o tema; ELIAS traz diversas questões importantes sobre essa relação: indivíduo e sociedade.

são profundas e não teríamos condições de dar respostas em uma dissertação de mestrado.

Porém, é necessário visualizarmos como a Psicologia Social entende essa relação entre a *massa* (essa categoria da Sociologia mais tradicional que serve para entendermos um pouco a situação em que o migrante se encontra na cidade grande inapreensível), e a *comunidade* (o espaço micro do sujeito; que podemos entender aqui como sendo a cidade de origem dele).

*“A passagem do estado de massa ao estado de comunidade não é direta nem automática; não basta estar junto, experimentar sentimentos coletivos, compartilhar da mesma condição. É preciso da mentalidade comunitária **querer estar e fazer em conjunto**, assumir conscientemente uma mesma tarefa e um mesmo projeto”* (MAISONNEUVE, 1988:31).

Isso nos deixa à vontade para perceber que o migrante, ao “retornar” tem mais condições de mobilizar os outros, já que ele volta com um certo *status* e adquire uma certa influência sobre as autoridades locais.

Eles se colocaram diante da polêmica do Cristo e afirmam que foi uma ingerência do prefeito; uma falta de entendimento de quais benefícios os moradores precisavam naquele momento. Não concordaram com a construção e foram enfaticamente contra: “... *na minha opinião tinha coisa melhor do que*

*o Cristo, apesar que esse Cristo saiu até no Jornal Nacional e botaram o Cristo dentro de uma lagoa. Você não vê ele aí na altura que tá, a altura dele total teria que ser dali prá cima” (GENIVAL, 55 anos).*

*“A obra foi sem necessidade, foi sem necessidade. Na época seu Alípio não pensou, (...) eu já vi o Cristo no alto da serra como tem no Rio de Janeiro, o maior pico que existe no Brasil se chama onde está o Cristo. Mas aqui o mais baixo; se ele queria mostrar o mais baixo tá certo ele ter feito isso...” (ROBERTO, 36 anos).*

Percebemos como o migrante, a partir de sua vivência espacial, adquire essa visão mais crítica sobre objetos e pessoas com quem mantém contatos. No fragmento acima o migrante demonstra sua indignação com o “afundamento” do Cristo. Por conhecer muito bem o monumento ao Cristo Redentor do Rio de Janeiro, ele percebe que o de sua cidade é desproporcional, desigual e afundado. Ao usar o termo *mais baixo* demonstra uma revolta pois sua cidade não precisava “desfazer” do Rio. Eles acreditam que, com esse afundamento do Cristo, foi junto a administração de Alípio Bezerra de Melo.

Ao fazer tal comparação o migrante demonstra que entre a sua cidade e a cidade do Rio de Janeiro existem grandes diferenças; o Cristo de lá jamais será imitado à altura (literalmente) por quem quer que seja porque

ele é o maior. Mesmo assim, para eles, são duas cidades importantes para as suas vidas hoje.

Aliado ao posicionamento desses migrantes encontram-se, ainda, os frequentadores da igreja que, pela influência das discussões realizadas lá, foram contrários em sua maioria. Aqui é importante discutirmos a posição dos jovens já que alguns deles também estiveram presentes na polêmica do Cristo.

O jovem migrante, geralmente, volta com aquelas preocupações mais materiais. Necessita demonstrar que as coisas no Rio de Janeiro vão indo muito bem, procuram mostrar uma roupa nova ou um objeto de valor; e no relacionamento com as meninas da cidade se acham os melhores.

*“Então eles, eu acho, que pensam assim: eu saio do Rio de Janeiro e vim pra Lagoa de Roça; então vamos lá, toda noite é uma. Fica com uma, fica com outra, como já aconteceu e dizer: lá é bom demais a pessoa basta chegar com um tênis de marca, roupa de marca e as meninas dão em cima” (JOELMA, 19 anos).*

Diferentemente dos migrantes mais velhos que ao retornarem voltam com outras preocupações, com outros desejos; em sua maioria direcionados para a coletividade, para a família, para a amizade etc.

Já os jovens que fazem parte de grupos religiosos<sup>76</sup> se engajaram no movimento contrário a construção do monumento. Juntamente com a ala da Igreja que seguia as orientações do Pe. Lourildo, esses jovens foram às ruas naquele momento para reivindicar uma aplicação mais justa do dinheiro público. *"... a gente até deu uma sugestão que era bem melhor que ele fizesse uma creche para essas crianças que vive aí pedindo comida, morrendo de fome aí na praça, né!"* (ELTON, 17 anos).

O que podemos ter como síntese dessas diversas atitudes diante da polêmica do Cristo? Como essas múltiplas visões e posicionamentos deram sua contribuição para a transformação política?

É muito visível que o momento da polêmica enquanto um **conflito** foi muito importante para dinamizar um processo de mudança que já vinha em gestação. Na realidade, depois de mais de 40 anos, a administração do prefeito Alípio Bezerra não estava agradando a todos; porém as relações entre os moradores da cidade e as autoridades, que sempre foram pacíficas, não possibilitavam uma mudança, um confronto. A partir desse fato o processo foi de alguma forma desencadeado; e não parou, se encontra em andamento num movimento dinâmico. Isso porque hoje eles questionam o prefeito atual, que, apesar de estar agradando a maioria, não deixa de receber críticas. Percebemos que essa necessidade de melhorar, de mudar se integrou a vida cotidiana dessas pessoas.

---

<sup>76</sup> Lagoa de Roça tem um grupo de jovens bem atuante; em sua maioria são jovens frequentadores da igreja e sempre estão presentes nas discussões sobre os problemas da cidade.



O conflito gerado a partir da construção do monumento ao Cristo Redentor possibilitou questionar-se até onde a administração pública poderia se envolver problemas religiosos. Esse aspecto é significativo porque possibilitou um redimensionamento, na visão dos moradores, sobre as práticas tanto do prefeito quanto do padre.

Assim, a forma como a Igreja na figura de Pe. Lourildo, desenvolveu seu trabalho na cidade de Lagoa de Roça, buscando essa conscientização, tentando mostrar as dificuldades e como a administração pública não “enxergava” os problemas da população, favoreceu em parte, o processo maior de mudança no qual há diversos elementos envolvidos. Ainda considerando que possam ter havido contradições na prática da Igreja com relação a esses conflitos criados na cidade, acreditamos que em Lagoa de Roça começou um trabalho que continua em construção pelos próprios moradores.

Por outro lado, a “prática religiosa” do prefeito Alípio Bezerra que impedia que a maioria dos moradores questionasse sua forma de fazer política, já que a tradição católica do município respeitava muito essa postura pessoal dele. Inclusive o prefeito Alípio ainda reconhece que aquela obra, motivo de tanta polêmica, foi oportuna e importante, não entende até hoje porque Pe. Lourildo foi contra.

*“Ainda hoje eu não sei, aliás eu não me conformo porque ele tomou uma atitude de ser contra; ali paralela ao Cristo Redentor existe a Igreja Evangélica. A Igreja Evangélica*

*poderia ter feito alguma crítica contra a instalação do Cristo, mas o próprio pastor da época me cumprimentou, agradeceu, me abraçou pelo serviço". (ALÍPIO BEZERRA, 68 anos).*

A figura de homem religioso dava essa possibilidade de "não questionamento", de um homem *acima de qualquer suspeita*. Porém, foi justamente esse "qualidade" que também ajudou a maioria das pessoas a perceber, ainda que indiretamente, a falta de senso administrativo do prefeito. Pois a construção do Cristo Redentor foi, para muitas pessoas, o próprio significado da inseqüência de sua administração. Diante de tantos problemas na cidade, ele resolve gastar uma soma considerável (*algo em torno de 200 mil reais*) na construção de uma estátua. E o posicionamento do Pe. Lourildo foi de entender a necessidade de aplicação do dinheiro público em questões menos *ornamentais*, a exemplo da falta de água e desemprego naquele momento.

A polêmica em torno da construção do Cristo também foi o momento da oposição entre duas formas de catolicismo<sup>77</sup>. De um lado o "tradicional" representado pelo prefeito Alípio Bezerra; sua prática administrativa voltada para obras religiosas e participação nos eventos da Igreja como missas e novenários, caracterizava essa forma tradicional do catolicismo. Deus, nesse forma, aparece para os fiéis como uma entidade indiscutível a

---

<sup>77</sup> Ver MIRANDA, Júlia. *O Poder e a Fé*. EUFC: Fortaleza, 1987. No livro a autora fala da presença da Igreja Católica na política brasileira em geral e particularmente na cearense.

quem se deve apenas temor e obediência cega. Em oposição, encontramos uma outra prática que nega essa visão tradicional de *ser religioso*. Nesta forma de catolicismo os fiéis são convidados a protagonizar sua história na missão da Igreja que é, antes da evangelização, a conscientização do homem sintonizando-o com os problemas de sua época. Pe. Lourildo, à frente dessas idéias, representou esse catolicismo “progressista” em Lagoa de Roça. Nessa visão, Deus é um personagem misericordioso que deseja para seus filhos uma vida digna, justa e farta.

O embate entre essas duas formas de catolicismo na cidade nos remete mais uma vez a GUATTARI, especificamente quanto ele está falando de *revolução molecular*, percebendo essa revolução como pulsações políticas do desejo. Ele retoma aí a idéia de *grupelho* como uma forma de posição política. E mais, a idéia de que *a subjetividade é sempre de grupo; é sempre uma multiplicidade singular que fala e age, mesmo que seja uma pessoa só* (N. do T., 1977:18).

Essa discussão nos faz entender que a polêmica em Lagoa de Roça entre o padre e o prefeito provocou a definição de lados, de grupos. Demarcou as forças e o confronto; na realidade foi essencial para a mudança o surgimento do conflito envolvendo as lideranças locais (*representantes dos moradores e os próprios moradores*).

*“... un proceso de influencia social es concebido como un proceso que se desarrolla entre personas, que tiene lugar en el contexto de una interacción caracterizada por una*

*divergencia, es decir, por un conflicto*" (MOSCOVICI, 1984:82).

Depois dessas aproximações, compreendemos o que significou a construção do monumento na cidade. O Cristo Redentor significou mais do que uma obra que pretendia marcar uma administração; ele significou mais do que uma obra religiosa. Na realidade, ainda que sem essas intenções, a polêmica em torno do Cristo, possibilitou uma "nova" forma de posicionamento das pessoas diante de questões políticas na cidade. Por trás dessa construção encontramos os migrantes, exercendo uma influência que foi decisiva para efetivação da "mudança".

A maioria dos parentes daqueles que retornam se encontra na periferia da cidade ou zona rural de Lagoa de Roça; quando os migrantes estão aqui realizam uma verdadeira maratona para conseguir visitar a todos. Às vezes os migrantes nem têm parentes, mas os amigos e os conhecidos também recebem nos sítios a visita deles para um encontro, uma farra para relembrem dos velhos tempos e dos novos também.

Esse momento é importante à medida que serve de local de discussão dos problemas da cidade; é também o momento de discutir a situação atual com aqueles que estão chegando. E é interessante perceber que a maioria expressiva dos votos que elegeu Toinho do Bar veio da zona rural e da periferia da cidade. Assim o "rural" teve um grande peso nas eleições de 1996 em Lagoa de Roça. A grande maioria dos votos que

elegeu Toinho do Bar veio de alguns sítios onde ele sempre manteve um bom relacionamento: Camucá, Riacho Fundo, Caracol e Manguape.

Ainda que isso seja fato confirmado por várias pessoas da cidade, não encontramos no TRE-PB os números de eleitores da zona rural separados dos eleitores da zona urbana e sua separação por seção. Ou seja, não é feito pelo TRE essa análise entre população urbana e rural nos pequenos municípios. Segundo os funcionários, isso ocorre com pequenos municípios onde todas as seções se encontram na zona urbana e não há por parte da justiça eleitoral uma preocupação em fazer uma diferenciação.

Ao nosso ver, essa é uma falha do TRE-PB, pois não permite visualizarmos claramente essas relações entre o urbano e o rural em pequenos municípios. Para confirmarmos a informação de que a zona rural de Lagoa de Roça foi quem elegeu Toinho do Bar, usamos os boletins de apuração das seções eleitorais do município. Após isso fomos verificar em quais seções havia um maior número de eleitores dos sítios de Lagoa de Roça e em seguida analisamos a diferença de votos entre Toinho do Bar e o outro candidato; buscando perceber se nessas seções ele realmente teve uma votação expressiva.

Lagoa de Roça tem 24 seções de votação; e nas seções 44, 48, 50, 53, 56, 59, 70, 71 e 75 o número de eleitores da zona rural é superior ao da zona urbana segundo a Justiça Eleitoral de Alagoa Nova, da qual Lagoa de Roça faz parte. Em todas as seções de Lagoa de Roça a média de eleitores por seção é algo em torno de 250; em função desse número a margem de diferença para Toinho é significativa.

Nas seções 48, 70, 71 e 75 encontramos números expressivos: na primeira a diferença de votos para Toinho foi de 80, na segunda também houve uma diferença de 80 votos; na seção 71 percebemos que a diferença se elevou para 85 votos e na seção 75 percebemos a maior diferença: Toinho obteve nela 137 votos a mais que Antônio Donato. (ANEXO C).

Esses dados nos remete a uma reflexão importante e atual sobre a relação entre rural e urbano, para se entender o desenvolvimento local. Ou seja, essa relação deve ser compreendida enquanto um *continuum* onde rural e urbano se influenciam mutuamente; e cada um mantém suas especificidades e importância para a sociedade.

*“Se a vida local é o resultado do encontro entre o rural e o urbano, o desenvolvimento local, entendido como o processo de valorização do potencial econômico, social e cultural da sociedade local, não pode supor o fim do rural.(...) O espaço local é, de fato, o lugar do encontro entre estes dois “mundos”. Porém, nele, as particularidades de cada um não são anuladas, ao contrário são a fonte da integração e da cooperação, tanto quanto das tensões e dos conflitos” (WANDERLEY, 1999:05).*

Os resultados de nossa pesquisa é corolário dessa reflexão de WANDERLEY; o peso que a votação do meio rural teve nas eleições de Lagoa de Roça dão pistas da importância desse espaço para o próprio

município. O reflexo da zona rural foi expressivo para algumas transformações na zona urbana.

Dessa forma, podemos dizer que os migrantes trazem e exercem sim sua influência; agora os desmontes e algumas transformações (*como no caso da política*) se dão no confronto direto, face a face. Ou seja, o poder é alguma coisa que não se dá, nem se troca. O poder se exerce, e se exerce na ação; ele é então uma relação de forças estabelecida no dia a dia das pessoas.

*“O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão” (FOUCAULT, 1996:183).*

Ao optarmos por entender a mudança em Lagoa de Roça a partir das transformações nas subjetividades, necessariamente compreendemos que o poder é algo que circula e que funciona em cadeia. Não existe localização territorial ou pessoal do poder, ele não é apropriado como uma riqueza ou bem. Assim, os migrantes, nesse caso, são transmissores e são efeitos do poder que exercem em São Sebastião de Lagoa de Roça.

Esse poder é perpassado por diversos elementos. Por isso entendemos que a *história política de Toinho do Bar representando os*

*mais humildes; a prática da Igreja na direção da conscientização dos fiéis e a Festa de São Sebastião são aspectos do poder e estão intimamente ligados à mudança.*

### **3.4- Visibilidade das Mutações na Subjetividade Migrante**

As transformações nas subjetividades do grupo de migrantes que pesquisamos estão, certamente, relacionadas com diversos aspectos das trajetórias culturais deles próprios. Como também dos moradores da cidade já que há uma relação entre eles. Por isso, estamos entendendo subjetividade numa perspectiva *intersubjetiva*.

Em nosso estudo as transformações/mutações que estamos pontuando (sem desprezar a importância de outros aspectos) se referem àquelas que de alguma forma influenciaram no processo de mudança da liderança política. Essas transformações/mutações significaram alterações na percepção, no comportamento, nos valores, nas visões sobre o mundo etc., dos migrantes e moradores. Algumas dessas mudanças se diferenciam de migrante para migrante; de contingência para contingência e de lugar para lugar. Isso implica dizer que as mutações nas subjetividades são diferenciadas em cada experiência migrante.



Nos capítulos anteriores analisamos como o migrante ao chegar na cidade grande precisa refazer muitos ideais que imaginava confirmá-los no Rio de Janeiro. E ao descobrir as "mentiras" sobre a cidade idealizada começa um processo de reelaboração que implica nas transformações<sup>78</sup> das subjetividades.

Primeiro, a visão sobre o Rio de Janeiro, que antes da partida era de um local onde se ia ganhar muito dinheiro, se ter muito prazer e divertimento, muda e passa a ser o local de sobrevivência e de luta para manter a integridade física. Para quem fica, o Rio de Janeiro continua sendo uma ilusão e um lugar desejado, em função dos relatos presenciados e da própria mídia.

Essa mudança diante do que o Rio passa a representar faz com que o migrante dê um valor maior para a cidade que deixou para trás. Essa é uma primeira transformação que acontece no universo migrante.

Aos poucos esses elementos vão se incorporando ao repertório trazido pelo migrante e daí surgem novas visões sobre essa cidade. Como já frisamos no capítulo II, o Rio passa a ser uma realidade vivida e assim perde alguns elementos da idealização migrante. É necessário *inventar* um Rio onde a fantasia possa existir como garantia do *sentido* para que a vida continue.

---

<sup>78</sup> Quando usamos o termo "transformação" estamos nos referindo às mudanças nas subjetividades decorrentes das experiências migrantes e que de alguma é comum à vivência migrante como um todo. No sentido de transformar-se em algo, passar de uma configuração a outra. Mais à frente vamos preferir o termo "mutação" para falar daqueles aspectos transformados mas singularizados pelo migrante no momento do retorno a sua terra natal. Mutação no sentido de alteração, modificação pela vulnerabilidade ou inconstância; diferente da transformação que ocorre na passagem de um para outro valor.

Uma outra mudança importante é na vivência espacial; sair de Lagoa de Roça para o Rio de Janeiro significar trafegar por espaços que dão ao migrante um repertório de circulação territorial ampliado. De volta a sua cidade, o migrante vivência esse espaço local de forma mais segura; tem um controle mais eficaz sobre ele.

Muda também após a experiência migrante os valores relacionados à família. Antes da partida ela tinha sua importância e lugar na vida do migrante. Partindo com ela ou sem ela, o migrante não abandona os laços e mantém com a família um contato ainda que esteja distante. Porém, após a experiência migrante e a vivência na cidade do Rio de Janeiro, quando a vida da família corre perigo, o migrante redimensiona o valor que ela tem para ele. A partir daí a família adquire um valor incalculável. Com isso os objetivos dos migrantes se deslocam do *ganhar dinheiro* para a preservação da família.

Ainda com relação à família, existe um aspecto que também mudou nos migrantes de Lagoa de Roça. Eles diferenciaram a "traição"<sup>79</sup> dos amigos e conhecidos da "traição" das pessoas da família. É nesse momento que as visões sobre os nordestinos e cariocas são transformadas; para os migrantes de Lagoa de Roça os cariocas são pessoas bacanas, alegres e divertidas de se conviver. Segundo eles é mais fácil se desentender com os próprios nordestinos do que com os cariocas. Isso faz com que o

---

<sup>79</sup> O termo *traição* é usado pelos migrantes como sinônimo de não acolhimento. O migrante que vai para o Rio de Janeiro tem na necessidade de acolhimento uma coisa muito importante; então a falta desse acolhimento faz com que o migrante atribua o termo *traição*.

migrante mude o conceito sobre os seus conterrâneos e perceba que em sua terra natal há pessoas que não merecem confiança. Essa mudança é importante porque possibilita ao migrante uma visão diferenciada sobre as pessoas de sua cidade. Ao retornar há diferenciações no alcance de sua ação; sabe com quem pode e com quem não pode contar para resolver determinados problemas.

Uma outra mudança que identificamos nos migrantes de Lagoa de Roça se refere a sua capacidade de enfrentar adversidades. Situações antes não imaginadas como passar fome, ser abandonado pelos parentes etc., fazem com que o migrante perceba ser detentor de uma capacidade extraordinária para vencer os obstáculos. Essa mudança na visão do migrante sobre ele mesmo vai ser importante quando ele estiver de volta na sua cidade, e puder interferir nos rumos de seu município. Isso quer dizer que o Rio de Janeiro vai significar, agora, um lugar de "preparação", uma "escola" para os novos desafios que possam surgir na vida do migrante.

Essas transformações são quase que comum a todos os migrantes de uma forma geral, pois de uma maneira ou de outra eles vivem esse choque cultural; e esse choque tem a capacidade de transformar valores e costumes, ainda que eles preservem valores da comunidade de origem. Assim, podemos dizer que um elemento decisivo para mobilizar as subjetividades migrantes é a partida. Ao deixar parentes e amigos, o migrante também deixa uma parte de sua história, de sua vida, de seu sentido. E aí já começa uma "luta" do migrante para recuperar o *sentido perdido*. Depois ele é obrigado a deixar também de lado as idealizações sobre o

Rio de Janeiro. Tem que viver essa cidade com todos os problemas que possa conhecer; e mais alguns de sobra, específicos da vida na cidade grande (violência, drogas etc.).

Todas essas transformações são decorrentes da própria condição migrante. Eles são "obrigados" a vivenciar determinadas situações em que valores ligados à amizade, à família, ao dinheiro, ao sucesso etc. são colocados à prova. A partir desses embates a vida do migrante pode ganhar rumos diferentes. E esses rumos diferentes podem se encaminhar para outras "transformações" decorrentes do entendimento desses embates pelo migrante; e algumas energias daí desprendidas são direcionadas para Lagoa de Roça. A essas re-elaborações, agora na comunidade de origem, vamos chamar de **mutações** nas subjetividades. E é a partir dessas mutações (singularizadas) que vamos visualizar as peculiaridades específicas desse grupo de migrantes de Lagoa de Roça e entender como a mudança da liderança política foi influenciada por essas especificidades.

Na contemporaneidade vivemos sob a égide de uma multiplicidade de mudanças que afetam a todos; alterações de toda ordem que determinam transformações, mutações, inversões nas subjetividades. Neste contexto podemos enquadrar o fluxo migratório que vem se diferenciando ao longo do tempo. O "retorno", por exemplo, se intensifica em detrimento dos fluxos de partida. E em outras situações percebemos que o movimento de *ida e volta* é constante; e em função disso a própria categoria *migrante* perde sua consistência, e preferimos caracterizar essas pessoas como "nômades". Essa nomadologia é caracterizada pela multiplicidade de fluxos determinando

transformações também múltiplas. Podemos dizer que este é um aspecto mutante na migração contemporânea que percebemos em São Sebastião de Lagoa de Roça.

Dessa forma, a diversidade e densidade dos universos que se interpenetram, tornam a subjetividade uma categoria que necessita constantemente de reconfiguração; só que essa necessidade constante de reconfigurar-se significa a sua força, sua forma de dar conta das diversidades subjetivas presentes na contemporaneidade (ROLNIK, 1996).

Dessas mutações no fluxo migratório na atualidade percebemos que o migrante está buscando uma qualidade vida independente da quantidade de dinheiro que possa ganhar. Ou seja, antes o migrante buscava uma qualidade de vida em termos quantitativos; hoje ele está valorizando a vida em termos qualitativo (estar junto da família, sossego, uma vida mais amena etc.). Isso faz com que se torne mais freqüentes suas visitas à terra natal.

Diante dos problemas que enfrenta o migrante termina por concluir que a paz de espírito, o sossego e a vida em família são valores muito mais importantes do que qualquer outro. Há nesse momento uma mudança do valor dado ao dinheiro, ao "luxo" e ao abandono da terra natal. Isso constatado, inevitavelmente todas as energias são direcionadas para o local onde a realização dessa vida melhor pode ser possível (a cidade do migrante). Em nossa pesquisa essa mudança é percebida; e ainda que os migrantes que entrevistamos morem no Rio de Janeiro, a cidade de origem é o local desejado (no futuro) para continuar a vida com mais sossego.

Também muda após a experiência migrante dos moradores de Lagoa de Roça o seu status dentro da cidade. O migrante adquire diante da sua cidade um respeito e admiração. Em muitos casos ele termina usando esse status para benefício próprio; só que em Lagoa de Roça o migrante que adquiriu um certo status diante da coletividade, usa essa influência para beneficiar outros moradores. Não aceitam benefícios individualizados para eles, exigem das autoridades (ainda que preservando os laços de amizade) que distribuam esses benefícios para a coletividade.

É interessante percebermos aqui a necessidade de distinguirmos transformação de mutação. Ao *status* que o migrante adquire diante da sua cidade, chamamos de transformação nas subjetividades; e a modificação deste status em algo de proveito dirigido para uma parte da coletividade, chamamos de mutação.

Como essas transformações se singularizaram em Lagoa de Roça e provocaram mutações nas subjetividades? Como essas mutações favoreceram a mudança da liderança política na cidade?

Em nossa análise essas mutações atravessam quatro aspectos importantes a destacarmos: ***a polêmica do Cristo Redentor, as práticas do padre e do prefeito, a prática de Toinho do Bar enquanto candidato a prefeito e como vereador e a Festa de São Sebastião.***

A vivência espacial que o migrante de Lagoa de Roça adquiriu possibilitou questionar o monumento ao Cristo Redentor. Somente o migrante que conheceu o Rio de Janeiro pôde questionar e ao fazer isso favoreceu discussões que trouxeram à análise dos moradores a prática da Igreja e da

Prefeitura. O entendimento das atribuições dessas duas instituições na cidade ganhou novas dimensões. Agora, para os migrantes, a Igreja deve sim interferir nas questões políticas e sociais do município. Para os migrantes a função da Igreja deve ir além das missas e novenas; para eles a Igreja em Lagoa de Roça deve velar pelos que permanecem na zona rural quando estão ausentes. Dessa análise também percebemos que a visão dos migrantes sobre a função da prefeitura seria a de atender as necessidades de todos os moradores indistintamente; a preocupação com as questões religiosas só poderia existir quantos os problemas dos moradores fossem resolvidos, pelo menos em parte.

Os migrantes de Lagoa de Roça em sua maioria saíram da zona rural; e foram em parte, porque as administrações anteriores não tinham uma política que atendesse aos interesses deles. As administrações dos Donatos e dos Bezerras, se dedicaram mais aos problemas da cidade localizados na zona urbana. "Esqueceram" que havia moradores nos vários sítios que também fazem parte da cidade de São Sebastião de Lagoa de Roça. E, ao partirem, os migrantes quebram as amarras com essas lideranças; ao retornar ficam mais à vontade para questionar essas próprias lideranças que no passado os "desprezaram". Já dissemos como o desprezo se transforma em traição, e passa a ser um acontecimento marcante na vida do migrante.

Ao retornar diversas vezes e adquirir uma certa dignidade diante dos moradores da cidade o migrante encara as lideranças de frente e não se permitem manipulações. Por não precisarem de nem um favor dessas

peças, os migrantes estão livres de qualquer subordinação; e ainda trazem uma energia, uma capacidade de luta que são usadas para "contaminar" os seus conterrâneos.

O migrante volta com a intenção de buscar uma vida melhor aqui, como já dissemos; com os laços familiares reforçados. Então investe naquelas pessoas que estão na condição em que eles já estiveram no passado. Por esse fato o migrante quando está na cidade praticamente não sai da zona rural; é nestes encontros que as experiências vividas no Rio de Janeiro são re-vividas através dos relatos dessas experiências. É como se os moradores da zona rural pudessem reviver, simbolicamente, as experiências migrantes dos seus parentes e amigos. Isso faz com que os moradores da zona rural também experimentem situações vividas pelos migrantes.

Em função disso detectamos que os migrantes de Lagoa de Roça reforçam os laços com os moradores da zona rural; é como se um elo de pertencimento fosse estabelecido. E essa condição de *ter pertencido* à zona rural faz com que haja diferenciações nas redes de poder em Lagoa de Roça.

Os moradores da zona urbana da cidade estão mais presos às redes de poder ligadas às administrações públicas. Os favores, as relações cotidianas de dependência etc., fazem com que as pessoas residentes na zona urbana necessitem estabelecer uma relação cordial com as administrações. Já os migrantes, que ao partir quebram as relações com essas redes, instalam, quando dos retornos, outras redes de poder. Essas



novas redes instaladas se dão em função da identificação dos migrantes com os moradores da zona rural, com quem estabelecem objetivos comuns.

A partir dessa identificação dos moradores da zona rural com os migrantes, houve uma mudança na percepção dos migrantes e dos próprios moradores diante das possibilidades de uma cidade melhor. É neste contexto que Toinho do Bar aparece como sendo o representante, não só dos moradores da zona rural, como também dos migrantes. A campanha política de Toinho foi direcionada para os moradores da zona rural; assim como a sua administração atual, numa tentativa de evitar o processo migratório. Para ele o esvaziamento da cidade só traz prejuízo, pois quebra as relações familiares, que na sua opinião são muito importantes.

Podemos dizer que Toinho do Bar enquanto político soube usar os elementos presentes em Lagoa de Roça, e desenvolveu uma campanha em cima da necessidade de reconhecer a importância dos moradores da zona rural nas questões da cidade. Até 1995 as administrações não tinham desenvolvido nenhuma política para atender às reivindicações da população rural. O símbolo da campanha de Toinho do Bar foi oportuno: já que a raiz é um elemento muito familiar para os moradores da zona rural, *"arrancar a raiz estragada não seria uma tarefa difícil para eles"* já que têm habilidade com a enxada.

Dentro deste contexto de mudanças nas subjetividades devemos frisar a transformação que a Festa de São Sebastião sofreu. Essa festa não foi sempre como é hoje; de 93-94 para cá, a Festa se transformou num espaço onde algumas disputas entre a Igreja e Prefeitura são travadas.

Somente a partir da polêmica do Cristo e da capacidade do migrante em buscar novos desafios é que foi incorporado à festa de caráter religioso um componente político (disputa por interesses, exercícios do poder, etc.).

Todas essas mudanças nos faz ver que os moradores de Lagoa de Roça migram para o Rio de Janeiro com um projeto maior de encontrar lugar ideal para viver, coisa que não consegue realizar lá. As experiências na cidade grande servem como aprendizado para o migrante enfrentar novos desafios; e ajudam na percepção de que uma vida satisfatória é possível na sua cidade.

Retornando freqüentemente, eles adquirem respeito, admiração e conhecimento sobre a realidade da região e da sua cidade. Os migrantes que passam a ter uma identificação muito forte com os moradores da zona rural transformam essa identificação em atitudes para ajudá-los. Passam a representá-los quando da reivindicação de uma alguma coisa que necessitem.

É a partir daí que os migrantes e os moradores da zona rural compreendem a sua condição de exclusão diante das administrações e colocam em prática a *busca por um lugar*. Para isso precisam mudar a história política do município; então, a mudança da liderança política em Lagoa de Roça, deveu-se a aglutinação de forças com destaque para aquelas decorrentes da influência dos migrantes sobre os moradores da zona rural, que elegeram Antônio Pedro dos Santos (Toinho do Bar).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar a influência dos migrantes de São Sebastião de Lagoa de Roça na mudança da liderança política na cidade, chegamos a algumas conclusões importantes. Primeiro que as *causas da migração* não devem ser dissociadas dos *motivos subjetivos* envolvidos neste fenômeno social. Qualquer tentativa de análise sobre o tema deverá considerar esses dois aspectos, relacionando-os para não perder de vista a ação dos migrantes. Essa necessidade se deve às transformações que o processo migratório vem sofrendo no Brasil, de forma mais acentuada nesta última década. Um número maior de nordestinos está retornando em comparação aos que estão saindo para o centro-sul do país; essa é uma característica marcante dessas transformações.

Assim, mesmo considerando que cidades como São Paulo e Rio de Janeiro desenvolveram-se e transformaram-se muito em função da presença dos nordestinos, percebemos a necessidade de redirecionar os estudos sobre a migração para a comunidade do migrante. Após a experiência migrante, a cidade é transformada em um espaço "experimental". Aqui quase tudo pode ser tentado, mudado, transformado etc.; isso vai depender de como os migrantes viveram suas experiências e também dos *insights* que tiveram sobre elas.

Neste novo contexto uma boa parte dos migrantes se transforma em nômade; isso ocorre quando os referenciais de origem e destino se diluem fazendo com que o migrante não reconheça mais os limites entre a *sua terra* e a *terra conquistada*. Os movimentos de *ida* e de *volta* se alternam a ponto do migrante não saber se quando vem do Rio de Janeiro para sua cidade está *saindo* ou está *voltando*. É esse nômade, com sua característica de constantemente buscar reterritorializar-se, que se transforma em um elemento de mobilização junto aos seus amigos, parentes etc., em sua cidade de origem.

A nossa pesquisa traz uma constatação importante: a *posição dos moradores da zona rural de Lagoa de Roça é estratégica para a mudança da Liderança política*. Percebemos que, o ser da zona rural, uma característica atribuída normalmente aos migrantes nordestinos, adquire visibilidade em Lagoa de Roça, pois nesta cidade a mudança política foi levada a efeito pelos moradores da zona rural, tendo a ação dos migrantes como força propulsora.

Dessa forma, os protagonistas deste acontecimento social ( a migração) são os migrantes, os moradores, os que já migraram no passado, as lideranças locais etc. Pela dimensão e alcance desse fenômeno não poderíamos centrar a atenção apenas sobre os migrantes para a compreensão dos efeitos da migração. A migração está relacionada a alguns aspectos da vida cotidiana não só dos migrantes, mas também dos moradores da cidade. Os aspectos religiosos, políticos, sociais e culturais estão ligados, através

dos migrantes, ao processo migratório como um todo. Falar de qualquer um deles é falar da migração.

É importante considerarmos como conclusão também essa nova visão necessária sobre o migrante que buscamos identificar. Na maioria eles são pessoas comprometidas com as questões da sua região e de sua cidade. Eles não se encontram perdidos numa sociedade que lhes "roubou" os espaços. Lutam para criar novas maneiras de vida como forma de sobrevivência física e psicológica; e assim criam novas estratégias de sobrevivência e modificam com isso algumas estruturas sociais.

Devemos concluir também que a *experiência migrante* é necessária, a medida que modifica as visões de mundo do migrante e aspectos da sua experiência espacial adquirem novas dimensões. Essas condições podem proporcionar ao migrante a percepção de situações antes não percebidas por ele. Essa nossa colocam; geralmente enxergam a migração apenas como um *problema* conclusão vai de encontro ao que a maioria dos estudos sobre o tema que precisa ser resolvido. A aventura de migrar, antes de ser um problema, é uma condição necessária para o fortalecimento do nordestino; dando-lhe condições físicas e psicológicas de existência.

Encerrando nossas considerações finais destacamos a importância da festa de São Sebastião na mudança da liderança política em Lagoa de Roça. A festa ao santo é uma característica vital dessa cidade; vários aspectos dessa comunidade passam pela festa de São Sebastião. É a partir dela que os agenciamentos migrantes adquirem consistência. A festa foi

transformada em uma “arma” para mediação dos interesses tanto das administrações quanto da Igreja.

A mudança da liderança política se revelou como tendo sido determinada por um conjunto de elementos interrelacionados: a prática da Igreja, as práticas das lideranças políticas e as tensões surgidas a partir da Festa de São Sebastião e da polêmica da construção do monumento ao Cristo Redentor (1993-94); em volta desses aspectos encontramos a religiosidade, o companheirismo e um certo espírito de “comunidade” desenvolvidos a partir da relação entre os migrantes e os moradores da cidade. Ao nosso olhar a aglutinação desses elementos deveu-se a força dos migrantes, e conseqüentemente favoreceu a mudança da liderança política.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, Recife, Massangana, 1999. (Fundação Joaquim Nabuco - PE).

---

\_\_\_\_\_. *A Singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica*. S/D. (Mimeografado).

---

\_\_\_\_\_. Vidas por um fio, vidas entrelaçadas: rasgando o pano da cultura e descobrindo o rendilhado das trajetórias culturais. In: *Revista História e Perspectivas*. v. 8, Uberlândia, 1993. p. 87 – 95.

---

\_\_\_\_\_. Violar Memórias e Gestar a História. In: *CLIO - Série História do Nordeste*, nº 15, Recife, 1994. p. 39 - 52.

APPIAH, Kwame Anthony. Cultura, Comunidade e Cidadania. In: Heler, Agnes. et al. *A Crise dos Paradigmas em Ciências Sociais e os Desafios para o Século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999. p. 219-250.

ARNS, D. Paulo Evaristo. Migrações: considerações gerais. São Paulo. In: Revista CEM Centro de Estudos Migratórios. *O Vaivém da Sobrevivência*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. p. 11 -19.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas - SP: Papyrus, 1994. (Coleção Travessia do Século).

BERGER, Peter I. e LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BONIN, Luiz Fernando Rolim. Indivíduo, Cultura e Sociedade. In: STREY, Marlene Neves. et al. *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 58 - 72.

BOSSEGIO, Luiz e GONÇALVES, Alfredo. Os Condenados do Sistema. In: Revista CEM – Centro de Estudos Migratórios. *Migrantes: êxodo forçado*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

BRAIDO, Jacyr F. As Migrações na Atualidade Brasileira. In: Revista CEM - Centro de Estudos Migratórios; *Migrantes: Êxodo Forçado*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 1998.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. João Pessoa - PB: Academia Paraibana de Letras, 1947.

\_\_\_\_\_. *Municípios e Freguesias da Paraíba*. Porto Alegre: Núcleo Cultura Portuguesa, Edições Caravela, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. v. 1, Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Cultura no Plural*. Campinas - SP: Papyrus, 1995.  
(Coleção Travessia do Século).



D'INCAO, Maria Conceição. *O Bóia fria: acumulação e miséria*. Petrópolis: Vozes, 1981.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vl.1 e 5, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

\_\_\_\_\_. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DOMS, Machteld e MOSCOVICI, Serge. Innovación e influencia de las minorías. In: MOSCOVICI, Serge. et al. *Psicologia Social I*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1991. Cap. 2, p. 71 -116.

DONATO, Eronides Câmara. *Identidade, Identidades: um estudo sobre trabalhadores do Serrotão*. Campina Grande, Universidade Federal da Paraíba, 1995. Dissertação de Mestrado em Sociologia rural.

DUBOIS, Claude-Gilbert. *O Imaginário da Renascença*. Brasília: Editora UnB, 1995.

DURHAN, Eunice Ribeiro. *A Caminho da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

\_\_\_\_\_. Cultura e Ideologia. In: *Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, UFRJ, nº 1, v. 27. 1984. p. 71 - 89.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1994.

FERNANDES, Maria I. Assumpção. A Subjetividade à Luz de uma Teoria de Grupo. In: *Psicologia USP*, vl. 5, nº 1/2. São Paulo: USP – IP, 1994. p. 285 - 296. (Semestral).

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 1997. (Coleção Repensando A Língua Portuguesa).

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FRÉMONT, Armand. *A Região: espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almeida, 1980. (Coleção SUP, Le Géographe).

FREUD, Sigmund. Esboço de Psicanálise. In: *Os Pensadores*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 195 - 246.

GENOVESE, Eugene D. *A Terra Prometida; o mundo que os escravos criaram*. Tomo I, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GOTTDIENER, Mark. *A Produção Social do Espaço*. São Paulo: EDUSP (Editora da Universidade de São Paulo), 1993.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUATTARI, Félix. *Revoluções Moleculares: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

HAGUETTE, Teresa M. Frota. A História de Vida. In: HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes. Cap. 7, 8 e 9, 1992. p. 79-105.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a história*. v. 2, São Paulo: Paz e Terra, 1979. (Série Interpretações da História do Homem).

HUBERT, Lepargneur. *Demografia, Ética e Igreja*. São Paulo: Ática, 1983. (Ensaio, 91).

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO ECONÔMICO E SOCIAL(INPES). *Monografia n° 5*. Rio de Janeiro, 1971.

KOURY, Mauro G. Pinheiro. et al. *Cultura e Subjetividade*. João Pessoa: Editora da UFPB, 1996.

LANE, Sílvia T. M. e CODO, Wanderley (Orgs.) et al. *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LUCENA, Célia Regina P. de Toledo. *Refazendo Trajetórias: memórias de migrantes mineiros em São Paulo*(Jardim Barbacena, 1960 – 1995). São Paulo, PUC, 1997. Tese de Doutorado em História.

MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

MAISONNEUVE, Jean. *A Psicologia Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. (Coleção Universidade Hoje).

SCHNEIDER, Elisabeth. (Org.) *Manual de Normalização de Trabalhos Técnicos, Científicos e Culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

MARTINE, George e PELIANO, José Carlos. Migração, Estrutura Ocupacional e Renda nas Áreas Metropolitanas. In: *Migração Interna*. Fortaleza: Editora BNB, 1980. (Coletânea).

MARTINS, José de Souza. *A Chegada do Estranho*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

MARTINS, Paulo Henrique N. *O Amor e a Cultura da Cidade*. Recife, 1995. (Mimeografado).

MARTON, Scarlett. Nietzsche: consciência e inconsciente. In: *O Inconsciente: várias leituras*. São Paulo: Editora Escuta, 1991. p. 27 - 41.

MENEZES, Cláudia. *A Mudança: análise da ideologia de um grupo de migrantes*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MENEZES, Marilda Aparecida de. *Da Paraíba prá São Paulo e de São Paulo prá Paraíba*. Campina Grande, Universidade Federal da Paraíba, 1985. Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural.

---

\_\_\_\_\_. *Migração de Retorno: categorias ou experiência social?* Manchester, 1997. (Mimeografado).

---

\_\_\_\_\_. Practices of Resistance, life strategy and conscionsness. In: *Peasant-migrant workers; social net works and practices of resistance*. Ph. D. Thesi's. University of Manchester, 1997. p.214 - 217.

- MINAYO, C. de Souza (Org.). *Pesquisa Social*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MIRANDA, Júlia. *O Poder e a Fé: discurso e prática católicos*. Fortaleza: Edições UFC, 1987.
- MOSCOVICI, Serge. Introducción: el campo de la psicología social. In: MOSCOVICI, S. et al. *Psicología Social I*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1991. p. 17-37.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999. p. 7 - 16.
- MOURA, Margarida Maria. Festa no Sertão. São Paulo, CEM. In: *Revista Travessia*, nº 15, jan/abr 93. p. 22 - 25.
- NUNES, Edson de Oliveira. (Org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1978.
- OLIEVIRA, Fátima O. de. e WERBA, Graziela C. Representações Sociais. In: STREY, M. N. (Org.) *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 104 -117.
- OLIVER, Ruben George. A Cidade como Categoria Sociológica. In: OLIVER, R. G. *Urbanização e Mudança Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1984. Cap. 1, p. 13-29.
- PASTORE, José. *Desigualdade e Mobilidade Social no Brasil*. São Paulo: EDUSP( Editora da Universidade de São Paulo), 1980.

PATARRA, Neide L. Objeto e Campo da Demografia. In: *Dinâmica da população, teoria, métodos e técnicas de análise*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1991. p. 9 -11.

PERILLO, Sônia Regina e ARANHA, Valmir José. Tendências Recentes da Migração. In: *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, vl. 6, nº 3, revista da Fundação SEADE, 1992. p. 109 -115.

PERLONGUER, Nestor. *O Negócio do Michê*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. Territórios Marginais. *Saúde e Loucura*, nº 4. HUCITEC, São Paulo, 1996. p. 49 - 69.

PRETTO, Hermilo E. Elementos para uma teologia das migrações. In: Revista CEM - Centro de Estudos Migratórios. *Migrantes: êxodo forçado*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980. p. 80 - 95.

RENNER, Cecília H. e PATARRA, Neide L. Migrações. In: SANTOS, Jair L. F. et al. *Dinâmica da População, teoria, métodos e técnicas de análise*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1991. p. 236 – 260.

REVISTA TRAVESSIA; Revista do Migrante. São Paulo: CEM - Centro de Estudos Migratórios, 1988. Quadrimestral. Nºs 2, 5, 7, 15, 16, 22 e 25.

RODRIGUES, Aroldo. *Psicologia Social*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

ROLNIK, Suely. *Novas Figuras do Caos; mutações da subjetividade contemporânea*. III Congresso Internacional Latino Americano de Semiótica. PUC - SP. São Paulo: 04/09/1996. (Mimeografado).

SÁ, Celso Pereira de. *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALGADO, Plínio. *Como Nasceram as Cidades no Brasil*. Brasília: Vozes do Oeste, 1978.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE SÃO SEBASTIÃO DE LAGOA DE ROÇA. *Dados Históricos*, relatório 1998. (Mimeografado).

SILVA, José Pereira da. (Resumo) Subjetividade e migração: uma opção teórico-metodológica. In: *Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social*, nº 10. A Psicologia Social no Contexto Latino-Americano. São Paulo, 08-12 de outubro de 1999. Anais, p. 176 -177.

---

*Migração e Subjetividade: o poder do "retorno".*

Comunicação Oral apresentada no X Encontro Nacional de Psicologia Social: A Psicologia Social no Contexto Latino-Americano. São Paulo(USP), 8 a 12 de outubro de 1999.(Mimeografado).

SILVA, Maria A. de Moraes. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

SILVA, Nilza. Subjetividade. In: STREY, Marlene Neves. et al. *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 168-180.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – Um exemplo de sociologia pura ou formal. In: *Sociologia*. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SINGER, Paul. *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: Vozes, 1981.

SOUZA, Itamar de. *Migrações Internas no Brasil*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1980.

SPINK, Mary Jane.(Org.) *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_.(Org.) *O Conhecimento no Cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SUAREZ, Maria T. S. de Melo. *Cassacos e Corumbás*. São Paulo: Ática, 1977.

TERNES, José. *Michel Foucault e a Idade do Homem*. Goiânia: Editora da UFG, 1998.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1986.

WANDERLEY, Maria de N. Bandel. Territorialidade e Ruralidade no Nordeste: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: *Seminário Internacional; Planejamento e Desenvolvimento Territorial*, 1999. Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande. p.3 - 11.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1994.

XIMENES, Daniel de Aquino. Representação Social: o diálogo da Sociologia com a Psicologia Social. In: *PÓS, revista brasiliense de pós-graduação em ciências sociais*. Brasília, UNB, 1997. v. 1, nº1. p. 201 - 211. (Semestral).



IBGE – PNAD; *Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios*. Rio de Janeiro, 1970 e 1995.

IBGE – *IX Recenseamento Geral do Brasil*. Rio de Janeiro, nº 11, v. 1, tomo 4, 1980. (Censo Demográfico).

## DISCOGRAFIA

BELCHIOR. *Minha História*. CBS, 1976.

CALCANHOTO, Adriana. *A Fábrica do Poema*. SONY MUSIC, 1994.

CAZUZA. *Minha História*. POLYGRAM, 1988.

GONZAGA, Luiz. *Raízes Nordestinas*. EMI, 1989.

PANDEIRO, Jackson. *Forró do Jackson*. EMI, 1974.

\_\_\_\_\_. *Sua Majestade o Rei do Ritmo*. EMI, 1974.

\_\_\_\_\_. *Casaca de Couro*. SONY MUSIC, S/D.

RAMALHO, Eiba. , PANDEIRO, Jackson. e ARRUDA, Renata. *Made in Paraíba*. POLYGRAM, 1996.

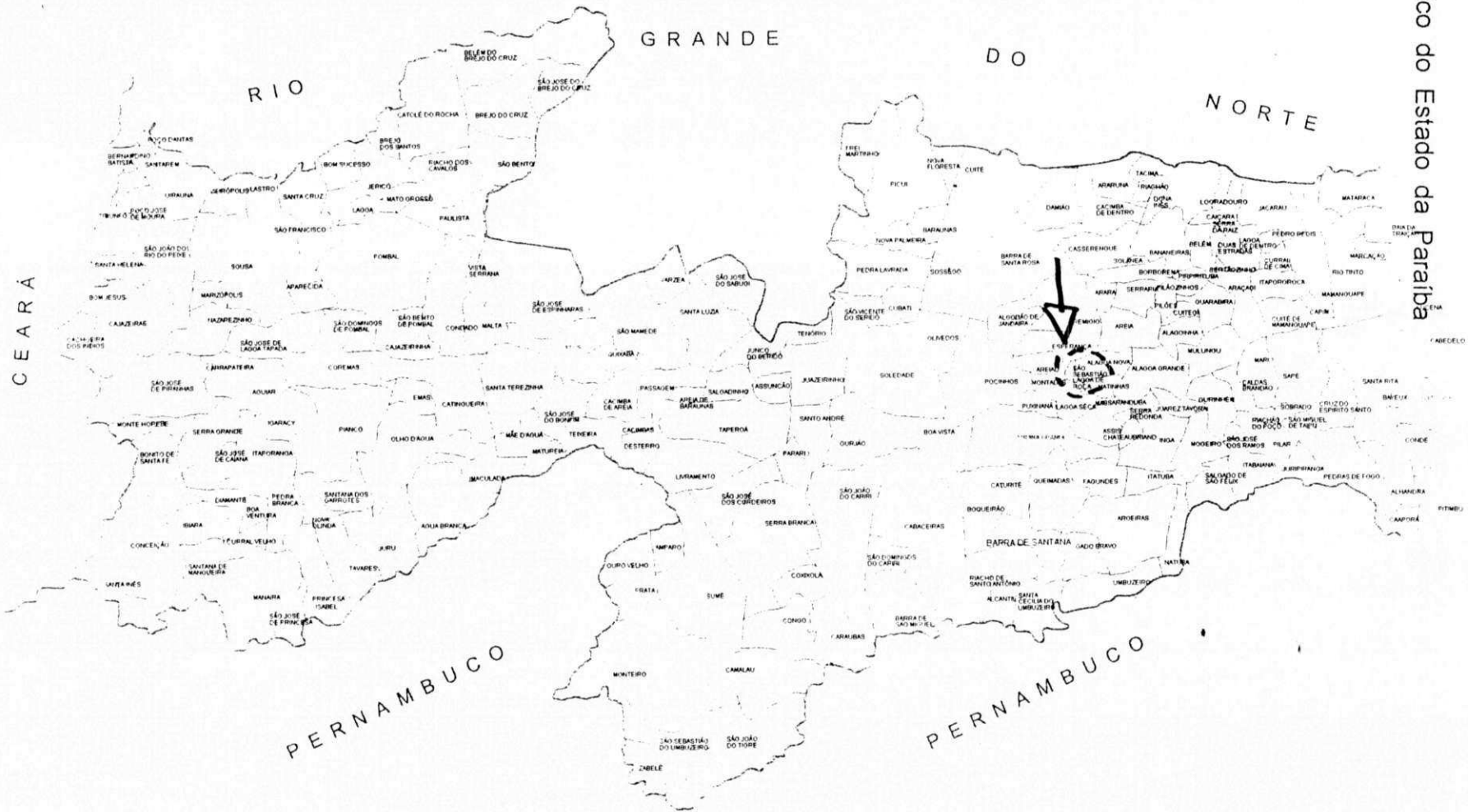
VELOSO, Caetano. *The best of Caetano Veloso*. POLYGRAM, 1998.

## **ANEXOS**

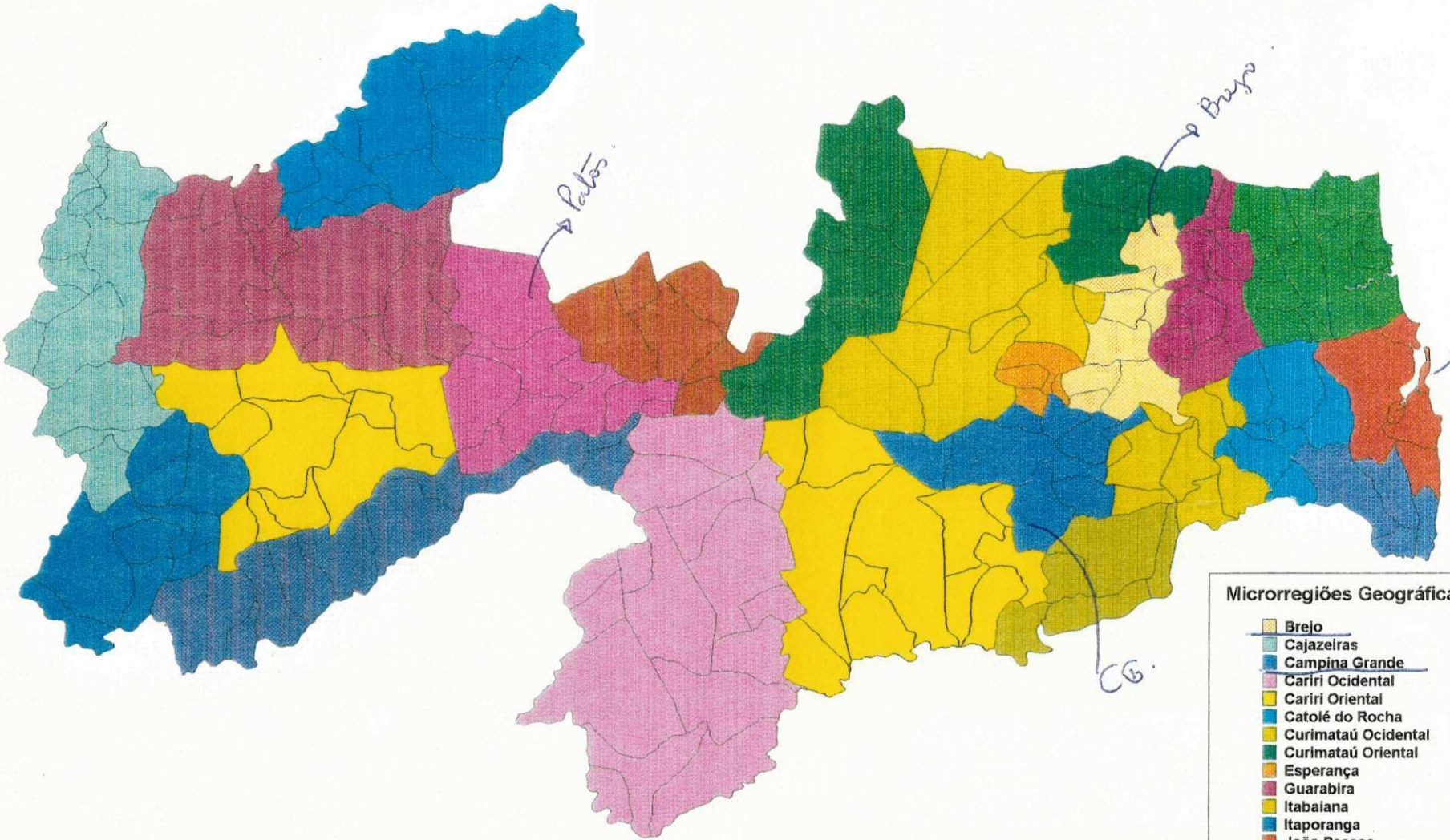
ANEXO A

Mapa Político do Estado da Paraíba

OCEANO ATLÂNTICO



ANEXO B  
 Microrregiões Geográficas da Paraíba



- Microrregiões Geográficas**
- Brejo
  - Cajazeiras
  - Campina Grande
  - Cariri Ocidental
  - Cariri Oriental
  - Catolé do Rocha
  - Curimataú Ocidental
  - Curimataú Oriental
  - Esperança
  - Guarabira
  - Itabaiana
  - Itaporanga
  - João Pessoa
  - Litoral Norte
  - Litoral Sul
  - Patos
  - Piancó
  - Sapé
  - Seridó Ocidental
  - Seridó Oriental
  - Serra de Teixeira
  - Sousa
  - Umbuzeiro

ANEXO C

Boletins de Urnas das Eleições Municipais de São Sebastião de Lagoa de  
Roça . Eleições 03/10/1996.

[1] [x] URNA APURADA [2] [ ] URNA ANULADA E APURADA EM SEPARADO

Município : SAO SEBASTIAO DE LAGOA DE ROÇA

Cód. Município Zona Seção Junta Turma Comparcimento  
[22039] [13º] [44] [União] [07] [219]

PREFEITO

QUADRO 100 - PREFEITO										
LIN	NOME DO CANDIDATO	COL. 1 N. CAN	COL. 2 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL. 3 N. CAN	COL. 4 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL. 5 N. CAN	COL. 6 VOTOS	COL. 7 FECHAMENTO
01	TOINHO DO BAR	15	125				BRANCOS	95	09	134
02	ANTONIO DONATO	22	79				NULOS	96	06	85
97	SOMA		204	SOMA			SOMA		15	219

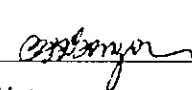
VEREADOR

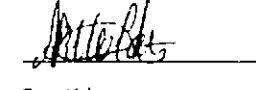
QUADRO 215 - PARTIDO PMDB										
LIN	NOME DO CANDIDATO	COL. 1 N. CAN	COL. 2 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL. 3 N. CAN	COL. 4 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL. 5 N. CAN	COL. 6 VOTOS	COL. 7 FECHAMENTO
01	RITA OLEGARIO	15601	01	RAMALHO	15620	04	ADEMIR	15660	07	12
02	INACIA CLAUDINO	15606	02	NINHA	15630	04	KATIA DE GOUVEIA	15661	03	09
03	PREA	15610	08	BASTO ALVES	15640	04	AIRTON JORGE	15666	15	27
04	CHIQUINHO DA CARAVAN	15611	16	HERIBERTO GREGORIO	15641	03	LEGENDA	15	01	20
05	ZEZINHO DO CARACOL	15615	03	TOINHO DE NAE	15650	08				11
97	SOMA		30	SOMA		23	SOMA		26	79

ATA

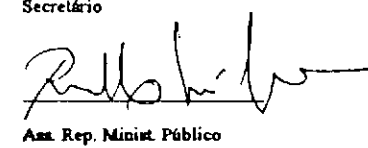
Em 03 de outubro de 1996, foi procedida a apuração da urna acima especificada, cujos resultados constantes dos quadros acima para eleição municipal, bem como das folhas e cargo, anexas, integram este Boletim de Urna para Processamento.

Histórico e observações no verso.

  
Presidente

  
Secretário

Nome Rep. Comitê Interpart.

  
Ass. Rep. Minist. Público

FISCAIS DE PARTIDO OU COLIGAÇÃO			
Sigla do Part. ou Coligação	RUBRICA	Sigla do Part. ou Coligação	RUBRICA







[1] [ ] URNA APURADA [2] [ ] URNA ANULADA E APURADA EM SEPARADO

Município : SAO SEBASTIAO DE LAGOA DE ROÇA

Cód. Município Zona Seção Junta Turma Comparecimento  
 [22039] [19070] [13<sup>o</sup>] [53<sup>o</sup>] [1<sup>o</sup>] [10-1] [231]

PREFEITO

QUADRO 100 - PREFEITO										
LIN	NOME DO CANDIDATO	COL. 1 N. CAM	COL. 2 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL. 3 N. CAM	COL. 4 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL. 5 N. CAM	COL. 6 VOTOS	COL. 7 FECHAMENTO
01	TOINHO DO BAR	15	136				BRANCOS	95	05	141
02	ANTONIO DONATO	22	85				NULOS	96	05	90
97	SOMA		221	SOMA			SOMA		10	231

VEREADOR

QUADRO 215 - PARTIDO PMDB										
LIN	NOME DO CANDIDATO	COL. 1 N. CAM	COL. 2 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL. 3 N. CAM	COL. 4 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL. 5 N. CAM	COL. 6 VOTOS	COL. 7 FECHAMENTO
01	BITA OLEGARIO	15601	04	RAMALHO	15620	04	ADEMIR	15660	14	22
02	INACIA CLAUDINO	15606	07	NINHA	15630	09	KATIA DE GOUVEIA	15661	02	18
03	PREA	15610	04	BASTO ALVES	15640	04	AIRTON JORGE	15666	09	17
04	CHIQUINHO DA CARAVAN	15611	08	HERIBERTO GREGORIO	15641	02	LEGENDA	15	01	11
05	ZEZINHO DO CARACOL	15615	14	TOINHO DE NAE	15650	08				22
97	SOMA		37	SOMA		27	SOMA		26	90

ATA

Em 3 de outubro de 1996, foi procedida a apuração da urna acima especificada, cujos resultados constantes dos quadros acima para eleição municipal, bem como das folhas e cargo, anexas, integram este Boletim de Urna para Processamento.

Histórico e observações ao verso.

Presidente

Secretário

Nome Rep. Comitê Interpart.

Ass. Rep. Minist. Público

FISCAIS DE PARTIDO OU COLIGAÇÃO			
Sigla do Part. ou Coligação	RUBRICA	Sigla do Part. ou Coligação	RUBRICA

[1] ] URNA APURADA [2] ] URNA ANULADA E APURADA EM SEPARADO

Município : SAO SEBASTIAO DE LAGOA DE ROÇA

Cód. Município Zona Seção Junta Turma Comparecimento  
 [22039] 19070 [13<sup>o</sup>] [56<sup>o</sup>] [1<sup>o</sup>] [10.1] [958]

PREFEITO

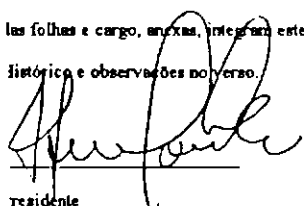
QUADRO 100 - PREFEITO										
LIN	NOME DO CANDIDATO	COL.1 N. CAN	COL.2 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL.3 N. CAN	COL.4 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL.5 N. CAN	COL.6 VOTOS	COL.7 FECHAMENTO
01	TOINHO DO BAR	15	156				BRANCOS	95	08	164
02	ANTONIO DONATO	22	87				NULOS	96	05	92
97	SOMA		243	SOMA			SOMA		13	250

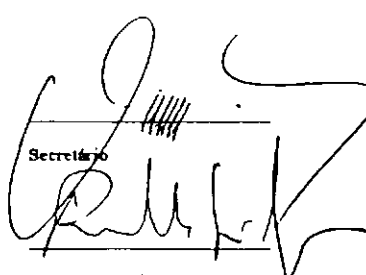
VEREADOR

QUADRO 215 - PARTIDO PMDB										
LIN	NOME DO CANDIDATO	COL.1 N. CAN	COL.2 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL.3 N. CAN	COL.4 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL.5 N. CAN	COL.6 VOTOS	COL.7 FECHAMENTO
01	RITA OLEGARIO	15601	09	RAMALHO	15620	08	ADEMIR	15660	05	15
02	INACIA CLAUDINO	15606	08	NINHA	15630	07	KATIA DE GOUVEIA	15661	02	17
03	PREA	15610	05	BASTO ALVES	15640	01	AIRTON JORGE	15666	19	25
04	CHIQUINHO DA CARAVAN	15611	11	HERIBERTO GREGORIO	15641	09	LEGENDA	15		13
05	ZEZINHO DO CARACOL	15615	07	TOINHO DE NAE	15650	14				21
97	SOMA		33	SOMA		39	SOMA		26	91

ATA

Em \_\_\_ de outubro de 1996, foi procedida a apuração da urna acima especificada, cujos resultados constantes dos quadros acima para eleição municipal, bem como as folhas e cargo, anexas, integram este Boletim de Urna para Processamento. Histórico e observações no verso.

  
 residente

  
 Ass. Rep. Minist. Público

Nome Rep. Comitê Interpart.

FISCAIS DE PARTIDO OU COLIGAÇÃO

Sigla do Part. ou Coligação	RUBRICA	Sigla do Part. ou Coligação	RUBRICA

[1]  URNA APURADA [2]  URNA ANULADA E APURADA EM SEPARADO

Município : SAO SEBASTIAO DE LAGOA DE ROÇA

Cód. Município [22039] Zona 13ª Seção 1059 Junta Unicec Turma 1071 Comparecimento 1309

PREFEITO

QUADRO 100 - PREFEITO										
LIN	NOME DO CANDIDATO	COL. 1 N. CAN	COL. 2 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL. 3 N. CAN	COL. 4 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL. 5 N. CAN	COL. 6 VOTOS	COL. 7 FECHAMENTO
01	TOINHO DO BAR	15	177				BRANCOS	95	08	185
02	ANTONIO DONATO	22	119				NULOS	96	05	124
97	SOMA		296	SOMA			SOMA		13	309

VEREADOR

QUADRO 215 - PARTIDO PMDB										
LIN	NOME DO CANDIDATO	COL. 1 N. CAN	COL. 2 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL. 3 N. CAN	COL. 4 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL. 5 N. CAN	COL. 6 VOTOS	COL. 7 FECHAMENTO
01	RITA OLEGARIO	15601	06	RAMALHO	15620	06	ADEMIR	15660	06	18
02	INACIA CLAUDINO	15606	06	NINHA	15630	07	KATIA DE GOUVEIA	15661	09	22
03	PREA	15610	07	BASTO ALVES	15640	05	AIRTON JORGE	15666	09	21
04	CHIQUINHO DA CARAVAN	15611	16	HERIBERTO GREGORIO	15641	02	LEGENDA	15	01	19
05	ZEZINHO DO CARACOL	15615	17	TOINHO DE NAE	15650	11				28
97	SOMA		52	SOMA		31	SOMA		25	108

ATA

Em 03 de outubro de 1996, foi procedida a apuração da urna acima especificada, cujos resultados constantes dos quadros acima para eleição municipal, bem como das folhas e cédulas anexas, integram este Boletim de Urna para Processamento. Histórico e observações no verso.

Presidente

Secretário

Nome Rep. Comitê Interpat.

Ass. Rep. Minist. Público

FISCAIS DE PARTIDO OU COLIGAÇÃO			
Sigla do Part. ou Coligação	RUBRICA	Sigla do Part. ou Coligação	RUBRICA



[1] X ] URNA APURADA [2] [ ] URNA ANULADA E APURADA EM SEPARADO

Município : SAO SEBASTIAO DE LAGOA DE ROÇA

Cód. Município [22039] Zona [13] Seção [71] Junta [01] Turma [01] Comparecimento [248]

PREFEITO

QUADRO 100 - PREFEITO										
LIN	NOME DO CANDIDATO	COL.1 N. CAN	COL.2 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL.3 N. CAN	COL.4 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL.5 N. CAN	COL.6 VOTOS	COL.7 FECHAMENTO
01	TOINHO DO BAR	15	162				BRANCOS	95	03	165
02	ANTONIO DONATO	22	77				NULOS	96	06	83
97	SOMA		239	SOMA			SOMA		09	248

VEREADOR

QUADRO 215 - PARTIDO PMDB										
LIN	NOME DO CANDIDATO	COL.1 N. CAN	COL.2 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL.3 N. CAN	COL.4 VOTOS	NOME DO CANDIDATO	COL.5 N. CAN	COL.6 VOTOS	COL.7 FECHAMENTO
01	RITA OLEGARIO	15601	05	RAMALHO	15620	11	ADEMIR	15660	10	26
02	INACIA CLAUDINO	15606	06	NINHA	15630	08	KATIA DE GOUVEIA	15661	03	17
03	PREA	15610	06	BASTO ALVES	15640	05	AIRTON JORGE	15666	15	26
04	CHIQUINHO DA CARAVAN	15611	18	HERIBERTO GREGORIO	15641	-	LEGENDA	15		18
05	ZEZINHO DO CARACOL	15615	18	TOINHO DE NAE	15650	15				33
97	SOMA		53	SOMA		39	SOMA		28	120

ATA

Em 3 de outubro de 1996, foi procedida a apuração da urna acima especificada, cujos resultados constam dos quadros acima para eleição municipal, bem como das folhas e cédulas anexas, integram este Boletim de Urna para Processamento. Histórico e observações no verso.

Presidente

Secretário

Nome Rep. Comitê Interpart.

Ass. Rep. Minist. Público

FISCAIS DE PARTIDO OU COLIGAÇÃO

Sigla do Part. ou Coligação	RUBRICA	Sigla do Part. ou Coligação	RUBRICA
PMDB	888 campo		

